

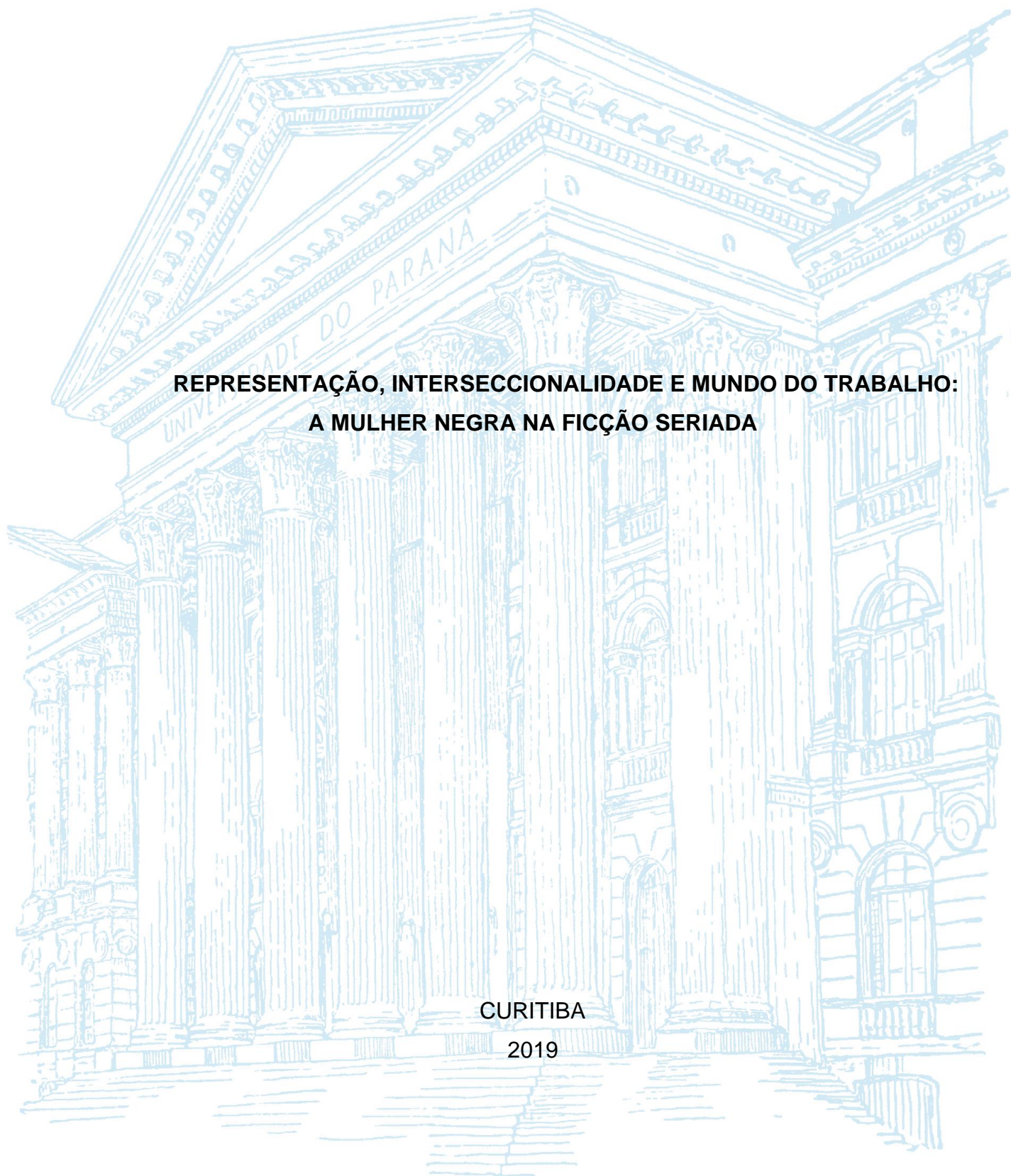
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JOSIANE PAIXÃO DOS SANTOS

**REPRESENTAÇÃO, INTERSECCIONALIDADE E MUNDO DO TRABALHO:  
A MULHER NEGRA NA FICÇÃO SERIADA**

CURITIBA

2019



JOSIANE PAIXÃO DOS SANTOS

**REPRESENTAÇÃO, INTERSECCIONALIDADE E MUNDO DO TRABALHO:  
A MULHER NEGRA NA FICÇÃO SERIADA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Comunicação Social com ênfase em Relações Públicas, na Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Regiane Regina Ribeiro

CURITIBA

2019

## FICHA CATALOGRÁFICA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

### AVALIAÇÃO DA APRESENTAÇÃO ORAL DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

**NOME DO ALUNO(A):** JOSIANE PAIXÃO DOS SANTOS  
**TÍTULO:** REPRESENTAÇÃO, INTERSECCIONALIDADE E MUNDO  
**DO TRABALHO:** A MULHER NEGRA NA FICÇÃO SERIADA.

#### LOCAL E DATA DA APRESENTAÇÃO ORAL:

Sede do Departamento de Comunicação Social da UFPR,  
realizada na sala 8, no dia 04/12/19, às 09h00.

BANCA EXAMINADORA – PROFESSORES	NOTA
REGIANE REGINA RIBEIRO (orientadora)	10.0
VALQUIRIA MICHELA JOHN	10.0
NATALIA LUIZA DE SOUZA (convidada)	10.0
<b>MÉDIA FINAL:</b>	10.0

BANCA EXAMINADORA	ASSINATURA
REGIANE REGINA RIBEIRO	
VALQUIRIA MICHELA JOHN	
NATALIA LUIZA DE SOUZA	

Curitiba, 04 de dezembro de 2019.

***A todos os amigos e familiares que irão cursar o ensino superior. Este trabalho é a prova de que a universidade pública é um sonho possível.***

## AGRADECIMENTOS

Quando aos 16 anos decidi que iria cursar o ensino superior em uma universidade pública, essa convicção representava mais que a mera vontade de estudar em uma instituição de renome no país. Ela, respondia a uma lógica da minha cabeça: Se eu estudei toda minha vida em escolas públicas, eu também devo cursar a universidade pública. Por isso, sempre me senti pertencente a esse espaço, pois tenho certeza que a universidade pública é o lugar para estar enquanto mulher negra, pobre, favelada e aspirante a pesquisadora. Dessa forma, agradeço a todos que estiveram comigo e me ajudaram a tornar esse sonho possível.

Em primeiro lugar minha mãe Jocilene Paixão, por sempre ter acreditado em mim e apoiado minhas decisões. Obrigada por ter sido minha companheira durante a trajetória de escrever este trabalho. Aos meus familiares, em especial minha tia Joanidia e minha prima Jociane, vocês me fazem querer ser cada vez melhor.

Agradeço também a Universidade Federal do Paraná, que me deu todo o suporte necessário para que eu conseguisse finalizar minha graduação. A Casa da Estudante Universitária de Curitiba, que apesar de todas as dificuldades, me abrigou, acolheu e foi meu Lar em Terra Estranha. A minha querida professora orientadora Regiane Ribeiro, por desde o início da graduação entender minhas dificuldades, ter me apoiado e contribuído para com o meu amor pela pesquisa. Aos professores que me ensinaram mais do que os ofícios da formação e me auxiliaram a enxergar o mundo de maneira crítica e lutar em prol dos meus direitos enquanto cidadã: Kelly Prudêncio, Luís Santos, Milene Rocha, Denise Stacheski e Carla Rizzotto, levarei comigo todos os valiosos ensinamentos de vocês.

Aos meus queridos amigos Thárcilo Ipá, Aline Monteiro, Arthur Jesus, Elissandra dos Santos e Juliana Cerqueira, vocês coloreem os meus dias, obrigada por serem meu porto seguro nos momentos de crise. E a todos que foram minha família em Curitiba, Catarina Asprino, Rebeca Santos, Bruno Aguiar, Pedro Macedo, Douglas Lopes, Júlia Campos, Kevin Lucas, Carol Kuviatkoski, Giovana Abraham, Mayara Paiva e Juliana Firmino, sem vocês tudo teria sido muito mais difícil.

“A única coisa que separa mulheres negras de  
qualquer outra pessoa é oportunidade.”

**Viola Davis**

## RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como temática uma análise da representação de duas protagonistas negras, a advogada Annalise Keating de *How to Get Away With a Murder*, e a artista Nola Darling de *She's Gotta Have It*. O objetivo geral do trabalho é compreender de que forma a representação dessas personagens, principalmente, na sua relação com o mundo do trabalho, ajudam a desconstruir estereótipos de gênero, sexualidade e raça. Tendo em vista que as representações possuem efeitos reais e regulam práticas sociais, elas interferem no posicionamento das mulheres na sociedade e, conseqüentemente, no mundo do trabalho e das organizações. Assim, este estudo discute feminismo, raça, interseccionalidade, representação social, trabalho e a relação intrínseca disso tudo com o mundo das organizações, objeto de Relações Públicas. Os procedimentos metodológicos utilizados foram a pesquisa bibliográfica e análise, conforme adaptação do modelo “Relógio das Personagens” proposto por Jens Eder. Por meio dessa investigação, foi possível constatar que as personagens rompem com os estereótipos atribuídos à mulher negra no âmbito do mundo do trabalho, e ressignificam muitas das noções construídas socialmente a respeito da sexualidade feminina negra. No entanto, também retomam concepções negativas que constroem os estereótipos relativos ao grupo e reafirmam alguns dos modelos hegemônicos de representação.

Palavras-chave: Mulheres Negras; Interseccionalidade; Trabalho; Ficção Seriada; Personagens Negras.



## **ABSTRACT**

This final paper has as a subject a study about the representation of two black protagonists, the lawyer Annalise Keating of *How to Get Away With a Murder*, and the artist Nola Darling of *She's Gotta Have It*. The main focus of this paper is to understand how the image portrayed by these characters, especially in their involvement with the labour market, helps to dismantle stereotypes of gender, sexuality and race. Owing to that the representations have substantial effects and regulate social behaviours, it interferes the position of women in society and, consequently, in the labour market and organizations. Hence, this study addresses feminism, race, intersectionality, social representation, labour and the intrinsic relationship of it all among the world of organizations, the object of Public Relations. The methodological procedures used in this paper were bibliographic researches and analysis, according to the adaptation of the "Clock of Character" model proposed by Jens Eder. Throughout this research, it was found that the characters burst the stereotypes attributed to black women in the labour market and, resignify many of the socially constructed perceptions concerning black female sexuality. Notwithstanding, they also reoccur negative conceptions that build stereotypes related to the group and, reaffirm some of the hegemonic models of representation.

**Keywords:** Black Women; Intersectionality; Labour; Serial fiction; Black characters.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - MODELO DE ANÁLISE “RELÓGIO DE PERSONAGENS” .....	77
FIGURA 2 - ESQUEMA ADAPTADO .....	78
FIGURA 3 - ANNALISE KEATING NA 3ª TEMPORADA .....	81
FIGURA 4 - ANNALISE FRAGILIZADA COM TRAIÇÃO DO MARIDO.....	84
FIGURA 5 - ANNALISE COM OLHAR DESESTABILIZADO APÓS SER CONFRONTADA PELOS ALUNOS.....	87
FIGURA 6 - NOLA DARLING SE APRESENTA.....	94
FIGURA 7 - NOLA É ASSEDIADA.....	95
FIGURA 8 - DA ESQUERDA PARA A DIREITA; JAMIE OVERSTREET, MARS BLACKMON E GREER CHILDS.....	98

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2 FEMINISMO E INTERSECCIONALIDADE .....</b>	<b>17</b>
2.1 O MOVIMENTO FEMINISTA .....	17
2.2 FEMINISMO NEGRO .....	22
2.3 UM OLHAR INTERSECCIONAL AOS FEMINISMOS .....	35
2.3.1 OS CONCEITOS DE RAÇA, COR E IDENTIDADE .....	40
<b>3 REPRESENTAÇÃO SOCIAL E FICÇÃO SERIADA .....</b>	<b>47</b>
3.1 STUART HALL E O CONCEITO DE REPRESENTAÇÃO SOCIAL .....	47
3.2 A FICÇÃO SERIADA E SEUS DESDOBRAMENTOS .....	53
3.3 O LUGAR DAS PERSONAGENS NEGRAS NA FICÇÃO SERIADA .....	58
<b>4 MUNDO DO TRABALHO .....</b>	<b>65</b>
4.1 MUNDO DO TRABALHO: CONEXÕES COM GÊNERO E RAÇA .....	65
4.2 REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NO MUNDO DO TRABALHO E SUA CONEXÃO COM RELAÇÕES PÚBLICAS .....	72
<b>5 PROTOCOLO METODOLÓGICO E ANÁLISES .....</b>	<b>75</b>
5.1 ANÁLISE: ANNALISE KEATING .....	78
5.2 ANÁLISE: NOLA DARLING .....	90
5.3 O MUNDO DO TRABALHO COMO LUGAR DAS REPRESENTAÇÕES .....	102
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>105</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>109</b>
<b>ANEXO 1 – MULHERES NEGRAS NO MERCADO DE TRABALHO .....</b>	<b>116</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso, objetiva analisar de que forma a representação de duas protagonistas negras, de diferentes séries disponíveis na plataforma de streaming NETFLIX, pode colaborar para desconstrução de estereótipos de gênero e raça. Além disso, o trabalho tenciona discutir os aspectos de construção identitária da mulher negra em um contexto interseccional; evidenciar os principais estereótipos atribuídos a esse grupo; expor o papel da mídia, mais especificamente das séries, no processo de produção de sentido sobre a mulher negra. E por fim, a partir das análises, identificar as rupturas e ressignificações que as personagens apresentam, com relação aos estereótipos relacionados as mulheres negras dentro das categorias de sexualidade e mundo do trabalho.

Para a pesquisa, foram delimitadas as personagens Annalise Keating (Viola Davis) de *How to Get Away with a Murder* e Nola Darling (DeWanda Wise) de *She's Gotta Have It*. Busca-se averiguar de que forma essas mulheres são representadas, considerando as categorias: gênero, raça, sexualidade e mundo do trabalho. A escolha das personagens se deu graças a hipótese de que as mesmas apresentam uma potencialidade em romper com rótulos e estereótipos atribuídos à mulher negra. Assim, pretende-se também evidenciar a importância da representação midiática como fator que pode contribuir ou romper com as relações de poder que contribuem para opressões de gênero e raça.

*How to Get Away With Murder* (HTGAWM), é uma série de drama transmitida pela emissora estadunidense ABC desde 2014. Na série, disponível na NETFLIX desde 2015, a famosa advogada e professora universitária Annalise Keating, contrata cinco dos seus melhores estudantes de direito para trabalharem em sua empresa. A professora se propõe a ensinar tudo o que eles precisam saber sobre “como se livrar de um assassinato”<sup>1</sup>. Exibida no Brasil pela rede Globo em 2017, a série foi traduzida para “Lições de um crime”, sendo motivo de piada na internet<sup>2</sup>. O lançamento de sua primeira temporada aconteceu em 2014 e atualmente está na sexta e última temporada (2019). A série foi criada por Peter Nowalk e tem como

---

<sup>1</sup> Tradução mais conhecida entre os fãs.

<sup>2</sup> Disponível em <<https://emails.estadao.com.br/noticias/tv,traducao-de-how-to-get-away-with-murder-na-globo-vira-piada,70001882281>> Acesso em 15 mai. 2019.

produtora executiva a cineasta, roteirista e produtora de televisão norte-americana Shonda Rhimes.

A série *She's Gotta Have It* (SGHI) é uma adaptação do filme homônimo feito pelo produtor, cineasta, ator e escritor norte-americano Spike Lee, para a NETFLIX. A produção narra o cotidiano da jovem artista Nola Darling, que se relaciona com três homens diferentes e uma mulher. A personagem é uma artista negra poliamorosa, pansexual e pró-sexo. Com duas temporadas, a série foi ao ar em 2017 e teve o último episódio exibido em maio de 2019.

A delimitação do tema se deu principalmente por três fatores. Enquanto mulher negra, poucas vezes me vi representada pela mídia durante a infância. As raras mulheres que vi protagonizar novelas, por exemplo, se encontravam sempre em posições subalternas como empregadas ou em papéis de escravas nas novelas abolicionistas. No círculo de pessoas do meu cotidiano, não conheci ninguém que teve a oportunidade de cursar universidade e pudessem servir como inspiração para mim. Nesse sentido, a representação da mulher negra na televisão teve grande influência sobre a forma com que eu idealizava minhas perspectivas de futuro.

A não-presença de negros nos veículos de comunicação é responsável por aumentar as estatísticas de invisibilidade dos negros e consequentemente reforçar o lugar/posição a qual pertence dentro da sociedade. (BUENO, 2016, pág. 41)

Foi graças a inconformidade com as opressões que vivenciei, ao apoio familiar para me dedicar aos estudos, e ao sistema de cotas, que tive a oportunidade de ser a primeira da família a cursar uma universidade pública federal. Desta forma, as representações que me cercaram não contribuíram e tampouco influíram na minha decisão em buscar conhecimento. Por isso, a primeira justificativa para a escolha do tema gira em torno de uma inquietação pessoal com a reprodução dos estereótipos relacionados a mulher negra. Alguns fatores tornam a experiência deste trabalho ainda mais significativa para mim, dentre eles minha vivência como mulher negra periférica, a relação que tive durante a faculdade com outras mulheres economicamente vulneráveis na Casa da Estudante Universitária de Curitiba onde morei, e minha atuação dentro de coletivos negros na UFPR. Em razão disso, contestar esses estereótipos que arrancam da mulher negra sua individualidade e emancipação, significa resistir a uma estratégia ideológica que visa reiterar relações

de poder que me colocam, nos colocam, em local de submissão - profissionalmente, sexualmente, no núcleo familiar, etc.

Enquanto estudante universitária, iniciei os estudos em representação social em 2016, quando entrei no NEFICS- Núcleo de Estudos em Ficção Seriada, como pesquisadora de iniciação científica na UFPR. Em minha pesquisa, realizei um mapeamento da representação da mulher latina no audiovisual americano, especificamente nas personagens de *Orange is The New Black*<sup>3</sup>. Com o mapeamento realizado foi possível comprovar nossas hipóteses acerca da representação da mulher latina, a qual é caracterizada sob uma perspectiva de pobreza, criminalidade, ignorância, maternidade numerosa, agressividade e padronização estética. Como consumidora assídua dos conteúdos disponibilizados pela NETFLIX, tanto pela necessidade graças a pesquisa quanto por diversão, passei a observar criticamente a forma com que a plataforma apresenta os protagonistas negros de modo geral, e como algumas personagens destacavam-se como um ponto fora da curva, se comparadas com as frequentes representações que reafirmam estereótipos de gênero e raça. Assim, a segunda justificativa se apresenta neste contexto de intimidade com o tema, em razão da iniciação científica.

Por fim, entende-se que mais do que afetar a forma com que o negro entende a si próprio, as representações que são produzidas a seu respeito contribuem para um imaginário comum, visto que a ligação entre representação e o seu significado é definido socialmente. Trata-se, portanto, de um fenômeno que possibilita com que os indivíduos compartilhem sentidos e significados para viver em sociedade. Logo, a terceira justificativa se encontra na importância social do tema e na urgência do debate, uma vez que, tais estereótipos que constroem o imaginário comum a respeito da mulher negra, em específico, se perpetuam por séculos e interferem ativamente em suas realidades.

Após a Revolução Industrial, as relações de trabalho sofreram fortes mudanças, conforme aponta Cominesi (2002, p. 15) a mesma é “como um marco no que se refere às transformações no mercado de trabalho, na produção de mercadorias, na forma de contratar a mão de obra e nas relações de trabalho entre patrão e empregado”. No sistema capitalista contemporâneo, essas relações são

---

<sup>3</sup> Série produzida em 2013 pela NETFLIX, traduzida como “Laranja é o novo preto”.

apoiadas na divisão sexual do trabalho, a qual se apresenta de forma acentuada no que diz respeito ao trabalho feminino. Kergoat (2003), atribui dois princípios organizadores da divisão sexual do trabalho: a) o princípio da separação, o qual determina a existência do trabalho masculino e o feminino e b) o princípio de hierarquização, o qual atribui que o trabalho masculino é de maior valor que o trabalho feminino. Discorrer acerca da representação da mulher negra no âmbito do trabalho, é trazer à tona a problemática das relações de poder existentes entre as categorias de gênero e raça na sociedade (JODELET, 1993).

No que diz respeito a minha área de formação profissional, esta pesquisa propõe colocar em foco a importância em debater o tema da representação da mulher negra dentro das organizações, onde o profissional possui um papel ativo. Ainda que toda conceituação da profissão leve em consideração um recorte histórico e a ideologia do autor, é comumente usada por parte dos profissionais e estudantes da área a definição da Associação Brasileira de Relações Públicas (ABRP):

Entende-se por Relações Públicas o esforço deliberado, planejado, coeso e contínuo da alta administração, para estabelecer e manter uma compreensão mútua entre uma organização, pública ou privada, e seu pessoal, assim como entre essa organização e todos os grupos aos quais está ligada, direta ou indiretamente. (ANDRADE, 2001, p. 41)

Durante a graduação, concebi a profissão de Relações Públicas mais do que a função estratégica de gestor da comunicação. Atribui a ela de modo particular, um dever social que busca harmonizar as relações entre instituições, grupos e pessoas, tendo em vista o bem-estar social. Compartilho do ideal de Peruzzo, estudiosa da comunicação popular e comunitária, que acredita na comunicação como fator de transformação social para a construção de uma sociedade mais justa (2004). Por “estarem comprometidas com a realidade concreta e com as necessidades e interesses majoritários da população sofrida, impossibilitada de usufruir dos direitos plenos de cidadania” (PERUZZO, 1993, p.1), explicar a respeito da quebra de estereótipos de gênero e raça, principalmente no mundo do trabalho e das organizações, também é responsabilidade das Relações Públicas.

Vale ainda ressaltar que mais do que conceitos teóricos, a UFPR me instigou a enxergar o mundo em sua complexidade de maneira crítica, a compreender os fatos históricos que motivam as representações deturpadas de minorias que, segundo João Freire Filho, “circulam contradiscurso, com o objetivo de construir

interpretações oposicionistas de suas identidades, seus interesses e suas necessidades” (2005, p.27). Por essa razão a pesquisa é uma possibilidade de chamar atenção para o debate e fornecer críticas para que representações dominantes sejam desconstruídas e novas representações possam ser elaboradas. Parafraseando Lélia Gonzalez, enquanto mulheres negras, pobres e periféricas “sentimos a necessidade de aprofundar nessa reflexão, ao invés de continuarmos na reprodução de repetição dos modelos que nos eram oferecidos pelo esforço de investigação das ciências sociais” (1984, p.225). Assim, proponho expor aqui com embasamento teórico e análise qualitativa, a importância de tais personagens, bem como as contradições existentes na representação de mulheres negras fortes, livres e bem resolvidas da ficção seriada.

A monografia está dividida da seguinte maneira; três capítulos teóricos, um para as análises e um para as considerações finais. A primeira ponderação teórica, objetiva conceituar e compreender o surgimento do feminismo dito tradicional e a necessidade da articulação das mulheres negras em torno do feminismo negro. Na sequência, estende-se o debate com o emprego da perspectiva interseccional para refletir os feminismos. O terceiro capítulo discorre sobre o conceito de representação social, comenta a produção acadêmica em torno da ficção seriada e exemplifica o novo lugar ocupado pelas mulheres negras nas séries.

No quarto capítulo, são desenvolvidos conceitos sobre trabalho, apresenta-se o panorama da situação da mulher negra no mundo do trabalho e a importância do Relações Públicas discutir o tema. No quinto capítulo são apresentadas as duas abordagens metodológicas utilizadas para a elaboração deste trabalho, a pesquisa bibliográfica e a adaptação do modelo de análise “Relógio das Personagens” de Jens Eder (2014). Também, é apresentado no tópico 5.3 uma articulação entre as personagens e sua relação com o mundo do trabalho propriamente dito. Por fim, no sexto e último capítulo, finaliza-se o trabalho com as considerações finais.



## 2 FEMINISMO E INTERSECCIONALIDADE

Neste capítulo serão explanados os conceitos de feminismo, feminismo negro e interseccionalidade. Antes de introduzir as ideias defendidas pelo feminismo interseccional, no item 2.3, guiaremos nosso olhar para a compreensão do feminismo em sua historicidade. O subcapítulo 2.1 irá tratar especificamente do feminismo dito tradicional<sup>4</sup>, seus princípios, conquistas e críticas. A partir de uma revisão bibliográfica, o tópico 2.2 irá expor as principais reflexões acerca do movimento feminista negro nos Estados Unidos e no Brasil. Por fim, o subcapítulo 2.3 buscará discutir o feminismo a partir de um olhar interseccional. O objetivo da perspectiva interseccional é trazer a reflexão de como além das injustiças relacionadas a gênero, a mulher está sujeita a sofrer outros tipos de opressão de acordo com sua cor, etnia, classe e identidade de gênero.

### 2.1 O MOVIMENTO FEMINISTA

No desenvolvimento da humanidade, o papel da mulher foi submetido a um determinismo biológico. Segundo Piscitelli (2001) “postula-se uma relação direta entre a biologia, aspectos da personalidade e comportamento, na qual a biologia tem prioridade, essa hierarquização do sexo biológico estabelece complexas relações de poder que colocam as mulheres em situação de inferioridade. Considerando as ideias de Bourdieu (1995), as mulheres estão associadas ao ambiente do “cuidar doméstico”, dando a aparência de algo “natural” a uma identidade que lhes foi socialmente imposta, através do poder patriarcal.

[...] este programa social naturalizado constrói - ou institui - a diferença entre os sexos biológicos de acordo com os princípios de divisão de uma visão mítica do mundo, princípios que são eles próprios o produto da relação arbitrária de dominação dos homens sobre as mulheres, a qual está inscrita na realidade do mundo, enquanto estrutura fundamental da ordem social. Por isso, faz aparecer a diferença biológica entre os corpos masculino e feminino [...] como a justificação indiscutível da diferença socialmente construída entre os sexos. (BOURDIEU, 1995, p. 145, grifo nosso)

---

<sup>4</sup> Feminismo tradicional é aqui caracterizado como um movimento de lutas por igualdade de direitos encabeçado por mulheres brancas, de classe média alta e intelectualizadas. (RIBEIRO, 2006; AZEREDO, 1994.)

Deste modo, quando Simone de Beauvoir escreveu ainda em 1949 “O segundo sexo”, e disse que “não se nasce mulher, torna-se mulher”, sintetiza o ideal da desnaturalização do ser mulher, ou seja, a quebra da práxis a qual Bourdieu tratou anos depois. O feminismo nasce, portanto, da tomada de consciência das mulheres frente a sua posição de subordinação, e caracteriza-se pela luta coletiva em busca da emancipação política e conquistas de direitos iguais. Assim, enfrenta o sistema de dominação que as colocam em lugar de submissão e propõe a transformação dessa realidade (SILVA e CAMURÇA, 2010).

Feminismo é o instrumento teórico que permite dar conta da construção de gênero como fonte de poder e hierarquia que impacta mais negativamente sobre a mulher. É a lente através da qual as diferentes experiências das mulheres podem ser analisadas criticamente com vistas a reinvenção de mulheres e de homens fora dos padrões que estabelecem a inferioridade de um em relação ao outro. (GRANT, 1991 apud BARROS, 1995, p. 462)

O feminismo é um movimento moderno, que têm suas gêneses nas ideias liberais perpetuadas pela Revolução Francesa de 1789 (COSTA e SARDENBERG, 2008). A partir do advento do capitalismo, as relações sociais sofreram mudanças com vistas a possibilitar o desenvolvimento do novo sistema econômico. No âmbito da família, o homem provedor é obrigado a vender sua força de trabalho para o mercado caso queira obter capital. A mulher, que antes atuava apenas na esfera privada, é logo vista como um objeto de interesse da burguesia e rapidamente requisitada para o trabalho na produção fabril.

A condição de inferioridade à qual a mulher já vinha submetida, será importante objeto de interesse da burguesia, ávida em acumular riqueza. Sua passividade e submissão dentro do mundo doméstico, desenvolvida durante uma longa história de subordinação, serão utilizadas para impor-lhe o pagamento de salários inferiores aos do homem e jornadas do trabalho excessivas e insalubres, favorecendo assim a extração de uma mais-valia absoluta ainda maior. (COSTA e SARDENBERG, 2008 p.25)

Aos poucos, as mulheres passaram a ter uma dupla jornada de trabalho, no espaço privado do lar e no espaço público da convivência social fora do ambiente doméstico. Porém, se já sofriam abusos dentro de casa ao tentarem reproduzir o modelo ideal de esposa, onde tinham que ser apêndices e serviçais de seus maridos; e de mães enquanto instrumentos passivos de reposição da vida humana (DAVIS, 2016), nas fábricas a condição da mulher não seguiu um caminho diferente.

Perrot destaca que os patrões consideravam as operárias francesas “dóceis” e fáceis de manipular, acostumadas a obedecer (2005). Essa visão era reforçada pela fraca organização sindical feminina. No Brasil, observa-se a mesma situação tempos depois. No início do século XIX, os chefes de serviços preferiam contratar moças por serem mais pacientes, dóceis e dedicadas ao serviço, “as moças não fumam, nem se levantam de cinco em cinco minutos como os rapazes” (PINHEIRO e HALL, 1981 p. 139).

Ao passo que a Europa e em sequência os Estados Unidos, vivenciavam revoluções em todas as esferas da vida social devido ao novo modelo econômico, “no Brasil e demais países da América Latina, ainda se vivia sob um regime colonial, escravocrata, patriarcal” (COSTA e SARDENBERG, 2008, p. 32).

Fosse na Casa Grande ou nos sobrados burgueses do Brasil Colônia, a situação da mulher brasileira era bastante precária. Sobretudo porque a família patriarcal se estabelecia segundo as “Ordenações de Portugal”, dando ao marido não só amplos poderes, mas ainda o cruel direito de castigar fisicamente sua mulher. Ademais, nas classes dominantes, a mulher era confinada no interior da casa, sob as ordens de um marido (ou pai) distante e autoritário, rodeado de escravos e concubinas. Seu papel principal era o de reprodutora. (COSTA e SARDENBERG, 2008, p. 33)

Decerto que as mulheres negras escravizadas vivenciavam uma exploração muito mais grave, inclusive por sofrerem opressão também das mulheres brancas (como era o caso da relação entre escravas e sinhás). Contudo, embora as trabalhadoras fossem nominalmente livres, eram exploradas de forma visceral, trabalhavam em locais insalubres e com péssimos salários.

As mulheres recebiam salários menores do que os homens, às vezes menos da metade, e, submetidas às mesmas condições de exploração, sofriam também com o assédio e até a violência sexual por parte de empregadores e contramestres. (TOLEDO, 2017, p. 508)

Deste modo, assegurados pelo ideal patriarcal de superioridade, os grandes comerciantes e industriais utilizavam da mão de obra feminina com grande vigor, visto que era eficiente, mais barata, “dócil” e passível de outros tipos de abusos.

A primeira corrente do movimento feminista internacional foi o sufragista. Com base nos princípios de igualdade, as mulheres reivindicavam o direito ao voto e a uma série de reformas jurídicas que lhes assegurariam direitos iguais. Essa corrente se desenvolveu primeiro e principalmente nos Estados Unidos e na Inglaterra, onde

o capitalismo já se encontrava em um certo grau de desenvolvimento. No Brasil, o sufrágio universal para todos os cidadãos foi estabelecido na Constituição de 1891, a qual foi elaborada segundo os moldes da ideologia liberal burguesa. Assim, foi possível a interpretação de que mulheres poderiam exercer esse direito, contudo:

A “igualdade de todos”, se estendia somente aos homens alfabetizados, o que excluía não só as mulheres, mas também a maior parte da população masculina, principalmente das classes trabalhadoras, não sendo, portanto, em nada diferente da “Declaração dos Direitos do Homem”, da França. (COSTA e SARDENBERG, 2008, p. 35)

Assim, a luta feminista pelo direito ao voto se estendeu de 1891 até a chegada do século XX. Quando por fim no início do século XX, “a luta sufragista se amplia, em muitos países latino-americanos, sob a condução das mulheres de classe alta e média, que através de uma ação direta junto aos aparelhos legislativos, logo conquistam o direito ao voto” (COSTA, 2005, p. 12). Esse movimento, ainda que contasse com algumas trabalhadoras, foi liderado principalmente por mulheres das classes média e alta.

Apesar de contar com algumas trabalhadoras em seu meio, a luta foi encabeçada por mulheres pertencentes às classes média e alta e esse é um caráter elitista, mas não é possível que se olvide terem sido justamente estas as que tiveram acesso às leituras, contatos com parlamentares, e, em função desses requisitos, conseguiram sensibilizar alguns políticos, o que facilitou em muito a conquista. (BESTER, 1997, p. 19)

É importante ressaltar que o movimento sufragista não ambicionava questionar o papel de mãe e de esposa, que eram consideradas obrigações da mulher. Não se preocuparam em analisar a relação entre a entrada da mulher ao mercado de trabalho e a tarefa principal que tanto defendiam, tampouco as consequências que trariam à operária, obrigada a arcar com dupla jornada. A divisão sexual do trabalho não foi criticada “inclusive reforçavam esses papéis, estereótipos e tradições na medida em que utilizavam as ideias e representações das virtudes domésticas e maternas como justificativa para suas demandas.” (COSTA, 2005, p. 13). Mesmo depois de anos de luta e terem conquistado o direito ao voto em 1932, grande parte das mulheres brasileiras continuou excluída desse processo, visto que, o voto só foi concedido aquelas maiores de 18 anos, portadoras de um grau mínimo de

escolaridade. É necessário ressaltar que a superioridade numérica de pessoas analfabetas sempre foi de mulheres negras<sup>5</sup>.

A segunda onda do feminismo, surge como consequência da resistência das mulheres à ditadura militar. Dentro desse cenário de revoltas que permeavam a construção da sociedade e a influência dos movimentos internacionais - feminismo europeu e norte-americano, o feminismo de resistência eclodiu no Brasil na segunda metade do século XIX (COSTA, 2005). “Foi no ambiente do regime militar e muito limitado pelas condições que o país vivia na época, que aconteceram as primeiras manifestações feministas no Brasil na década de 1970.” (PINTO, 2009, p. 16).

O feminismo militante no Brasil, que começou a aparecer nas ruas, dando visibilidade à questão da mulher, surge, naquele momento, sobretudo, como consequência da resistência das mulheres à ditadura, depois da derrota das que acreditaram na luta armada e com o sentido de elaborar política e pessoalmente essa derrota. (SARTI, 2004, p. 37)

A Organização das Nações Unidas (ONU) instaura em 1975 o Ano Internacional da Mulher. Em comemoração é realizado no Rio de Janeiro um grande seminário, reunindo mulheres interessadas em discutir a condição feminina na sociedade brasileira. Nesse momento, sustentado nas propostas do movimento feminista da Europa e dos Estados Unidos, o feminismo de resistência traz finalmente o questionamento acerca da divisão sexual do trabalho e, conseqüentemente, do papel tradicional da mulher na família e na sociedade. Com a afirmação de que o “pessoal é político”, quebraram as diferenças ilusórias entre a relação nas esferas público e privado. (COSTA, 2005; COSTA e SARDENBERG, 2008).

A partir desse evento, as mulheres brasileiras começam a se articular em grupos por todo país, em busca de propagar uma conscientização acerca da sua condição e prospectar ideias e ações práticas que promovessem mudanças na sociedade (SILVA e CAMURÇA, 2010).

Em linhas gerais, poderíamos caracterizar o movimento feminista brasileiro dos anos 1970 como fazendo parte de um amplo e heterogêneo movimento

---

<sup>5</sup> Mapa do analfabetismo no Brasil. Disponível em: <http://inep.gov.br/documents/186968/485745/Mapa+do+analfabetismo+no+Brasil/a53ac9ee-c0c0-4727-b216-035c65c45e1b?version=1.3>>. Acesso em 24 de mai. de 2019.

que articulava as lutas contra as formas de opressão das mulheres na sociedade com as lutas pela redemocratização. (COSTA, 2005, p. 15)

Foi a partir daí que os grupos organizados de mulheres começaram a incorporar novas pautas e bandeiras como o combate à violência contra a mulher, a sexualidade e direitos reprodutivos. O feminismo até então, se mostrava como um movimento generalista, apoiado no conceito de uma experiência compartilhada entre as mulheres de um modo geral, e não leva em consideração variáveis como classe social, região ou raça (BAIRROS, 1995). Luiza Bairros explicita duas versões do pensamento feminista que tentam definir a mulher com base em experiências consideradas como universais:

[...] a primeira coloca a maternidade como a experiência central na identidade das mulheres. [...] A segunda toma a sexualidade entendida como forma de poder que transforma a mulher em objeto sexual do homem como a experiência capaz de unificar todas as mulheres. (BAIRROS, 1995, p. 459-460)

A crítica que a autora traz, se dá ao fato de que ao destacar valores ligados a práticas das mães, e enfatizar o caráter biológico do ser feminino, reforça-se ideais patriarcais acerca do que é naturalmente feminino e, portanto, confere valor superior a características associadas ao ser homem. Quanto a questão da sexualidade, a mulher é lida como vítima de um poder definido como inerentemente masculino (BAIRROS, 1995), quando o correto seria questionar e buscar deslegitimar esse poder que a eles foi atribuído. No Brasil, o debate de gênero começou a ser pautado muito recentemente, no fim da década de 1980 e início dos anos 90 quando “o uso da categoria gênero tornou-se mais frequente, sendo introduzido nas universidades e instituições acadêmicas” (MORAES, 1998, p. 99). Essa nova lente para entender as relações entre homens e mulheres foi de suma importância para o desenvolvimento do feminismo tradicional e tantos outros que deste derivam.

## 2.2 FEMINISMO NEGRO

Em 1940 aconteceu em Londres a Convenção Antiescravagista Mundial, nesse episódio, as norte-americanas Lucretia Mott, Elizabeth Cady Stanton e outras mulheres foram excluídas, silenciadas e discriminadas por serem mulheres. Movidas pela indignação, trouxeram de volta à América o propósito de lutar pelos direitos das mulheres. De acordo com Elizabeth Cady Stanton e Susan B. Anthony “começava

assim, e ali, o trabalho missionário pela emancipação da mulher” (STANTON e ANTHONY, 1881, p. 62 apud DAVIS, 2016, p.57). Foi então, a partir da luta abolicionista que as mulheres norte-americanas enxergaram a possibilidade de batalhar pela igualdade. Davis (2016, p.147) disserta que:

No início de sua carreira como líder do movimento pelos direitos das mulheres, Susan B. Anthony concluiu que o voto continha o verdadeiro segredo da emancipação feminina e que o próprio sexismo era muito mais opressivo do que a desigualdade de classe e o racismo.

Nesse contexto, a proposta do sufrágio feminino é pautada por Stanton e apoiada fielmente por Frederick Douglass. Cabe no presente trabalho, dar a devida atenção a este nome tão importante para a história norte-americana e mundial. Frederick Douglass (1818-1895) foi um ativista, escritor e um dos mais influentes abolicionistas da história dos Estados Unidos, foi também, o homem que deu grande apoio ao movimento das mulheres, como registra Angela Davis (2016, p.43):

Frederick Douglass, o mais importante abolicionista negro dos Estados Unidos, foi também o homem de maior destaque na causa da emancipação feminina em sua época. Por apoiar integralmente o controverso movimento das mulheres, com frequência era ridicularizado em público (...) Mas Douglass assumiu uma postura antissexista admirável, declarando não se sentir diminuído pelo rótulo de “o homem dos direitos das mulheres.

Dessa forma, Douglass fez uso das suas brilhantes habilidades como orador para promover o debate da igualdade de gênero, foi também o responsável por introduzir o assunto no movimento pela libertação negra, que de acordo com Davis, recebeu com entusiasmo a temática.

A defesa dos direitos das mulheres não podia ser proibida. Ainda que não fosse aceita pelos formadores de opinião, a questão da igualdade das mulheres agora encarnada em um movimento embrionário e apoiada pela população negra - que lutava pela própria liberdade - tornou-se um elemento que não podia ser excluído da vida pública estadunidense. (DAVIS, 2016, p. 63)

Embora a demanda das mulheres tenha reverberado e sido ouvida por toda luta organizada pela libertação dos negros escravizados americanos, as militantes do movimento das mulheres eram omissas “em relação à condição de suas irmãs negras” (ibid., p.69). Em uma convenção de mulheres em 1851 na cidade de Akron no estado de Ohio, a ativista afro-americana Sojourner Truth (1797-1883), proferiu o

discurso conhecido como “não sou eu uma mulher?”. Nessa ocasião, algumas mulheres brancas presentes acharam inapropriado que uma mulher negra falasse e gritaram para que não lhe dessem a palavra. Sojourner Truth, a única negra do espaço, em meio aos protestos falou, e chamou atenção para a situação da mulher negra escravizada que sempre trabalhou junto aos homens negros e nunca teve nenhum tratamento especial, sempre em situação igual com os homens negros (DAVIS, 2016, p. 71; hooks, 1981, p.115).

Arei a terra, plantei, enchi os celeiros, e nenhum homem podia se igualar a mim! Não sou eu uma mulher? Eu podia trabalhar tanto e comer tanto quanto um homem - quando eu conseguia comida - e aguentava o chicote da mesma forma! Não sou eu uma mulher? Dei à luz treze crianças e a maioria ser vendida como escrava e, quando chorei em meu sofrimento de mãe, ninguém, exceto Jesus, me ouviu! Não sou eu uma mulher?

Truth foi aplaudida por todos e tida como a heroína do dia. Além disso, seu discurso atingiu também as mulheres brancas que também praticavam atitudes racistas contra as mulheres negras, como a tentativa de silenciá-la momentos antes. Segundo Davis, a frase mote do discurso de Sojourner Truth “continua sendo uma das mais citadas palavras de ordem do movimento de mulheres do século XIX”. Ainda, em minha perspectiva, sua postura e sua mensagem, naquele contexto representam também um dos pontapés iniciais para o que futuramente iria se tornar o movimento feminista negro nos Estados Unidos.

Quando em 1861 foi deflagrada a Guerra Civil nos Estados Unidos, muitas das principais líderes do movimento pelos direitos das mulheres direcionaram suas energias para a campanha antiescravagista, contudo, descobriram “como o racismo estava profundamente enraizado na sociedade dos Estados Unidos” (DAVIS, 2016, p.71). Nesse contexto, a ativista política e abolicionista Angelina Grimké (1805-1879) disse que: “Enquanto o Sul travou essa guerra contra os direitos humanos, o Norte<sup>6</sup> esteve a postos para deter aqueles que apedrejam a liberdade até a morte” (LERNER, 1967 apud DAVIS, 2016, p.77). Após os quatro anos de lutas sangrentas, a abolição foi conquistada em 1865 e a Décima Terceira Emenda à Constituição dos

---

<sup>6</sup> Também chamado de União, descreve os estados que eram contra o sistema escravocrata, concentrados no norte dos Estados Unidos.



Estados Unidos foi aprovada. Atenta-se para o fato de que assim como décadas depois aconteceu no Brasil (1888), a população negra foi “liberta”, porém, não houve por parte dos Estados Unidos e tampouco do Estado brasileiro nenhuma política de reinserção da população negra na sociedade, o que contribuiu para as graves desigualdades existentes que expressam consequências negativas até os dias atuais. Angela disserta que de acordo com Frederick Douglass, “a abolição da escravidão se cumpria de forma apenas nominal. A vida cotidiana da população negra do Sul ainda exalava o cheiro desagradável da escravidão” (2016, p.85).

Se por um lado, após a abolição, a luta pelo direito ao voto da mulher branca crescia, por outro, ideais racistas eram disseminados na mesma proporção. Como apresenta a professora, autora e ativista negra bell hooks<sup>7</sup> (1981, p. 6):

(...) as mulheres brancas ativistas acreditaram que a sua causa avançaria mais se se aliassem aos ativistas políticos negros, mas quando pareceu que os homens negros iriam ter o voto enquanto elas permaneceriam sem direitos, a solidariedade com o povo negro foi esquecida e elas instigaram os homens brancos na solidariedade racial a elas, ofuscando os seus planos em apoiar o sufrágio do homem negro.

A inferiorização do negro e a exaltação da raça anglo-saxã foi estratégia política para as mulheres brancas obterem o direito ao voto em relação aos homens negros. De modo que, “primeiro a mulher, por último o negro” foi o princípio propagado no programa do democrata Blackwell do Kansas em 1867, o qual contribuiu com a proposta das ativistas Elizabeth Cady e Susan B. Anthony.

Elizabeth Cady e outras mulheres acreditavam que, como a emancipação havia, a seus olhos “igualado” a população negra às mulheres brancas, o voto tornaria o homem negro superiores a elas. Por isso, se opunham ferrenhamente ao sufrágio negro (DAVIS, 2016, p.81)

Com base nesta e em outras afirmações das líderes do movimento pelo sufrágio, conhecido como a primeira onda do feminismo, é possível notar como as mulheres negras, embora colaborassem com a luta, como fez Sojourner Truth, não

---

<sup>7</sup> Pseudônimo usado por Gloria Jean Watkins, escrito em letra minúscula com o propósito de chamar atenção para a sua obra e não para sua pessoa, conforme diz a própria autora em entrevista para a revista Tricycle datada de 1992. Disponível em: <https://tricycle.org/magazine/agent-change-an-interview-with-bell-hooks/>. Acesso em 18 de set. de 2019.

possuíam espaço e visibilidade dentro do movimento das mulheres brancas. “Mulher” era o critério, mas nem toda mulher parecia estar qualificada. As mulheres negras, claro, eram praticamente invisíveis no interior da campanha pelo sufrágio feminino.” (ibid., p. 146). Além disso, quando todo o movimento negro estava na luta pelos direitos civis, décadas antes da guerra civil, as ativistas negras também não tinham protagonismo graças ao machismo e sexismo enraizado na sociedade.

Como disserta bell hooks, “O que começou como um movimento de liberdade de todo o povo negro da opressão racista tornou-se num movimento cujo primeiro objetivo foi o estabelecimento do patriarcado negro masculino.” (1981, p.7). É a partir destas problemáticas que a mulher negra estadunidense passa a exigir mudanças desses dois movimentos, e reivindica o reconhecimento de seus interesses, visto que eram, e infelizmente ainda são oprimidas pelo machismo, racismo e sexismo (GONZALEZ, 1983; DAVIS, 2016; hooks, 1981). Desta forma, no ano de 1895 aconteceu em Boston a primeira Conferência Nacional das Mulheres Negras, para discutir as questões que lhes eram de interesse não apenas por serem mulheres, mas por serem mulheres negras. A ativista afro-americana, jornalista e escritora Josephine St. Pierre Ruffin (1842-1924), foi um grande nome para o início da luta organizada das mulheres negras. Segundo escreve bell hooks (ibid., p. 118):

Ruffin não encorajou as mulheres negras defensoras dos direitos das mulheres em trabalhar unicamente para melhorar o seu próprio destino e manteve que as mulheres negras precisavam de se organizar para conduzirem o movimento de mulheres que iria exprimir as preocupações de todas as mulheres.

Além de Ruffin, outro nome fundamental que estimulou as mulheres negras a se articularem e chamarem atenção para a forma com que racismo e sexismo afetavam sua existência, é a educadora, socióloga e ativista negra Anna Julia Cooper. Quando em 1892 Cooper publica o livro *A Voice from the South* (uma voz do sul), ela dá início as discussões feministas sobre o status social das mulheres negras americanas naquele período (hooks, 1981). Quando finalmente em 1920 a mulher branca conquistou o direito ao voto, muitas não viram mais a necessidade de um movimento de mulheres. Por sua parte, as ativistas negras lutavam para prover oportunidades educacionais para o povo negro, além de resistir aos horrores dos linchamentos provocados pelo novo grupo supremacista *Ku Klux Klan* composto por racistas brancos (hooks, 1981).

Contudo, quando o movimento feminista norte-americano chegou na contemporaneidade (a partir de 1950), as mulheres negras recusaram-se em participar do movimento, isso graças a eficiência dos *mass media* em propagar ideais que colaboraram com a destruição da em recente construção independência das mulheres americanas. Nas propagandas, majoritariamente realizadas por homens brancos (ARAÚJO, 2000), a mulher era encorajada a acreditar que deveria ser feminina, doce e que seu lugar era em casa cuidando da sua família, pois, a sua realização na vida dependia disso. Nesse contexto, a mulher negra e as mulheres trabalhadoras - negras ou brancas -, tiveram que provar sua feminilidade e passaram a buscar assiduamente o ideal exposto na televisão. “As multidões de mulheres negras que antes tiveram orgulho na sua capacidade de trabalhar fora de casa e ainda assim serem boas esposas e mães, tornaram-se descontentes com o seu destino.” (hooks, 1981, p.127). Quanto a recepção das mulheres negras ao feminismo após 1900, bell hooks (p.139) disserta que muitas tiveram medo do feminismo:

Elas ficaram no seu lugar tanto tempo que têm medo de se moverem. Elas têm medo de abertamente confrontarem as feministas brancas com o seu racismo ou os homens negros com o seu sexismo, para não mencionar o confronto com os homens brancos com o seu racismo e sexismo. (...) Eu sei que o seu medo existe porque elas viram-nos esmagadas, violadas, abusadas, massacradas, ridicularizadas e gozadas. Apenas poucas mulheres negras reacenderam o espírito da luta feminista que agitou os corações e as mentes das nossas irmãs do século XIX. Nós, mulheres negras que defendemos a ideologia do feminismo, somos pioneiras. Nós estamos a clarear um caminho para nós mesmas e para as nossas irmãs. Esperamos que quando elas nos virem alcançar o nosso objetivo – não mais vitimizadas, não mais menosprezadas, não mais com medo – elas tenham coragem e sigam.

Com esta declaração, fica explícito o que Angela Davis quis dizer quando visitou o Brasil e palestrou na Universidade Federal da Bahia em 2017. “As mulheres dos EUA têm muito a aprender com a longa história de luta do feminismo negro no Brasil”<sup>8</sup>. A ativista também chamou a atenção para a brasileira Lélia Gonzalez, que foi pioneira nas conexões entre raça, classe e gênero quando pouco se falava nisso.

---

<sup>8</sup> Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/27/politica/1501114503\\_610956.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/27/politica/1501114503_610956.html)>. Acesso em 16 de set. de 2019.

"Ela já falava sobre os elos entre negros e indígenas na luta por direitos. Essa é uma das lições que os EUA podem aprender com o feminismo negro daqui." disse Davis.

Já no Brasil, o Movimento Feminista e o Movimento Negro, embora carregados de diferenças, atuaram em conjunto na luta pela redemocratização, extinção das desigualdades sociais e em busca da cidadania no período após a ditadura militar. Ambos se fortalecem nesse período de "emergência dos movimentos sociais no país, num contexto de lenta distensão do regime autoritário" (CUNHA, 2000, p. 335). Em 1978 é criado o Movimento Negro Unificado (MNU)<sup>9</sup> em São Paulo, como resistência à discriminação sofrida por quatro atletas negros no Clube Tietê, e à morte de um trabalhador negro, Robson Silveira da Luz, devido a torturas policiais (RODRIGUES & PRADO 2010). Contudo, tanto o Movimento Feminista quanto o MNU compartilhavam o ideal de igualdade apenas entre os sujeitos pertencentes ao grupo. Ou seja, no movimento feminista a questão racial não era considerada um aspecto fundamental, e entre o movimento negro as diferenças de gênero também eram desconsideradas (BAIROS, 1995; CARNEIRO, 2003; RIBEIRO, 1995).

Nesse sentido, a realização do debate feminista utilizando apenas o recorte de gênero não é suficiente para atender as questões da mulher negra. Enquanto as mulheres brancas buscavam os mesmos direitos civis que os homens brancos, as mulheres negras ainda suportavam, e suportam até os dias atuais, o peso da escravização. Deste modo, o Movimento de Mulheres Negras amadurece na década de 1980, como fruto desse espaço de tensão acerca das especificidades das mulheres negras frente aos movimentos negro e feminista. No encontro promovido no Ano Internacional da Mulher, 1975, "jovens e valentes mulheres negras" denunciaram em um documento, que após a "herança cruel" da escravidão, o destino da mulher negra no continente americano era ser "objeto de produção ou de reprodução sexual" (VIANA, 2010 p. 56). Segundo Gonzalez:

O fruto dessa covarde procriação [dos colonizadores] é que agora é aclamado como o único produto nacional que não pode ser exportado: a mulher mulata brasileira. Mas se a qualidade deste "produto" é tida como alta, o tratamento que ela recebe é extremamente degradante sujo e desrespeitoso. (GONZALEZ e HASENBALG, 1982, p. 36)

---

<sup>9</sup> O movimento surgiu primeiro com o nome de Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial (MNUCDR).

Lélia Gonzalez é uma importante figura no que diz respeito ao estudo das relações raciais e de gênero no Brasil. Dentre algumas de suas contribuições, situa-se a organização feminina na luta do movimento negro e a desconstrução do mito da democracia racial, que se alicerça no argumento da miscigenação.

(...) o resultado da violentação das mulheres negras por parte da minoria branca dominante: os senhores de engenho, os traficantes de escravos etc. E este fato teria dado origem, na década de 30, à criação do mito que, até os dias de hoje, afirma ser o Brasil uma democracia racial. Gilberto Freyre, famoso historiador e sociólogo brasileiro, é seu principal articulador com sua “teoria” do “lusotropicalismo”. O efeito maior desse mito é a crença de que o racismo é inexistente em nosso país, graças ao processo de miscigenação. (GONZÁLEZ, 1979b, p.03)

Dentro do contexto da atuação política, Lélia desempenhou papel essencial no movimento feminista nas décadas de 70-80. Embora sua relação com ele tenha sido marcada por desentendimentos e críticas políticas, dado que era conhecida como uma “criadora de caso” (VIANA, 2010). Foi a partir de seus apontamentos que se estabelece a crítica a um movimento que ainda era preso no mito da democracia racial<sup>10</sup>, e, portanto, não oferecia respaldo para uma análise das desigualdades raciais enfrentadas pelas mulheres negras (GONZALEZ, 1986). A crítica ao movimento feminista também é frequentemente realizada por outras militantes negras como Sueli Carneiro, quando discute a expressão *enegrecendo o feminismo*:

*Enegrecendo o feminismo* é a expressão que vimos utilizando para designar a trajetória das mulheres negras no interior do movimento feminista brasileiro. Buscamos assinalar, com ela, a identidade branca e ocidental da formulação clássica feminista, de um lado; e, de outro, revelar a insuficiência teórica e prática política para integrar as diferentes expressões do feminino construídos em sociedades multirraciais e pluriculturais. (CARNEIRO, 2003, p. 118, grifo do autor)

Em 1985, após o III Encontro Feminista Latino-americano que aconteceu em Bertioga, emergiu a organização atual de mulheres negras a qual objetiva adquirir

---

<sup>10</sup> Conforme Joel Zito Araújo “O mito da democracia racial brasileira nasce com base no argumento da importância da miscigenação cultural no país, extraído da obra de Gilberto Freyre e do seu raciocínio sobre o fato de que o Brasil dificilmente poderia ser racista, em decorrência tanto do hábito recíproco de convivência com a diferença racial nascida na intimidade das relações, e do intercuro sexual, mantidos desde a época da escravidão entre os senhores da casa-grande e a criadagem da senzala, quando da (aparente) cordialidade da vida social brasileira, constantemente observada pelos visitantes estrangeiros.” A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira/ Joel Zito Almeida de Araújo: - São Paulo : Editora SENAC São Paulo, 2000.

visibilidade política no campo feminista. “A partir daí, surgem os primeiros Coletivos de Mulheres Negras, época em que aconteceram alguns Encontros Estaduais e Nacionais de Mulheres Negras” (MOREIRA, 2017, p. 59). O resultado dessa organização foi o I Encontro Nacional de Mulheres Negras (1988), severamente criticado por setores dos movimentos negro e feminista, que acusavam as mulheres negras de promoverem um “racha” nos movimentos sociais (RIBEIRO, 1995). Neste ponto, as mulheres negras argumentaram que:

Gostaríamos de deixar claro que não é nossa intenção provocar um racha nos movimentos sociais como alguns elementos acusam. Nosso objetivo é que nós mulheres negras comecemos a criar nossos próprios referenciais deixando de olhar o mundo pela ótica do homem tanto o negro quanto o branco ou pela da mulher branca. (RIBEIRO, 1995, pág. 450)

Isto posto, é de comum entendimento entre os estudiosos que o encontro em Bertioga e seus desdobramentos configuram um momento histórico do movimento de mulheres negras, pois, a partir de então mais encontros nacionais e regionais, congressos e seminários<sup>11</sup> são articulados para se pensar a condição da mulher negra na sociedade brasileira. De modo que “se consolida entre as mulheres negras um discurso feminista uma vez que em décadas anteriores havia uma rejeição por parte de algumas mulheres negras em aceitar a identidade feminista.” (MOREIRA, 2017, p. 60).

Na discussão sobre a questão do corpo e da sexualidade, ao passo que o feminismo branco lutava pelo direito ao aborto e criticava o casamento tradicional, o Movimento de Mulheres Negras pautava a esterilização em massa, e na maioria das vezes involuntária, que era realizada em mulheres negras (MOREIRA, 2017). Ainda, enquanto as mulheres brancas criticavam a constituição de família, as negras abordavam a questão da solidão pela ausência de parceiros fixos, dado que eram preteridas pelos homens negros e pelos homens brancos, vítimas do racismo e do sexismo, “As representações negativas das mulheres negras na sociedade brasileira são decorrentes da articulação entre o racismo e o sexismo e se manifestaram de diversas formas” (CARDOSO, 2014 p.975). Lélia Gonzalez, aborda a importância de

---

<sup>11</sup> Por exemplo: II Encontro Nacional de Mulheres Negras (1991); I Seminário Nacional de Mulheres Negras (1993); Seminário Nacional de Políticas e Direitos Reprodutivos das Mulheres Negras (1993); II Seminário Nacional de Mulheres Negras (1994); etc.

compreender o racismo e sexismo de forma conjunta e articulada, uma vez que a somatória desses fenômenos produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular (GONZALEZ, 1984). Assim, apresenta três noções que contribuem para a realização de uma análise sobre a representação da mulher negra na sociedade brasileira. Trata-se das noções de mulata, doméstica e mãe preta.

Para entender a gênese das atribuições de “mulata” e “doméstica”, Lélia dirige seu olhar para o tempo da escravidão e traz à tona as obrigações das mucamas, palavra originada “do quimbundo mu ‘Kama ‘amásia escrava”. A palavra, de origem africana, teve seu sentido original redefinido pelo dicionário brasileiro para: “A escrava negra moça e de estimação que era escolhida para auxiliar nos serviços caseiros ou acompanhar pessoas da família e que por vezes era ama-de-leite”. (GONZALEZ, 1983, p. 229, grifos da autora). Dessa forma, Gonzalez objetiva expor o que a história omitiu com desejo de fazer esquecer esse crítico fato da história da sociedade brasileira, a exploração sexual das mulheres negras.

Ainda, no mesmo dicionário consultado por Lélia, Aurélio, consta a seguinte definição para a expressão “de estimação”: “diz-se de um bem, animal ou coisa. Observa-se que nesse contexto a mulher negra é, como nos moldes escravocratas, animalizada e coisificada. A percepção da mulata como invenção do português, segundo a autora, é dada pelo fato dele ter instituído a raça negra como objeto, onde a “mulata é crioula, ou seja, negra nascida no Brasil, não importando as construções baseadas nos diferentes tons de pele” (GONZALEZ, 1983, p.240). Cláudia Cardoso ao articular sobre o pensamento de Lélia Gonzalez, elucida que a mulata acolhe dois significados, o tradicional, resultante da mestiçagem; e outro, atualizado pela exploração econômica, no qual representa “mercadoria, produto de exportação” (2014, p.976). Isso porque, a mulata foi convertida em mercadoria, um produto a ser consumido pelo olhar do homem branco apenas em determinado espaço onde é permitido sua exibição, o Carnaval.

E é nesse instante que a mulher negra transforma-se única e exclusivamente na rainha, na “mulata deusa do meu samba”, “que passa com graça/fazendo pirraça/fingindo inocente/tirando o sossego da gente”. [...] Ali, ela perde seu anonimato e se transfigura na Cinderela do asfalto, adorada, *desejada*, *devorada* pelo olhar dos príncipes altos e loiros, vindos de terras distantes só para vê-la. [...] E ela dá o que tem, pois sabe que amanhã estará nas páginas das revistas nacionais e internacionais, vista e admirada pelo mundo inteiro. (GONZALEZ, 1983, p.228 grifos nossos)

O Carnaval é um momento particular na sociedade brasileira, onde a mulher negra sai da invisibilidade, e sobe no palco para ser finalmente notada e mostrar todo o seu “talento”, que nesse caso está ligado a dança, erotismo, sensualidade e a sedução. Não apenas a mulher negra é epicentro desse evento nacional, como também toda gente preta. A cultura negra é exaltada e descriminalizada como se nunca tivesse sido oprimida, como se fosse possível, em apenas um evento olvidar-se de séculos de escravização e do racismo sofrido todos os outros dias do ano. Nesse sentido, Gonzalez aponta que o Carnaval cumpre um papel social muito importante para manutenção da reputação do país, “o mito que se trata de reencenar aqui, é o da democracia racial. E é justamente no momento do rito carnavalesco que o mito é atualizado com toda a sua força simbólica.” (GONZALEZ, 1983, p. 228). Certamente, a mulher negra sente de forma muito mais dura as implicações de ser o ponto máximo do espetáculo, protagoniza o evento de forma erotizada, é aclamada “mas no dia a dia, nas relações de trabalho e afetivas, o desejo dá passagem para a rejeição, a discriminação, o expurgo do outro racializado e inferiorizado” (CARDOSO, 2014, p. 978).

No que tange a reprodução do estereótipo de doméstica, este representa a mucama permitida, que perde a glória por estar no cotidiano (op.cit, 1983). Cotidiano que ao ler uma mulher negra, não leva em consideração classe social ou profissão, e as enxerga unicamente como empregadas domésticas. Ou seja, após transcorrido êxtase do carnaval, a mulher negra se transfigura na empregada doméstica.

É por aí que a culpabilidade engendrada pelo seu endeusamento se exerce com fortes cargas de agressividade. É por aí, também, que se constata que os termos mulata e doméstica são atribuições de um mesmo sujeito. A nomeação vai depender da situação em que somos vistas (GONZALEZ, 1983, p.228)

As atividades exercidas pela doméstica permanecem semelhantes as realizadas no período escravagista, e quando sua situação é examinada profundamente, é possível perceber as semelhanças existentes entre os dias atuais e os vividos no século XIX. No contexto atual, a favela se mostra como o lugar que concretiza a condição de inferioridade e exclusão a qual os moradores vivenciam



cotidianamente, destaca-se que a maioria desses residentes são negros<sup>12</sup>. Nesse sentido, a favela se configura em uma nova senzala, a qual acolhe todos os pretos que durante o dia saem para a “Casa Grande” no exercício de sua profissão.

Por fim, a representação da mulher negra como “mãe preta”, está relacionada a personalidade que é esperada pela sociedade branca e classe média. Uma figura simpática, amorosa e inofensiva mesmo em situações de violência e opressão. Felizmente, a mãe preta desenvolveu suas formas de resistência, “exatamente essa figura para a qual se dá uma colher de chá é quem vai dar a rasteira na raça dominante” (op.cit, 1983, p. 235). Lélia aponta que a mãe preta é um sujeito político de importância fundamental para a formação dos valores e crenças da sociedade brasileira.

Conscientemente ou não, ela passou para o brasileiro branco as categorias das culturas negro-africanas de que era representante. Foi por aí que ela africanizou o português falado no Brasil (transformando-o em ‘pretuguês’) e, consequentemente, a cultura brasileira. (GONZALEZ apud BAIRROS, 2006, p. 54)

A autora valoriza a luta realizada pela “mãe preta” e visa desmistificar o ideal que se tem dessa figura, tanto por parte dos brancos que a veem como “exemplo extraordinário de amor e dedicação”, quanto por parte dos negros que a consideram “traidora da raça” (GONZALEZ, 1983, p.235). O aporte de Lélia ao feminismo negro brasileiro é inquestionável, não apenas as noções apresentadas aqui, mas toda sua bibliografia é um arsenal para o estudo e compreensão das relações raciais e de gênero que norteiam nossa vida cotidiana da população negra.

Cabe ressaltar aqui a importância do Movimento Negro para a organização de outras entidades sociais que levam em consideração o recorte racial. O Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial (MNUCDR), que mais tarde se tornou o Movimento Negro Unificado (MNU), nasceu da “emergência dos movimentos sociais no Brasil, num contexto de lenta distensão do regime autoritário”

---

<sup>12</sup> No livro de Renato Meirelles e Celso Athayde lançado em 2014 “Um País Chamado Favela”, os autores apontam que 72% dos moradores se declaram negros. Disponível em; <http://www.virgula.com.br/comportamento/novo-livro-revela-que-72-dos-que-moram-em-favelas-sao-negros-95-se-dizem-felizes/> Acesso em 23 de out. de 2019.

(CUNHA, 2000, p. 335). Essa organização foi uma forma ativa de denunciar as violências e desigualdades vivenciadas pela população negra.

Destaca-se que o povo preto sempre se articulou para lutar, não apenas pelos seus direitos, mas pela sua liberdade propriamente dita. Desde os quilombos<sup>13</sup> até os coletivos universitários na atualidade. Nesse sentido, alguns autores chegam a abordar o termo Movimentos Negros, no plural, referindo-se ao entendimento e compreensão da existência das diversas organizações, associações, entidades, coletivos e até mesmo ONGs de negros, que têm sua luta política centrada na cultura negra ou na busca de uma conscientização política da população negra (MOREIRA, 2007). Visto que muitas militantes do então Movimento de Mulheres Negras tiveram experiências políticas tanto no feminismo tradicional quanto movimento negro, percebe-se como ambas entidades foram de grande importância para a articulação do pensamento feminista negro.

Assim como muitas mulheres negras dirigiram críticas ao feminismo tradicional por constatarem que o mesmo não as contemplava, também dentro do movimento negro elas questionaram o papel secundário que lhes era reservado, mesmo na luta onde "estariam todos no mesmo barco". Lélia também dirigiu pesadas críticas aos homens militantes do movimento negro, embora fossem parceiros políticos na luta contra o racismo, não estavam imunes ao sexismo e por vezes reproduzem comportamentos contraditórios. Segundo dissertado por Núbia Moreira (2007), o feminismo negro brasileiro é descrito pelas ativistas como:

[...] uma corrente política que busca afirmar a possibilidade de direito de poder das mulheres de exercer espaços significativos na sociedade só que reconhece elementos que o feminismo de classe média não reconhecia para afirmação dessa identidade, desse poder [...] É menos individualista, ainda que também tributário de filosofia individualista, é mais comunitário. Nesse sentido é muito mais próximo, porque ele agrega a ele questões sociais, econômicas e políticas. Não da política do cotidiano que o feminismo das brancas engloba mais, reivindica a política do cotidiano também, das relações interpessoais, embora reconheça o macro como determinante também dessas relações de poder. (MOREIRA, 2007, p.12)

---

<sup>13</sup> Aqui, entendemos como quilombos as terras de pretos, ou seja, territórios habitados por negros e que estimulam ações coletivas para a sobrevivência dos mesmos. No Brasil, os quilombos estavam associados a movimentos e revoltas sociais com interesses diversos. (GOMES, 2015)

Por último, conscientes da sua trajetória e da importância de seu papel na história, as mulheres negras participantes do movimento negro e feminista, se uniram enquanto grupo para protagonizar sua história e transformar suas realidades. Com isso, lutaram e lutam para garantir a existência, direitos sociais, políticos, e qualidade de vida para si, seus familiares e para a comunidade negra como um todo. Assim, pode-se compreender que a agenda política das mulheres negras transcende as questões de gênero, abarcando o combate ao racismo, à discriminação e ao preconceito racial (RIBEIRO, 2006 p.804).

### 2.3 UM OLHAR INTERSECCIONAL AOS FEMINISMOS

Após explicitar um breve parâmetro do caminho seguido pelas mulheres negras e brancas ao longo da história, verifica-se que o objetivo do movimento feminista, é que o gênero e a raça não sejam utilizados para conceder privilégios ou legitimar as opressões sofridas pelas mulheres. Nesse sentido, o feminismo cumpre um papel fundamental no processo de construção de novas percepções da realidade e no questionamento de valores socialmente construídos que prejudicam e violam os direitos das mulheres. Cabe ressaltar que, dizer que uma categoria como raça ou gênero é socialmente construída não significa dizer que a mesma não tenha significados reais e cause impactos específicos (CRENSHAW, 1990-1991). Luiza Bairros (1995, p. 461) levanta alguns pontos relevantes para a compreensão das conexões entre gênero, raça, sexualidade e classe e como elas acaba gerando formas diferentes de experienciar as opressões:

(...) Assim uma mulher negra trabalhadora não é triplamente oprimida ou mais oprimida do que uma mulher branca na mesma classe social, mas experimenta a opressão a partir de um lugar que proporciona um ponto de vista diferente sobre o que é ser mulher numa sociedade desigual racista e sexista. Raça, gênero, classe social e orientação sexual reconfiguram-se mutuamente (...) De acordo com o ponto de vista feminista, portanto, não existe uma identidade, pois a experiência de ser mulher se dá de forma social e historicamente determinadas. Considero essa formulação particularmente importante não apenas pelo que ela nos ajuda a entender diferentes feminismos, mas pelo que ela permite pensar em termos dos movimentos negro e de mulheres negras no Brasil. Este seria fruto da necessidade de dar expressão a diferentes formas da experiência de ser negro (vivida através do gênero) e de ser mulher (vivida através da raça) o que torna supérfluas discussões a respeito de qual seria a prioridade do movimento de mulheres negras: luta contra o sexismo ou contra o racismo? – já que as duas dimensões não podem ser separadas. Do ponto de vista da reflexão e da ação políticas uma não existe sem a outra.

Assim, entende-se que as discussões em torno dos conceitos gênero, sexualidade, raça, classe e representação são indispensáveis para a compreensão das relações que se constituem e modelam a sociedade. A lente interseccional tenciona debater a condição da mulher, levando em consideração todas as particularidades existentes nesse ser mulher. Pensa, portanto, as intersecções entre gênero e outras esferas como prioridade e não como ponto secundário para compreensão das desigualdades.

Neste sentido, Kimberlé Crenshaw, advogada afro-americana precursora nos estudos da teoria interseccional, analisa como a junção entre diferentes categorias identitárias sobrepostas, principalmente identidades minoritárias, resultam em opressões estruturais que corroboram com as injustiças sofridas por mulheres. Assim, Crenshaw direciona seus estudos para perspectivas interseccionais sobre raça, gênero e discriminação racial<sup>14</sup>. A autora traz à tona que no discurso dos direitos humanos existe uma lacuna, a qual não aborda a complexidade da relação entre gênero e discriminação racial, e os aspectos raciais da discriminação de gênero (CRENSHAW, 2002). Desta forma, expõe a necessidade de se debater as diversas maneiras pelas quais o gênero intersecta-se com um conjunto de outras identidades sociais tais como classe, raça, cor, etnia, religião, idade, orientação sexual, lugar de origem, entre outras. O conceito de interseccionalidade é apresentado por Crenshaw como uma forma de pensar como o cruzamento do racismo, sexismo e da homofobia criam condições de opressão ou privilégios e alimentam a vulnerabilidade de diferentes grupos de mulheres.

Assim, propõe-se neste subcapítulo discutir a importância e contribuição do olhar interseccional para o debate feminista e de gênero. Salienta-se que o estudo a respeito da interseccionalidade segundo Leslie McCall (2005, p.1771) “pode ser considerado como uma das mais importantes contribuições teóricas que os estudos de mulheres, em conjunto de com outros campos afins, produziram até o momento”.

A discussão feminista é complexa e ganha constantemente novas contribuições e críticas. Segundo Angela Davis, a teoria interseccional não visa produzir uma ‘linha correta’, ou seja, mostrar qual será o feminismo correto dentro

---

<sup>14</sup> Disponível em Columbia Law School <<https://www.law.columbia.edu/faculty/kimberle-crenshaw>>. Acesso em 20 de jun. de 2019.

dos feminismos, mas sim propor um olhar crítico e reflexivo para qualquer que seja a linha que estamos seguindo (2008, p. 79):

A interseccionalidade inicia um processo de descoberta, nos alertando para o fato de que o mundo a nossa volta é sempre mais complicado e contraditório do que nós poderíamos antecipar. (...) Ela não provê orientações estanques e fixas para fazer a investigação feminista (...). Ao invés disso, ela estimula nossa criatividade para olhar para novas e frequentemente não-ortodoxas formas de fazer análises feministas. A interseccionalidade não produz uma camisa-de-forças normativa para monitorar a investigação (...) na busca de uma 'linha correta'. Ao invés disso, encoraja a cada acadêmica feminista a se envolver criticamente com suas próprias hipóteses seguindo os interesses de uma investigação feminista reflexiva, crítica e responsável.

Isto posto, em busca de uma melhor compreensão deste raciocínio, iremos entender neste trabalho Feminismo Interseccional como o olhar atento, rico e coerente proposto por Crenshaw ao feminismo. Cabe salientar que a luta das mulheres negras contra a opressão de gênero e de raça durante os anos, têm contribuído para a reflexão da articulação das variáveis raça, classe e gênero de forma interseccionada já a algum tempo. De tal modo que, foi a partir do Feminismo Negro que o conceito da interseccionalidade se concebeu.

O termo “*intersectionality*” foi empregado por Kimberlé Crenshaw para casos jurídicos, dentre eles o mais emblemático Emma DeGraffenreid vs General Motors. Nele, mulheres negras promoveram uma ação judicial contra a G.M por discriminação em razão de sexo e raça. A corte julgadora identificou que a companhia havia contratado pessoas negras e pessoas do sexo feminino e na ocasião, rejeitou o processo. Contudo, as contratações da empresa se tratavam de mulheres brancas e de negros homens. O caso levou Crenshaw a apresentar a noção de interseccionalidade para evidenciar a dupla discriminação sofrida por Emma. Evidenciando que muitas das violências sofridas por mulheres negras não são incluídas nas situações tradicionais de discriminação de raça ou de gênero. Segundo Crenshaw (2002, p. 177), “a interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos de subordinação”. A autora usa a metáfora de avenidas que se cruzam para explicar como as estruturas de poder estabelecidas socialmente se atravessam e causam variados tipos de opressões.

Na mesma linha que Crenshaw, a filósofa feminista argentina María Lugones (2008), acata o conceito de interseccionalidade, para ela o “sistema moderno-

colonial de gênero” produziu nas mulheres não-brancas um processo dual de subordinação de gênero e de inferiorização racial. Assim, é de comum entendimento que o olhar interseccional permite observar fatores que não seriam visíveis caso as categorias de gênero e de raça fossem lidas de forma separada.

Crenshaw (1991) chama atenção para a problemática de que até mesmo políticas, frequentemente confundem ou ignoram diferenças intragrupos, e assim, contribuem para tensões entre esses grupos. Embora o racismo e o sexismo andem juntos na vida cotidiana de pessoas reais, dificilmente são abordados em práticas feministas e antirracistas (ibid). De modo que a identidade da mulher negra fica em um lugar indefinido de luta.

Esforços feministas para politizar experiências de mulheres e os esforços antirracistas para politizar as experiências das pessoas negras, têm frequentemente prosseguido como se as questões e experiências de cada um ocorressem em terrenos mutuamente exclusivos. (CRENSHAW, p.1242, 1991, tradução nossa)<sup>15</sup>

O problema apresentado é que no que tange o racismo, a maneira como homens negros o vivem tende a moldar os parâmetros das ações antirracistas, por outro lado, o sexismo como é vivenciado pelas mulheres brancas desenha o movimento das mulheres (1990-1991). As mulheres negras vivenciam por vezes o racismo de maneira diferente da dos seus companheiros, e sofrem com o sexismo de forma distinta das mulheres brancas. Assim, a mulher negra se encontra em um dilema político onde as duas categorias, racismo e sexismo, por vezes se excluem ou tem agendas conflitantes. A partir disto, interseccionalidade fornece suporte para se pensar essas duas categorias, e muitas outras.

A interseccionalidade também pode fornecer os meios para lidar com outras marginalizações. Por exemplo, a raça também pode ser uma coligação de pessoas de cor heterossexuais e gays de cor e, assim, servir de base para a crítica a igrejas e outras instituições culturais que reproduzem o heterossexismo. (CRENSHAW, p. 15, 1991, tradução nossa)<sup>16</sup>

---

<sup>15</sup> “Feminist efforts to politicize experiences of women and antiracist efforts to politicize experiences of people of color have frequently proceeded as though the issues and experiences they each detail occur on mutually exclusive terrains.”

<sup>16</sup> “Intersectionality may provide the means for dealing with other marginalizations as well. For example, race can also be a coalition of straight and gay people of color, and thus serve as a basis for critique of churches and other cultural institutions that reproduce heterosexism.”

Ainda segundo Crenshaw, é a partir da consciência da interseccionalidade que é possível reconhecer e argumentar melhor acerca das diferenças entre os sujeitos, para desta forma negociar os meios pelos quais essas diferenças são expressas na construção das políticas de grupos, como os mencionados neste trabalho. O feminismo tradicional tal como abordamos anteriormente, o qual teve sua identidade pensada por mulheres brancas, intelectuais e em sua maioria classe média (ALVAREZ, 2000), foi de suma importância para o início do debate sobre as categorias cor e gênero. O que resultou, de certa maneira, no cruzamento entre essas categorias e oportunizou a legitimação das demandas de feministas negras, vítimas de uma sociedade racista, sexista e patriarcal. Neste contexto, destaca-se que no debate feminista brasileiro, principalmente dos anos 90, as relações de desigualdade entre as próprias mulheres geraram diversos feminismos que tornavam evidentes o quão plural e diverso se tornou o perfil das mulheres engajadas no movimento.

Com a expansão do feminismo negro, feminismo lésbico, feminismo popular, ecofeminismo, feminismo cristão e assim por diante, a segunda metade dos anos 80 e os anos 90 viram a proliferação de novas protagonistas cujas trajetórias político-pessoais diferiam de modo significativo daqueles das primeiras feministas (referidas agora como “históricas”) cujos discursos enfatizavam a forma em que raça/etnia, classe, sexualidade, idade são constitutivas das identidades de gênero e cujas práticas diferiam às vezes da política cultural dos primeiros anos do feminismo latino-americano. (ALVAREZ, 2000, p. 393-394)

Tais desmembramentos foram resultado da luta de mulheres que não se sentiam representadas pelo discurso majoritário e, por isso, buscaram novas formas de fazer política feminista para transformar suas realidades. O olhar interseccional possibilita abraçar as singularidades de todos os grupos de mulheres citados por Alvarez. Contudo, ressaltamos que foram de fato as feministas negras que cunharam e difundiram o conceito, ainda nos anos 1980.

Na cena internacional, contemporânea de Crenshaw, a professora da Universidade de Maryland, Patrícia Hill Collins, também é uma das principais autoras dentro deste campo. *Black Feminist Thought* (Pensamento Feminista Negro), publicado em 1990, é o seu trabalho mais conhecido. Nele, a autora aborda a necessidade de trabalhar as intersecções de gênero, raça e classe no debate sobre a situação das mulheres negras norte-americanas. Collins (2000) argumenta acerca

da importância de produzir metodologias específicas para compreender as diversas condições que contribuem para a opressão das mulheres negras. Segundo ela, não é possível entender como as mulheres negras estão posicionadas na sociedade sem antes observar o papel desempenhado por elas em suas estruturas familiares, nas igrejas e comunidades locais. A autora apresenta o conceito de matriz de dominação, o qual considera que toda e qualquer matriz terá sempre combinações particulares de sistemas de opressão interseccionais, ainda que os entrecruzamentos das opressões sejam localmente e historicamente particulares para cada matriz.

Como Crenshaw e Collins expõem, a partir do olhar interseccional é possível compreender como a intersecção de características físicas e sociais, refletem em diferentes formas de opressão que transformam a vivência de cada mulher. É possível perceber, portanto, o fato de que mulheres pertencentes a mais de uma categoria são mais afetadas por diferentes formas de preconceitos e injustiças (CRENSHAW, 1991; DAVIS, 2016). Deste modo, é importante compreender como alguns conceitos são apreendidos pelos estudos sociais na contemporaneidade, de modo a certificar que o leitor compreenda e possua arsenal para tirar suas conclusões a respeito da importância do olhar interseccional.

### 2.3.1 OS CONCEITOS DE RAÇA, COR E IDENTIDADE

Destaca-se que historicamente, “raça” foi utilizada pela biologia como uma categoria das espécies de seres vivos, ou seja, uma forma de classificação. Todavia, o discurso prático que foi construído em cima do conceito tem suas raízes no século XIX, com a produção teórica do racismo científico, o qual “legitimava a superioridade da raça branca europeia e a inferioridade das demais raças humanas, sendo que a raça negra ocupava o último nível nessa hierarquização biológica.” (SILVEIRA, 2014, p16). Dessa forma, é de comum entendimento entre estudiosos e militantes que raça é “uma categoria socialmente construída com referências sociais, culturais e históricas, com base em diferenças físicas, ascendência genealógica e a cor da pele para hierarquizar a cultura, a história e os paradigmas filosóficos não-ocidentais” (BARRETO, 2015, p.12).

O sociólogo e teórico cultural Stuart Hall, durante a conferência no Goldsmiths College, University of London (1995), problematiza as noções essencialistas de raça.



Hall traz o conceito como um significante flutuante, pois pode ter diferentes significados em distintas épocas e lugares. Assim, argumenta que raça se assemelha mais a uma linguagem do que à biologia e defende que o conceito ganha sentido por ser relacional e não por ser essencial, ou seja, está sujeito a constantes definições de acordo com a relação que se é feita e, por isso, não pode ser fixado definitivamente.

(...) dizer que raça é uma categoria discursiva é reconhecer que todas as tentativas de fundamentar esse conceito na ciência, localizando as diferenças entre as raças no terreno da ciência biológica ou genética, se mostraram insustentáveis. Precisamos, portanto — diz-se — substituir a definição biológica de raça pela sócio histórica ou cultural (HALL, 2015, p.1)

O pensamento de Hall é uma grande contribuição para desnaturalizar e historicizar o conceito de raça na vida social. O autor e pesquisador brasileiro, Antônio Guimarães, apresenta uma visão correlata a de Hall, argumenta que a raça não tem um estatuto biológico, mas social (1999). Segundo ele, raça é:

(...) um conceito sociológico, certamente não realista, no sentido ontológico, pois não reflete algo existente no mundo real, mas um conceito analítico nominalista, no sentido de que se refere a algo que orienta e ordena o discurso sobre a vida social. (2008, p. 77)

Ainda que o racismo científico tenha sido usado como forma de autenticar as práticas escravagistas do povo europeu pois a raça branca era “superior”, foi após a tragédia nazista que estudiosos passaram a desaprovar e criticar radicalmente à utilização do conceito de raça. Assim, o conceito de raça para a biologia, hoje representa todo o conjunto de seres humanos, ou seja, existe apenas uma raça, a humana. Mas para o campo sociológico, muitos teóricos como o próprio Hall, defendem que o conceito é um forte aliado descritivo e analítico para a compreensão das relações sociais.

O conceito de etnia diz respeito às questões de identidade dos povos, segundo o intelectual Munanga (2008), professor da Universidade de São Paulo, etnia envolve um conjunto de indivíduos que, histórica ou mitologicamente, possuem um ancestral comum; uma língua em comum, uma mesma religião ou cosmovisão; uma mesma cultura e moram geograficamente num mesmo território. Assim, é possível observar que a questão cultural é protagonista no debate sobre etnicidade. Munanga também destaca que tanto raça quanto etnia são utilizados nos jogos de poder, seja

na criação de formas de dominação, seja na sustentação das lutas de resistência desses povos. Como a etnia está muito relacionado a questão geográfica de lugar de origem (WADE, 2001; MUNANGA, 2008), no Brasil, o mesmo é frequentemente utilizado para os estudos sobre as populações indígenas. De modo que a maioria dos pesquisadores que atuam na área de relações raciais, empregam o conceito de raça para explicar o racismo.

Outro termo que no Brasil é utilizado de modo classificatório semelhante ao de raça, e por vezes considerado até como sinônimo por alguns autores, é o de cor. Segundo Guimarães, “cor, no Brasil, é mais que cor de pele: na nossa classificação, a textura do cabelo e o formato de nariz e lábios, além de traços culturais, são elementos importantes na definição de cor (preto, pardo, amarelo e branco)” (2011, p.266). Como princípio classificatório, em países da Europa e nos Estados Unidos, Guimarães destaca que a cor da pele seria apenas o único critério na classificação, “Ou seja, alguns brancos poderiam ser chamados de morenos, dark, foncés, brown, sem serem negros.” (2011, p. 268). O fato é que quanto mais escura for a cor da pele do indivíduo, mais ele ficará sujeito a sofrer discriminação por parte da sociedade racista, principalmente se também carregar consigo outros elementos de sua negritude. É nesse contexto que surge um conceito que trabalha formas de preconceito baseada essencialmente na cor da pele do sujeito, de modo que quanto mais escura (retinta ou pigmentada, como dizemos no movimento negro), mais racismo e exclusão a pessoa sofrerá. Trata-se do colorismo, prática que de acordo com Giovana Nascimento “derivou-se de valores criados e reforçados pela supremacia branca.” (2015, p. 171). Desse modo, de acordo com Tainan Silva:

Também denominada de pigmentocracia (quanto mais pigmentada uma pessoa, mais exclusão ela sofre), o colorismo estaca um tipo de discriminação que enfatizava os traços físicos do indivíduo, questões determinantes para revelar o valor que a ele seria dado em sociedade. Dessa forma, aspectos fenotípicos como um cabelo notadamente crespo, um nariz arredondado ou largo que são associados à descendência africana, também influenciam no processo de discriminação no denominado colorismo. (2017, p. 3)

Desta forma, é importante destacar que embora os Estados Unidos também tenham desenvolvido estratégias de branqueamento para minimizar o fenótipo dos afro-americanos, o processo de colorismo no Brasil funcionou de modo diferente. Na América do Norte, mesmo que a comunidade negra tentasse “melhorar” sua aparência alisando os cabelos e manipulando o tom de pele, de modo a se encaixar

no ideal branco, a classificação de raça se exprime por apenas dois termos: negros e brancos. Ou seja, no final do dia o negro é lido como negro, sem escapatória (SILVA, 2017).

Já no Brasil, a sistematização racial foi separada por diversos termos, o que projeta uma névoa no reconhecimento de negros e brancos. Como disserta Araújo (2000, p. 33).

Nosso pressuposto é de que as dificuldades de classificação racial na sociedade brasileira decorrem não somente da ideologia do branqueamento, como também da ideologia da mestiçagem e da apropriação e transformação da cultura negra, que tomaram corpo a partir do trabalho de Gilberto Freire e das necessidades do Estado Novo de criar um novo conceito de identidade brasileira.

Devido ao colorismo, o negro de pele mais clara usufrui da possibilidade de fazer parte de ambientes de maioria branca. Assim, cria-se a ilusão de que aquele espaço é inclusivo, quando na realidade uma pessoa retinta, de pele muito escura, não teria a possibilidade de acesso, como explica Silva (2017, p. 13).

A tolerância por pessoas negras cujos traços físicos são mais aceitos pela branquitude em espaços que essa mesma branquitude pretendia manter exclusivo, ressalta tão somente como o racismo ainda é camuflado em sociedade. (...) Uma pessoa de pele escura, aliás, será reconhecida como negra em todas as circunstâncias, sem poder disfarçar as suas características fenotípicas para então ser 'tolerada'. A branquitude, ao basear seus graus de receptividade do negro a depender da cor da pele, não demonstra qualquer interesse na problematização da questão racial, ou, mais ainda, não induz qualquer entendimento no sentido de desenvolver mecanismos destinados a combater a desigualdade racial.

Assim, perpassar por essa questão é importante para evidenciar como o racismo age muitas vezes de modo sutil, mas sempre de forma violenta e estruturada. Nesse cenário, relacionado com todos os conceitos já abordados, soma-se o recorte de classe social, fundamental para a perspectiva interseccional. A partir do olhar marxista, as classes sociais são categorias do modo de produção capitalista, que por sua vez anseia o acúmulo de riqueza pela classe dominante - burguesia -, a partir da exploração da mão de obra da classe trabalhadora. A divisão da sociedade nestas duas classes projeta enormes desigualdades, uma vez que, tudo que é produzido pela maioria trabalhadora é apropriado pela minoria que detém os meios de produção (MARX, 2013). Nesta linha teórica existe o feminismo

marxista e socialista, o qual privilegia a dupla gênero-classe para dar luz as relações de dominação derivadas do capitalismo e do patriarcado.

Deve-se levar em consideração que as diferenças de classe na sociedade brasileira e norte-americana possuem um histórico e raízes profundas cultivadas por mais de 300 anos durante o período escravagista. Para dar luz a essa problemática, de acordo com a Síntese de Indicadores Sociais (SIS), divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2018, os brancos ganharam em 2017 em média 72,5% mais do que pretos ou pardos e os homens ganharam, em média, 29,7% mais que as mulheres. Se tratando do arranjo formado por mulheres pretas ou pardas sem cônjuge e com filho(s) até 14 anos, 64,4% delas vivem abaixo da linha da pobreza<sup>17</sup>. Nesse sentido, de acordo com Flávia Biroli e Luis Felipe Miguel (2015, p. 41):

Fica claro que não se pode tratar a diferença de renda como questão de gênero isoladamente. As desvantagens incidem sobre determinadas mulheres relativamente a determinados homens; gênero, raça e classe produzem conjuntamente as hierarquias que colocam mulheres negras em posição de maior desvantagem.

Como apresentado pelas pesquisas do IBGE, a mulher negra brasileira encontra-se na base da pirâmide da renda social do país, visto que “em 2017, os brancos ganhavam em média 72,5% mais do que pretos ou pardos e os homens ganhavam, em média, 29,7% mais que as mulheres” (2018). Nos Estados Unidos o cenário não é muito diferente, uma mulher negra americana recebe, em média, US\$13,00 a hora, em comparação a US\$17,00 das mulheres brancas, US\$ 32,00 homens brancos e US\$25,00 a hora para homens negros<sup>18</sup>. Ainda, Ciampa (1984) considera que a realidade social do indivíduo pode desenvolver relações de opressão e de violências simbólicas de forma que, a classe social reflete na estruturação específica na identidade do indivíduo. Aqui, surge outro conceito

---

<sup>17</sup> Informações fornecidas pelo IBGE disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101629.pdf>>. Acesso em 20 de set. de 2019.

<sup>18</sup> Conforme matéria do portal de notícias G1 (2016). Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/2016/07/saiba-qual-grupo-etnico-mais-bem-pago-nos-eua-dica-nao-sao-os-brancos.html>>. Acesso em 20 de set. de 2019.

importante que também leva fortemente em consideração as questões sociais e culturais, é o de identidade.

De modo geral, é possível entender identidade como “aquilo que eu sou”, ou seja, o conjunto e características particulares de uma pessoa que fazem ela ser quem é. A identidade é uma construção e está constantemente sofrendo influências sociais e culturais. Hall, em sua obra “A identidade cultural na pós-modernidade” (2006), afirma que a identidade não é algo inato na consciência humana desde o nascimento, e sim formada ao longo do tempo, por meio de diversos processos inconscientes do sujeito. Dessa forma, é fundamental destacar que o debate acerca da questão identitária nos últimos anos, relaciona-se com as mudanças simbólicas e sociais que ressignificam a compreensão das relações sociais. De acordo com o autor, o sujeito pós-moderno não tem uma identidade fixa, mas sim, várias identidades formadas e transformadas constantemente em relação às formas como acontecem as representações nos sistemas culturais a sua volta. Isso porque, conforme os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, os sujeitos são confrontados por uma multiplicidade de identidades possíveis, com cada uma das quais ele poderia se identificar - ao menos temporariamente (HALL, 2006).

Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento - descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos - constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo. (HALL, 2006, p.9)

Se acaso essas mudanças parecem respaldar de forma negativa no indivíduo ao formar a chamada “crise de identidade”, contrariamos este pensamento, uma vez que o processo discutido por Hall é uma grande contribuição para a construção do desenvolvimento identitário, visto que esse processo se constitui nas relações de troca com o outro, no contraste, na negociação e principalmente no conflito. A identidade de gênero representa algo complexo ao refletir a constituição do íntimo do indivíduo e sua identidade, em relação às práticas culturais e pré-estabelecidas da sociedade. O gênero, como elemento constitutivo das relações sociais é uma

construção social que determina os padrões de comportamento dos indivíduos, homens e mulheres (BEAUVOIR, 1967; BUTLER, 2003; BOURDIEU, 1995).

Para concluir o debate acerca da interseccionalidade, convém apresentar autoras feministas que apresentam uma visão diferente sobre a temática. As francesas Danièle Kergoat e Elsa Dorlin (2010) fazem uma crítica ao modelo proposto por Crenshaw, pois, acreditam que o mesmo atua de uma maneira cartográfica que naturaliza os eixos de opressão e interpreta como fixas as relações de poder, que na realidade são móveis, construídas socialmente e historicizadas. Deste modo, Kergoat e Dorlin usam a ideia de consubstancialidade como uma forma de leitura da realidade social, segundo elas o mesmo é “o entrecruzamento dinâmico e complexo do conjunto de relações sociais, cada uma imprimindo sua marca nas outras, ajustando-se às outras e construindo-se de maneira recíproca.” (2010, p.100). A contribuição das autoras é significativa, apesar disso, neste trabalho será utilizado o olhar da perspectiva interseccional. Justifica-se o uso do conceito, pois, entende-se que Crenshaw conseguiu dar conta e costurar as questões relativas a gênero, raça, etnia, classe e demais similaridades em uma discussão teórica embasada, autêntica e que abraça tudo o que considera-se importante para estabelecer um olhar empático, humano, subjetivo e representativo dos sujeitos e, em específico do nosso objeto de estudo; as mulheres negras. Além disso, escolher utilizar o conceito da advogada, professora e feminista negra Kimberlé Crenshaw é uma maneira de visibilizar a luta e o lugar de fala das mulheres negras contra os discursos hegemônicos, e são contra hegemônico “no sentido de que visam desestabilizar a norma” do senso comum, “visam pensar outras possibilidades de existências para além das impostas pelo regime discursivo dominante” (RIBEIRO, D. 2017, p. 50).

### 3 REPRESENTAÇÃO SOCIAL E FICÇÃO SERIADA

Neste capítulo será apresentado uma discussão a respeito do conceito de representação social, e as interconexões entre gênero e raça. Para introduzir a questão das representações, no item 3.1, será empregado principalmente o pensamento do estudioso Stuart Hall. Os subcapítulos 3.2 e 3.3 trarão uma discussão a respeito da ficção seriada e da representação da mulher negra nessas narrativas, junto a algumas considerações sobre estereótipos de gênero e raça.

#### 3.1 STUART HALL E O CONCEITO DE REPRESENTAÇÃO SOCIAL

Stuart Hall (1932-2014) foi um sociólogo e escritor jamaicano, considerado um dos grandes pensadores da escola de pensamento que hoje é conhecida como “Estudos Culturais”. Hall aborda em suas obras ponderações sobre identidade cultural, raça, etnia e representações, principalmente no âmbito de criação da política de identidades da diáspora negra<sup>19</sup>. No que tange ao conceito de representação, o mesmo está sendo debatido desde a antiguidade até os dias atuais. Sendo difícil utilizar de apenas uma visão para definir este fenômeno, o qual as pesquisas garantem inúmeros avanços no âmbito dos estudos culturais, na compreensão da organização social e dos impactos na psique humana.

Assim como Hall, a professora doutora em Estudos Sociais, Denise Jodelet também aborda a temática das representações. Jodelet considera que “as representações sociais são uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com o objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (2002, p.22). Nesse sentido, as representações existem pois o ser humano tem a necessidade de se reconhecer perante o mundo que o cerca. A autora aborda que as representações sociais,

---

<sup>19</sup> Diáspora é o nome dado ao fenômeno sociocultural e histórico que ocorreu em diversos países, além do continente africano, devido à imigração forçada, por fins escravagistas mercantis que perduraram até o final do século XIX. Wendy S. Walters em seu livro “At home in Diaspora – Black International Writing”, apresenta diáspora como o espaço global, uma teia de abrangência mundial, que se deve tanto pelo continente original quanto por qualquer lugar no mundo em que seus filhos possam ter sido levados pelas cruéis forças da história” (WALTERS, 2005, p. vii).

enquanto sistemas de interpretação, influenciam diversos processos relacionados ao desenvolvimento pessoal e coletivo dos sujeitos, na definição das identidades pessoais e sociais, na forma de se expressar dos grupos e nas transformações sociais (2002). Stuart Hall traz as seguintes ponderações sobre o conceito:

Representação significa utilizar a linguagem para, inteligivelmente, expressar algo sobre o mundo ou representá-lo a outras pessoas. (...) Representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura. Representar envolve o uso da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam objetos. (HALL, 2016, p.31)

A partir das colocações desses autores, observa-se que direcionamos nosso olhar para um fenômeno extremamente complexo e importante, que está diretamente ligado a forma com que os indivíduos se reconhecem e atribuem significado tanto a coisas quanto a sua existência. Jodelet aborda que estudar o fenômeno das representações sociais:

(...) constitui uma contribuição decisiva para a aproximação da vida mental individual e coletiva. Deste ponto de vista, as representações sociais são abordadas simultaneamente como o produto e o processo de uma atividade de apropriação da realidade exterior ao pensamento e da elaboração psicológica e social da realidade. (JODELET, 2002, p.5)

Assim, neste trabalho compreendemos as representações sociais como um campo discursivo e social, ou seja, com essência histórica e ideológica, que envolve sobretudo lutas por representações. No que tange a noção clássica, a representação está ligada a ideia de “estar no lugar de”, também associada à noção de analogia, ou *mimese*. De acordo com as palavras do pai da semiótica Charles Sanders Peirce, representação bem como o ato de representar pode ser entendido como:

Estar no lugar de, isto é, estar numa tal relação com um outro que, para certos propósitos, é considerado por alguma mente como se fosse esse outro. Assim, um porta voz, um deputado, um advogado, um agente, um vigário, um diagrama, um sintoma, uma descrição, um conceito, uma premissa, um testemunho, todos representam alguma coisa, de diferentes modos, para mentes que os consideram sob esse aspecto. (PEIRCE, 2008 - 11, p. 61)

Peirce caracterizou a semiótica como a “teoria geral das representações” ainda em 1865, para o autor o termo representação envolve necessariamente uma relação triádica, um esquema entre: 1) Signo; 2) Objeto e 3) Interpretante. O processo



representativo acontece a partir das relações que se estabelecem entre os três elementos, os quais atuam determinando ou sendo determinados pelos outros constituintes da tríade. Para Peirce o signo é aquilo que, em dada perspectiva, representa algo para alguém, criando em sua mente um signo equivalente. É nessa ação que é gerado o interpretante, já aquilo que o signo representa é denominado seu objeto. Para a semiótica peirceana, representar é estar no lugar de outro, de tal forma que, para uma mente interpretante, o signo é tratado como sendo o próprio objeto (SANTAELLA e NOTH, 1999; PEIRCE, 2008).

O livro “Crítica da Imagem Eurocêntrica: Multiculturalismo e Representação” (2006), de Ella Shohat e Robert Stam aborda a questão do estereótipo, realismo e a luta por representação. Na obra, os autores também tratam da dimensão estética da representação, e a tratam como Aristóteles e Platão<sup>20</sup>, como uma forma de *mimese*.

A representação também tem uma dimensão estética, pois a arte é uma forma de representação, uma *mimese*, em termos platônicos e aristotélicos. A representação é teatral, e em muitas línguas “representar” significa atuar ou fazer um papel. (...) O que todos esses exemplos têm em comum é o princípio semiótico de que algo “está no lugar” de uma outra coisa, ou de que alguém ou um grupo está falando em nome de outras pessoas ou grupos. Nos campos de batalha simbólicos dos meios de comunicação de massas, a luta por representação tem correspondência com a esfera política. (Shohat e Stam, 2006 p.227- 268)

A reflexão dos autores é essencial para a compreensão da relevância e das várias dimensões que a representação pode ter. Com o objetivo de analisar a representação de personagens negras na ficção seriada, é importante perceber que “as narrativas, sejam elas escritas, visuais ou audiovisuais, em textos tradicionais ou contemporâneos, são formas de representação social” (MALCHER, 2010, p. 95). Portanto, as histórias difundidas pelas plataformas de streaming recorrem a essa prática na tentativa de estabelecer uma conexão com o receptor e provocar uma identificação. A questão é que, a forma com que a mulher negra é retratada na ficção seriada pode contribuir para a construção da sua autoimagem de forma positiva ou negativa. As telenovelas, filmes, séries, livros, etc. possuem poder para tal, visto que são agentes significantes na sociedade.

---

<sup>20</sup> A origem das investigações sobre a natureza dos signos coincide com a origem da filosofia. “Platão e Aristóteles eram teóricos do signo e, portanto, semiotistas avant la lettre” (Nöth, 1995b: p.20).

No que diz respeito a concepção semiótica das representações, para Hall este enfoque, assim como o clássico, apresentam limitações. O pensador disserta que a semiótica aparenta delimitar os processos de representação apenas à linguagem, e se ocupa em tratá-los feito sistemas estáticos como se fossem encerrados em si mesmos, quando precisam de unidades maiores de análise como os discursos, por exemplo (2016).

(...) a abordagem *semiótica* se concentra em *como* a representação e a linguagem produzem sentido - o que tem sido chamado de “poética”, enquanto a abordagem *discursiva* se concentra mais nos *efeitos* e *consequências* da representação - isto é, sua política. Examina não apenas como a linguagem e a representação produzem sentido, mas como o conhecimento elaborado por determinado discurso se relaciona com o poder, regula condutas, inventa ou constrói identidades e subjetividades e define o modo pelo qual certos objetos são representados, concebidos, experimentados e analisados. (HALL, 2016, p.26-27, grifos do autor)

No contexto da presente pesquisa, tais horizontes teóricos apresentados por Hall se mostram como fundamentalmente úteis uma vez que, através de nossas análises buscaremos averiguar não só como as representações acontecem, mas também quais são efeitos e consequências elas podem trazer para os sujeitos da realidade concreta. Nesse sentido, outra reflexão importante discutida por Hall, é a possibilidade de compreender o fenômeno da representação através da lógica daquilo que ele chama de “sistemas de representação”.

O primeiro sistema de representação está relacionado a complexa capacidade humana para o processamento mental das representações, (ibdi., p.34) “(...) o significado depende do sistema de conceitos e imagens formadas em nossos pensamentos (...) Este sistema possibilita que façamos referências a coisas tanto dentro, quanto fora de nossa mente.” Este processo é, portanto, formado a partir de distintas formas de organizar, agrupar, regular e classificar conceitos, estabelecendo relações entre eles. Ainda, pode acontecer das interpretações de mundo dos indivíduos serem diferentes, únicas e individuais, contudo, graças a capacidade de comunicação é viável compartilhar o mapa conceitual, trocar sentidos e se fazer entender. Tudo por mérito da linguagem, a qual aparece como o segundo sistema de representações, envolvida no processo global da construção de sentido (ibid., p. 36-38).

Os mapas conceituais ao serem compartilhados, devem se fazer entender numa linguagem comum, para que seja possível compreender a partir de palavras,

sons, ou imagens, determinados conceitos e ideias. Neste ponto, o autor coloca em destaque a dimensão simbólica da linguagem (ibid., p.37):

O termo geral que usamos para palavras, sons ou imagens que carregam sentido é signo. Os signos indicam ou representam os conceitos e as relações entre eles que carregamos em nossa mente e que, juntos, constroem os sistemas de significado da nossa cultura.

Hall aborda que os signos são organizados em linguagem. É a existência de linguagens comuns que permite a tradução dos pensamentos em palavras, sons, gestos e imagens. Por conseguinte, é possível que o indivíduo use o signo para se expressar, se fazer entender e comunicar seus pensamentos com outras pessoas. As séries ficcionais entram neste cenário com a capacidade de estabelecer um tipo de comunicação na qual ideias, valores e comportamentos da vida social são representados e surgem como elemento fundamental da sua configuração enquanto linguagem.

No que tange as teorias que dão conta de refletir sobre o tema das representações, Hall revela três enfoques básicos que explicam de que forma a representação do sentido trabalha através da linguagem. Os enfoques são denominados de reflexivo, intencional e construtivista.

Na abordagem reflexiva, a linguagem funciona como um espelho, que reflete o verdadeiro sentido repousado no objeto ou pessoa, tal como ele existe no mundo. Trata-se da noção mimética, a qual carrega uma “verdade óbvia de representação de linguagem” (HALL, 2016, p. 47). O segundo enfoque se constrói na direção contrária, pois afirma que o sentido e a representação são construídos pelo interlocutor, o autor, o qual é capaz de impor um sentido único sobre o mundo através da linguagem, é o enfoque intencional. “As palavras significam o que o autor pretende que signifiquem” (ibid., p. 49). Contudo, Hall também apresenta uma falha neste enfoque pois o indivíduo não é a única fonte de sentido, visto que a essência da linguagem é a comunicação, a qual depende de regras, convenções e de códigos compartilhados e construídos socialmente.

Por fim, a terceira abordagem é a construtivista, a qual reconhece que não necessariamente as coisas por si só, tampouco os usuários individuais, podem construir o sentido de uma língua. Para este terceiro enfoque, “as coisas não significam: nós construímos o sentido usando sistemas de representação, conceitos

e signos” (ibid., p. 48). De acordo com os construcionistas, é graças ao sistema da linguagem que é possível representar os conceitos da mente humana.

São os atores sociais que usam os sistemas conceituais de sua cultura, os sistemas lingüísticos e os demais sistemas representacionais para construir sentido, para fazer do mundo algo significativo e para se comunicar com os outros sobre este mundo” (HALL, 2016, p. 49)

Cabe destacar que a cultura está diretamente relacionada com o processo de produção de significados de um indivíduo. De acordo com o jamaicano, a palavra “cultura” passou a ser usada para se referir aos “valores compartilhados” e tudo que seja característico do modo de vida de um povo, nação ou grupo social. Dessa forma, “Afirmar que dois indivíduos pertencem a uma mesma cultura equivale a dizer que eles interpretam o mundo de maneira semelhante e podem expressar seus pensamentos e sentidos de forma que um compreenda o outro.” (ibid., p. 20).

No universo do mundo social, as representações são determinadas pelos interesses dos grupos que as estabelecem, de forma que os papéis subalternos são alegóricos, homogêneos e representados com características típicas daquele grupo, ou seja, dotado de uma série de estereótipos. Como explica Shohat e Stam (2006, p.269):

(...) as representações dos grupos dominantes não são vistas como alegóricas, mas como “naturalmente” diversas, exemplos de uma variedade que não pode ser generalizada (...) Entretanto, cada imagem negativa de um grupo “minoritário” se torna, na lógica da hermenêutica da dominação, imbuída de significados alegórico (...)

A partir do entendimento que as representações possuem um papel fundamental na formação de condutas e modelam comportamentos, estereotipar um grupo é distorcer sua imagem e tirar dele sua complexidade e essência. A vista disso “a questão crucial em torno dos estereótipos e distorções está relacionada ao fato de que grupos historicamente marginalizados não têm controle sobre sua própria representação.” (SHOHAT e STAM, 2006, p. 270). Ou seja, são sempre representados a partir do olhar do outro graças a desigualdade de poder existente. Stuart Hall (2016), traz o pensamento de Richard Dyer (1977) e disserta sobre a questão. Apresenta três pontos que demonstram o que é e como funciona um estereótipo.

O primeiro ponto é que estereótipos se apossam de poucas características de uma pessoa. Tudo nela é reduzido a esses atributos, que também são exagerados e simplificados. Por isso, “a estereotipagem reduz, essencializa, naturaliza e fixa a “diferença”.” (HALL, 2016, p. 191). No segundo ponto, o autor levanta a prática de fechamento e exclusão que divide o normal e aceitável, do anormal e inaceitável (ibid., p. 192).

A estereotipagem, em outras palavras é parte da manutenção da ordem social e simbólica. Ela estabelece uma fronteira simbólica entre o “normal” e o “pervertido”, o “normal” e o “patológico”, o “aceitável” e o “inaceitável”, o “pertencente” e o que não pertence ou é o “Outro”, entre “pessoas de dentro” (insiders) e “forasteiros” (outsiders), entre nós e eles.

Já o terceiro ponto trata justamente da relação de poder da estereotipagem, tal qual citamos anteriormente, pois, a estereotipagem geralmente acontece onde existem enormes desigualdades de poder (HALL, 2016). Dessa forma, os estereótipos são dirigidos contra grupos subordinados, marginalizados ou excluídos socialmente.

Tendo ciência de que os estereótipos são utilizados como estratégias ideológicas para naturalizar e legitimar convenções criadas pelas estruturas de dominação social vigentes (HALL, 1997). Enfatizar as representações que acontecem no cenário midiático, principalmente nas narrativas ficcionais seriadas, torna viável uma análise sobre a forma com que gêneros e artefatos culturais são utilizados para “forjar a aceitação do status quo e a dominação social” (FREIRE, 2005, p. 19). Além de visibilizar e dar voz aos grupos estereotipados, os estimulando a resistir à opressão e a negar ideologias e estruturas de poder violentas.

### 3.2 A FICÇÃO SERIADA E SEUS DESDOBRAMENTOS

Como destacado anteriormente, símbolos e códigos estão diretamente relacionados à forma com que o sujeito produz sentido e atribui significado aos processos da vida social. Dessa forma, os meios de comunicação ocupam um papel central no que tange a formação social e cultural dos indivíduos. Não apenas reproduzindo cópias da realidade social, mas por serem eles próprios dispositivos de produção de sentido que interferem nas instituições e nas práticas socioculturais

(VERÓN, 2014). Angrisano e Silva (2014, p. 120), apresentam como o uso dos meios de comunicação podem causar impacto:

Na era da midiatização prevalece a ideologia representacional. A midiatização vem tentando se legitimar criando uma proposta de real que quer ser o tempo todo afirmado como o único e verdadeiro real, como uma nova organização sócio-simbólica. A televisão e os demais meios apontam propostas de identidades e papéis sociais para os indivíduos da sociedade industrial. Dialeticamente existe o “real social” (a cultura, as instituições, os recursos...) e a representação desse real produzida pelos dispositivos comunicacionais.

No Brasil, a televisão foi inaugurada em São Paulo no ano de 1951 e se estendeu para outros lugares do país no final dos anos 60. Contudo, foi após 1994 que passou a estar presente na casa dos brasileiros das classes mais baixas, pois até então era um bem de consumo da elite do país (BUENO, 2016). A medida que os anos se passaram, uma série de fatores levaram a televisão a ser mais do que um utensílio doméstico, e sim o principal meio de comunicação da população norte-americana (MILLER, 2009) e brasileira<sup>21</sup>. Isso não só pela sua capacidade de ser um agregador social, mas também pelo seu potencial em oferecer às pessoas informação, educação e entretenimento (MALCHER, 2009).

Provenientes da literatura, na qual os autores publicavam os capítulos em dias diferentes, as séries norte-americanas surgem principalmente da necessidade da televisão de manter uma programação contínua.

A necessidade de alimentar com material audiovisual uma programação ininterrupta teria exigido da televisão a adoção de modelos de larga escala, onde a serialização e a repetição infinita do mesmo protótipo constituem a regra. (MACHADO, 2009, p. 86)

Em meados do século XXI, a narrativa seriada toma uma nova roupagem, baseada no forte consumismo norte-americano (JOST, 2007). É nesse cenário que a narrativa audiovisual seriada chega ao Brasil como produtos importados, vindo das emissoras norte-americanas. A partir disto, a televisão e outros meios de comunicação, colocam os indivíduos em um bolo homogêneo, fazem uso de padrões, modelos e estereótipos com vista a atingir o maior número de pessoas

---

<sup>21</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2014/03/segundo-meio-de-comunicacao-mais-usado-e-internet-aponta-pesquisa.html>>. Acesso em 25 de set. de 2019.

possível, como uma indústria que funciona a partir de meios de produção em série. A este fenômeno é dado o nome de Indústria Cultural, conceito proposto por Adorno e Horkheimer (1985) que estabelece uma crítica à padronização dos conteúdos produzidos pelos meios de comunicação, num primeiro momento pelo rádio e cinema e posteriormente pela televisão, como apontam os autores (1985, p. 57):

(...) a técnica da indústria cultural levou apenas à padronização e à produção em série, sacrificando o que fazia a diferença entre a lógica da obra e a do sistema social. Isso, porém, não deve ser atribuído a nenhuma lei evolutiva da técnica enquanto tal, mas à sua função na economia actual.

Freire Filho (2005), disserta que é através dos filmes, da ficção seriada, videoclipes, noticiários e outras narrativas, que a Indústria Cultural alimenta a população sobre como agir em relação à política, personalidade, relacionamentos, aparência física e comportamento sexual. Ou seja, a Indústria Cultural fornece todos os modelos e recursos simbólicos para que o público, a partir deles, possa construir significado sobre o que é ser “moderno”, “civilizado”, “cidadão”, “vitorioso”; “atraente”, “cool”, “in”, “fashion”. Ainda, Freire (2005, p. 21) acrescenta que:

(...) a publicidade, as revistas femininas, o cinema hollywoodiano e a ficção seriada televisiva refletem valores sociais dominantes e denigrem simbolicamente a mulher, seja por simplesmente não representá-las, seja por apresentá-las em situações ou atividades socialmente desvalorizadas.

Desse modo, em 1990 ocorre uma grande diversificação na estrutura da programação televisiva, e cresce também a competição entre as emissoras e o surgimento de canais fechados, tanto a cabo quanto por assinatura (HAMBURGUER, 2005). Esses fatores mudaram não só o cenário da indústria televisiva como também as formas de consumo das narrativas ficcionais seriadas, conforme desenvolve o professor doutor Marcel Vieira Barreto Silva (2014, p.244):

A série surge e acaba definindo o momento de transformação do panorama televisivo nos anos 1980. Com a quebra da hegemonia das três grandes redes, a progressiva inserção da TV a cabo nos domicílios e a mudança no paradigma publicitário, que passa a pensar os programas não apenas como obras transversais que deviam interessar ao maior número de espectadores, mas como obras específicas, endereçadas a determinados públicos, com suas próprias características e interesses de consumo.

Na atualidade, leva-se em consideração o cenário de constante evolução tecnológica onde a internet aparece como o segundo principal meio de comunicação brasileira<sup>22</sup> e ajuda a difundir as narrativas audiovisuais, contribuindo também para o desenvolvimento de uma cultura das séries. Deste modo, “o que chamamos aqui de cultura das séries é resultado dessas novas dinâmicas espectatoriais em torno das séries de televisão, destacadamente, as de matriz norte-americana” (2014, p.243). À vista disso, a televisão hoje, embora esteja consolidada na estrutura tecnológica de transmissão de sinal, divide espaço com múltiplas plataformas de produção de conteúdo.

Silva também propõe três condições centrais para o debate acerca das condições que fizeram com que as séries ocupassem lugar de destaque dentro e fora dos modelos tradicionais de televisão. A primeira diz respeito à reconfiguração de gêneros clássicos de narrativas como sitcom, melodrama e o policial, para o desenvolvimento de novos modelos, essa condição é chamada pelo autor de forma. A segunda diz respeito as mudanças tecnológicas em torno do digital e da internet, que possibilitaram e impulsionaram a circulação das séries em nível mundial, indo além do alcance da circulação televisiva. E por fim, a terceira aborda as formas de consumo das séries, que hoje se caracterizam tanto na dimensão espectral do público, por meio de comunidades de fãs -os chamados fandoms-, quanto na criação de espaços midiáticos que não necessariamente estão vinculados a veículos oficiais de comunicação como grandes jornais e revistas (2014).

A partir desta conjuntura, a produção acadêmica a respeito da ficção seriada cresce exponencialmente e estuda desde a história e produção dessas ficções até as formas de recepção do público. O constante aumento da presença das séries nas experiências televisivas da população mundial, nos dias atuais, deve-se principalmente a contribuição da internet e das plataformas de streaming, que facilitaram tanto a produção dessas narrativas quanto o acesso dos consumidores as mesmas. As séries americanas são as principais responsáveis pela evolução do gênero (JOST, 2012). No que tange a diferença entre as séries e as telenovelas brasileiras, destaca-se o fato das séries possuírem mais de uma temporada, como é

---

<sup>22</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2014/03/segundo-meio-de-comunicacao-mais-usado-e-internet-aponta-pesquisa.html>>. Acesso em 25 de set. de 2019.



o caso de *Malhação*<sup>23</sup> no Brasil e *Friends*<sup>24</sup> nos Estados Unidos. Em vista disso, o olhar para essas narrativas é valioso à medida que nos auxilia a entender o funcionamento das dinâmicas sociais na contemporaneidade.

Mesmo se circunscrevendo a um universo audiovisual, sobretudo estrangeiro (e mais especificamente norte-americano), é fundamental aqui no Brasil que voltemos a atenção para essas dinâmicas, visto que elas estão presentes nas práticas culturais de inúmeras pessoas, influenciando novos roteiristas e diretores, tornando-se referência para nossos próprios programas. (SILVA, 2014, p. 251)

Em 2011, o pesquisador e professor francês François Jost elaborou um estudo a respeito das séries norte-americanas, trabalho intitulado *De quoi les séries américaines sont-elles le symptôme?*<sup>25</sup>. Jost explicita que “o que seduz o telespectador não é, portanto, encontrar a cópia exata do nosso mundo, mas, sim, e sobretudo, um modo de narração, um discurso, com o qual ele está habituado” (JOST, 2012, p. 42). As séries possuem a capacidade de obter um alto acolhimento pelo público, pois, elas retratam os heróis como “gente como a gente”, ou seja, figuras que se aproximam ou são iguais às pessoas do cotidiano. Isto é, o sucesso das séries se dá em razão das condições de compensação simbólica oferecida ao público, as séries americanas apresentam-se como próximas da realidade do telespectador, o fazendo adentrar em uma realidade próxima da sua. Por fim, a partir do pensamento de Jost, compreende-se que as séries refletem uma ideologia que perpassa o mundo contemporâneo e atua como uma vitrine de valores e padrões culturais e estéticos.

É levando em consideração que as narrativas ficcionais seriadas carregam grande capacidade de causar impacto social, refletem princípios culturais e moldam comportamentos e valores sociais que este trabalho dirige sua atenção para esse fenômeno, destinando-se compreender se a maneira de representar determinado grupo, pode contribuir para quebra de estereótipos.

---

<sup>23</sup> Série dirigida ao público adolescente, produzida pela Rede Globo de televisão. Sua primeira temporada foi ao ar em 1995 e a 27ª em 2019.

<sup>24</sup> Famosa sitcom norte-americana com dez temporadas (1994-2004).

<sup>25</sup> Traduzido para: Do que as séries americanas são sintoma?”

### 3.3 O LUGAR DAS PERSONAGENS NEGRAS NA FICÇÃO SERIADA

Embora a mulher tenha ocupado o espaço público desde o final dos anos sessenta, somente na década de 1990 aparecerá representada nas narrativas televisivas sob uma ótica mais diversa quanto a sua emancipação social, ou seja, como alguém que trabalha e luta pela igualdade de oportunidades fora do ambiente doméstico. A partir disso, a primeira observação diz respeito às séries policiais, que eram produções geralmente voltadas ao público masculino, porém, trouxeram no final da década de 1980 as primeiras mulheres como protagonistas (ALMEIDA, 2015). Dessa forma, destaca-se o fato de a narrativa seriada policial ser um dos primeiros espaços a visibilizar à mulher que estava fora do ambiente doméstico.

No livro "Mulheres em seriados" (2015), as doutoras Alvanita Almeida e Ivia Alves trazem o debate de gênero e demandas de mercado ao examinar a crescente presença de mulheres em seriados como um produto da maior autonomia financeira das mesmas:

As mídias contemporâneas, com o propósito de atender a diferentes nichos de mercado, têm proposto outros perfis. A observação de que as restrições às mulheres têm sido quebradas, sobretudo a partir do momento em que elas passaram a ser consumidoras dos produtos de mídia, tendo condição de pagar pelos serviços de canais fechados de TV, fez com que as emissoras se preocupassem em construir algo que as satisfizessem. (2015, p. 42)

Logo, ao considerar que a mídia, principalmente a televisiva, “atende apenas ao interesse das classes que possuem e controlam os meios de comunicação” (2015, p. 42), nota-se que as mulheres que estavam representadas nos novos espaços de liderança nas narrativas seriadas eram sempre mulheres brancas. Embora a participação da mulher negra, em papéis secundários, já fosse vista desde o início do século XX nas narrativas audiovisuais americanas, essas representações eram cobertas de estereótipos (ARAÚJO, 2000). O primeiro deles -também um dos mais famosos-, é o estereótipo da mulher negra como *mammie*, conhecido no Brasil como mãe preta, a doméstica perfeita que cuida da família branca como se fosse a sua.

A mulher negra típica prevista para sua interpretação devia ser uma atriz grande e gorda, capaz de caracterizar uma negra ao mesmo tempo orgulhosa, dominadora, de vontade forte, irritável, mas intensa na sua maternidade. Provavelmente, foi o estereótipo mais retomado pelo

melodrama das rádonovelas mexicanas e cubanas e pela televisão brasileira (ARAÚJO, 200, pg. 50)

Percebe-se que a *mammie*, ou mãe preta, tem natural aptidão para o trabalho doméstico. Angela Davis destaca que o ambiente doméstico foi incutido na representação da mulher negra, também como produto do papel o qual elas foram obrigadas a ocupar após a abolição e com o desenvolvimento do capitalismo industrial. Certamente também se faziam presentes em outros espaços, embora os meios de comunicação insistissem em apenas representá-las como serviçais.

A literatura dos Estados Unidos e os meios de comunicação populares do país fornecem numerosos estereótipos da mulher negra como serviçal resistente e confiável. As Dilseys\* (à la Faulkner), as Berenices (de a convidada do casamento\*\*) e as Tias Jeremimas de fama comercial se tornam personagens arquetípicas da cultura estadunidense (...) A definição tautológica de pessoas negras como serviçais é, de fato, um dos artifícios essenciais da ideologia racista. (DAVIS, 2016, p. 102)

Se quando escravizadas, as mulheres negras sofriam abuso sexual dos senhores brancos, enquanto livres o cenário não mudou, e esse passou a ser considerado um dos maiores riscos da profissão. “Por inúmeras vezes, foram vítimas de extorsão no trabalho, sendo obrigadas a escolher entre a submissão sexual e a pobreza absoluta para si mesmas e para sua família.” (DAVIS, 2016, p. 98). Dessa forma, o trabalho doméstico está fortemente relacionado com outro estereótipo que foi produzido a respeito da mesma. As mulheres negras passaram a ser vista pela sociedade racista como “promíscuas” e “imorais”, e as produções dos veículos de comunicação também reforçaram esse imaginário.

Uma vez vendo a televisão americana vinte e quatro horas por dia por uma semana inteira aprende-se a forma na qual é percebida a mulher negra na sociedade americana – a imagem predominante é a da mulher “decadente”, a vaca, a puta, a prostituta” (hooks, 1981, p.39)

Neste estereótipo, a mulher negra é “quente”, é lida como “diferente das mulheres brancas, que são sérias e puritanas” (DAVIS, 2013, p. 5). No Brasil, o estereótipo da mulata, discutido aqui por Lélia Gonzalez e tantas outras, é justamente o composto das características apontadas por hooks e Davis. Os Estados Unidos produziram outro estereótipo que também foi exportado para o Brasil e é muito recorrente, o *angry black woman* - mulher negra raivosa. Foi a partir da personagem Sapphire Steves, do programa de rádio e (posteriormente) televisão,

Amos 'n' Andy que o estereótipo se consolidou. O nome Sapphire também é por vezes utilizado para se referir ao estereótipo.

A mulher negra raivosa é o total inverso da *mammie*, é hostil, incapaz de agir de forma racional, irritante e perigosa. Ainda, segundo Luiza Costa (2018, p. 65), é “uma mulher de gestuais extravagantes com mãos e pescoço, tom de voz alto e discursos considerados irritantes e afrontosos”. Cabe destacar que este estereótipo reflete fortemente na vida amorosa das mulheres negras. Visto que se trata de uma mulher “desequilibrada”, a *angry black woman* é vista como alguém que não precisa de carinho ou atenção, portanto, alguém que não merece ser amada. Para além de outras coisas, o resultado prático desse estereótipo é solidão da mulher negra<sup>26</sup>. A partir desta síntese a respeito de alguns dos estereótipos mais recorrentes quando se trata de mulheres negras, observamos que:

Há estereótipos de gênero que determinam quem é uma mulher boa e quem é uma mulher má. Há estereótipos de raça que pré-determinam que as mulheres afro-americanas serão categorizadas como mulheres más, a despeito do que fazem e de onde vivem. Por último, pode-se dizer que a propaganda de gênero com um componente racial também faz parte de algumas políticas públicas. (CRENSHAW, 2004, p.13)

Se nos Estado Unidos, a ascensão de uma classe média negra contribuiu para o constante aumento dos sitcoms protagonizados por famílias afro-americanas, como *Good Times* (1974-1979) e *The Cosby Show* (1984-1992) - que embora não estivessem totalmente livres de estereótipos, contribuíram para a construção de um cenário midiático mais diverso. No Brasil, a ausência de negros na televisão era reflexo dos preconceitos e do racismo institucional do veículo e de seus anunciantes.

(...) a própria mídia televisiva propende a ser mais um veículo de reforço simbólico da política de invisibilidade da desigualdade e da discriminação racial, o principal meio de comunicação na imposição de um modelo cultural e estético euro-americano e de continuidade da política do branqueamento. (ARAÚJO, 2000, p. 68)

---

<sup>26</sup> “Homens brancos e negros tendem a ter preferências por mulheres brancas.” (LOPES, 2017, p.51) Observações de Djamila Ribeiro, feminista negra e mestre em filosofia política, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2ZNx1LV6c4A>>. Acesso em 16 de out. de 2019.

Foi após anos de luta do movimento negro por representação e representatividade, luta presente até os dias de hoje, que aos poucos o negro começou a protagonizar o cenário midiático brasileiro. Nesse contexto, o primeiro comercial de ovos de Páscoa com uma família negra, foi ao ar apenas em 1997 (ARAÚJO, 2000). De lá pra cá, essa luta tomou novas proporções e significados. Embora uma melhora tenha realmente acontecido quanto a representação do negro no mundo midiático, ainda são raros os momentos em que a mulher negra é apresentada de forma empoderada e em posições de liderança.

A plataforma de streaming NETFLIX, que está presente em mais de 190 países, tem grande potencial de contribuição para a mudança no cenário da representação da mulher negra no audiovisual. Visto que em seu catálogo estão disponíveis séries, filmes, shows, stand-up e documentários tanto de produção própria, quanto de outras companhias, que por vezes trazem para o debate público assuntos de interesse do movimento negro. A relevância dos conteúdos disponíveis na plataforma é tanta, que a mesma possui mais de 151 milhões de assinaturas<sup>27</sup> no mundo. No Brasil, o sucesso da NETFLIX pode ser confirmado a partir das suas 60.960.520 curtidas no facebook<sup>28</sup>, número que continua a crescer.

Dentre algumas das séries de sucesso disponíveis na plataforma, que contam com protagonistas negras estão; *Scandal* (Escândalos), *Dear White People* (Cara Gente Branca), *Chewing Gum*, *She's Gotta Have It*, *Grown-ish*, *How To Get Away With a Murder*, *Seven Seconds* (Sete segundos) e *On My Block*. Todas essas produções possuem o poder de continuar a representá-las sob a perspectiva dos estereótipos clássicos de; mulata, *mammie* ou *mãe preta* e *angry black woman*. Ou, podem quebrar com o *status quo*, ressignificá-los e contribuir diretamente para as representações sociais desse grupo que por tanto tempo não se viu ocupando papéis de destaque e relevância, na tela das produções seriadas.

Ao direcionar um olhar atento para essas séries, percebe-se que a maioria delas coloca a mulher negra em um novo lugar; advogadas, artista, promotora, cineasta, diferente do que até então se observava nas produções audiovisuais. Ainda que as características de algumas dessas personagens, possa incluir pontos

---

<sup>27</sup> Disponível em: <[https://media.netflix.com/pt\\_br/about-netflix](https://media.netflix.com/pt_br/about-netflix)>. Acesso em 02 de out. de 2019.

<sup>28</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/netflixbrasil/>>. Acesso em 05 de out. de 2019.

críticos como alcoolismo, por exemplo, a legitimidade da relevância do protagonismo delas como líderes, mulheres fortes e empoderadas é, em minha perspectiva, inegável. Ao contratar diretores, produtores ou escritores que levantam a problemática da questão racial, como Shonda Rhimes, Spike Lee, Justin Simien e Michaela Coel, a empresa se mostra atenta e preocupada em dar voz e espaço para que pessoas negras possam contar suas próprias histórias. Produzidas por pessoas negras, essas narrativas têm maior probabilidade de serem mais representativas e livres de estereótipos criados pela branquitude<sup>29</sup>.

Deste modo, cabe apresentar um panorama acerca de algumas das séries citadas anteriormente, para compreender melhor que novo lugar é esse em que a mulher negra está sendo representada. A primeira, *Scandal*, que em português leva o nome de "Escândalos: os bastidores do poder", é uma série dramática e política. Olivia Pope, a personagem principal, é uma relações públicas renomada em Washington D.C que trabalha no gerenciamento de crises e defende as imagens públicas da elite estadunidense. A equipe de Pope se autodenomina "gladiadores de ternos", são famosos por tirar seus clientes de situações comprometedoras e sempre ganharem os casos judicialmente. *Scandal* teve sua primeira temporada lançada no ano de 2012 e seu último episódio na sétima temporada em 2018. Tanto *Scandal* quanto HTGAWM são produções de Shonda Rhimes.

A série estadunidense *Dear White People*, é uma adaptação do filme de mesmo nome, também dirigido por Justin Simien. A série foi ao ar no dia 28 de abril de 2017, e tem seu final previsto para 2020 com a quarta temporada. O enredo narra a trajetória de seis estudantes negros da Universidade de Winchester, nos Estados Unidos. A trama destaca a estudante de audiovisual Samantha White, que ao apresentar seu programa de rádio "*Dear White People*", problematiza as atitudes racistas vividas em sua rotina acadêmica. A série aborda com sarcasmo questões

---

<sup>29</sup> Neste trabalho o conceito de branquitude é entendido como um estágio de negação do privilégio vivido pelo indivíduo branco, que não reconhece nenhuma vantagem estrutural em relação ao povo negro. PIZA, Edith. Adolescência e racismo: uma breve reflexão. An. 1 Simp. Internacional do Adolescente May. 2005. Disponível em: <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000082005000100022&script=sci\\_arttext](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000082005000100022&script=sci_arttext)>. Acesso em 03 de out. de 2019.

como racismo estrutural e institucional; solidão da mulher negra; relacionamentos interracialis; apropriação cultural; colorismo e militância negra.

A comédia britânica *Chewing Gum*, escrita e protagonizada por Micaela Coel, conta a história da vida da jovem de 24 anos Tracy Gordon. Criada pela mãe super religiosa, Trace namora Ronald há seis anos e acha que está pronta para dar o próximo passo na relação. Assim, com a ajuda de sua amiga Candice, Trayce pretende seduzir Ronald e perder a virgindade. Contudo, seu companheiro não está muito interessado em quebrar esse dogma da igreja. No meio disso, Tracy conhece o vizinho Connor, um jovem solitário que almeja ser poeta. A série estreou em outubro de 2015 e terminou em fevereiro de 2017 após duas temporadas. Entre os temas abordados estão racismo, sexualidade feminina, religião, sororidade feminina, homossexualidade e relacionamentos interracialis.

Derivada da série *Black-ish*, a sitcom americana *Grown-ish* narra o cotidiano da jovem Zoey Jonhsons que acaba de entrar na universidade. Criada pelos escritores e produtores negros estadunidenses Kenya Barris e Larry Wilmore, a série mostra o crescimento e as tramas de uma jovem negra da Geração Z de forma leve e divertida. A questão da diversidade é apresentada a partir dos amigos de Zoey, o imigrante Vivek que sonha em ser rapper, mas é um traficante de drogas. A bissexual Nomi, as gêmeas atletas Skyler e Jazlyn, o fashionista Luca, o ativista do movimento negro Aaron, e a latina Ana Torres. Para além do racismo, a série traz para o debate a questão identitária, a solidão da mulher negra, uso de drogas, militância, feminismo e relacionamentos afrocentrados.

*Seven Seconds*, expõe o caso da morte de um adolescente negro de 15 anos, atropelado acidentalmente por um policial que resolve acobertar o crime com a ajuda de seu chefe. Para que a morte do adolescente fosse amenizada, a polícia divulgou, sem reais fundamentos, que o garoto era possivelmente integrante de uma gangue de traficantes perigosa da cidade. A mãe do garoto, Regina King, precisa em meio ao luto encontrar forças para reverter a imagem que a polícia criou de seu filho, e lutar por justiça. Para desvendar o que realmente aconteceu, se envolvem no caso o detetive Joe Fish Rinaldi e a promotora do Ministério Público, K.J. Harper. A série traz um debate extremamente necessário, tendo em vista o cenário da violência policial no Brasil contra jovens negros. Além da corrupção policial, o drama fala sobre racismo, alcoolismo, homossexualidade, criminalidade e genocídio da população negra.

A partir dessa síntese sobre algumas das produções que trabalham com a questão de gênero e raça, pretende-se atrair a atenção do leitor para refletir, num primeiro momento o protagonismo feminino negro em si, com base na importância da representação. E ainda, a articulação da representação da mulher negra com outra categoria de análise que interessa este trabalho, o mundo do trabalho, tendo em vista que grande parte das personagens citadas estão inseridas nesse campo. Assim, é possível verificar que a representação da mulher negra passa por um processo de desassociação com os estereótipos comuns de subalternidade, para se encontrar com novos modos de personificação. Ainda, embora representadas a partir de uma nova ótica, as personagens tampouco estão livres de críticas, visto que são protagonistas que carregam não apenas a bagagem do sujeito, em sua esfera privada, mas também a articulação com um coletivo, ao unir as categorias de raça e gênero.



## 4 MUNDO DO TRABALHO

Neste capítulo serão apresentados alguns conceitos sobre trabalho e sua articulação com gênero e raça. Também, discutiremos o papel das Relações Públicas neste cenário, como agente de transformação social. Dessa forma, o item 4.1 levanta conceituações sobre a categoria trabalho e a relação da mulher branca e negra com o trabalho no decorrer da história. Por sua vez, o tópico 4.2 discute a importância da discussão da representação da mulher negra no mundo do trabalho, e o papel das relações públicas nesse cenário.

### 4.1 MUNDO DO TRABALHO: CONEXÕES COM GÊNERO E RAÇA

A categoria trabalho é de suma importância para o desenvolvimento da condição humana em suas formas sociais. Para Marx (2013), o trabalho se exprime pela capacidade que o homem tem de, através de uma atividade planejada e consciente, transmitir significado à natureza de acordo com as suas necessidades.

O processo de trabalho, como expusemos em seus momentos simples e abstratos, é atividade orientada a um fim – a produção de valores de uso –, apropriação do elemento natural para a satisfação de necessidades humanas, condição universal do metabolismo entre homem e natureza, perpétua condição natural da vida humana e, por conseguinte, independente de qualquer forma particular dessa vida, ou melhor, comum a todas as suas formas sociais. (MARX, 2013, p. 335)

Nesse sentido, o trabalho é uma atividade determinante para a manutenção da vida do homem, tanto individual como coletiva. O debate em volta do mundo do trabalho, embora esteja muito presente na contemporaneidade, não é recente. De acordo com as professoras Romilda de Araújo e Maria Sachuk (2007), historicamente e politicamente a humanidade, em quase toda sua totalidade, se estrutura em função do conceito de trabalho.

Por ter o trabalho valor inalienável socialmente, muitos historiadores se utilizam dos modos de trabalho e produção para caracterizar o tempo e a história do homem. Trabalho e realização humana, portanto, estão intrinsecamente relacionados, e essa relação é tão antiga quanto a história da humanidade, pois o trabalho, enquanto ação transformadora do homem sobre a natureza, está presente desde as sociedades primitivas até as sociedades industrializadas e informatizadas de hoje. (ARAÚJO e SACHUK, 2007, p.54)

Contudo, ainda que o trabalho seja uma grande contribuição para o desenvolvimento das relações do homem com outros homens e com a natureza, historicamente a ideia de trabalho carrega uma conotação negativa. A palavra deriva do latim, *tripaliari*, que significa castigar com tripalium (três paus), se referindo ao instrumento de tortura da Roma Antiga (2007). Assim, com o passar dos anos, a cultura ocidental passou a enxergar o ato de trabalhar como uma obrigação perante Deus e/ou a sociedade. Com o advento do capitalismo, foi enraizada a crença de que a produção em larga escala acarretaria em um grande avanço para a sociedade, essa concepção gerou uma glorificação do trabalho e findou a noção de trabalho conhecida como marxista. Marx disserta que com o capitalismo o trabalhador passou a produzir mais-valor, não para si, mas para o capital.

Só é produtivo o trabalhador que produz mais-valor para o capitalista ou serve à autovalorização do capital (...) Assim, o conceito de trabalhador produtivo não implica de modo nenhum apenas uma relação entre atividade e efeito útil, entre trabalhador e produto do trabalho, mas também uma relação de produção especificamente social, surgida historicamente e que cola no trabalhador o rótulo de meio direto de valorização do capital. Ser trabalhador produtivo não é, portanto, uma sorte, mas um azar. (MARX, 2013, p. 706-707)

De acordo com a perspectiva marxista, o trabalho na sociedade capitalista perde sua essência de ser criativo, significativo e fornecer recompensas de acordo com as necessidades de cada um. Passa a ser percebido como apenas mais uma mercadoria, deste modo é “alienante, explorador, humilhante, monótono e repetitivo, discriminante, embrutecedor e submisso” (ARAÚJO e SACHUK, 2007, p.59). Pretende-se ao trazer essa reflexão, fazer o leitor compreender que todo processo de construção e atribuição de significados ao universo do trabalho, passou por diversas transformações ao longo da história do homem e continua a se modificar, levando em consideração os valores, sociais e culturais de cada época. Portanto, conforme Araújo e Sachuk (2007, p.63), “os sentidos que se atribuem ao trabalho são sempre singulares, concretos e históricos, pois constitui necessidade humana dar significado ao seu entorno, ao seu fazer e ao viver”.

Ao tomar como base o julgamento do trabalho como atividade que além de ter suma importância na construção das sociedades, possui grande influência na formação da subjetividade e identidade dos indivíduos. Olhar para este universo, considerando as relações hierárquicas que moldam as trajetórias de vida dos

sujeitos, permitirá embasar as condições que levam grupos específicos da sociedade a desempenharem corriqueiramente as mesmas funções de acordo com sua posição na camada social (ARAÚJO e SACHUK 2017).

Durante o período colonial, a mulher ocupava uma posição de total submissão à figura masculina. Embora fosse diretamente responsável pelo cuidado da casa, das crianças e pela fiscalização dos escravos, esse cuidado com o âmbito doméstico sequer era considerado um trabalho, pois, trabalhar era uma função masculina (COSTA, 2018). O advento das escolas normais no fim do século XIX modificou a vida das mulheres pertencentes à elite brasileira. Aquelas que tiveram acesso a algum nível de instrução alcançaram espaço no mercado de trabalho como professoras e enfermeiras, consideradas únicas profissões possíveis para as mulheres (RAGO, 1985).

Quando já na metade do século XIX, a industrialização traz para o Brasil a instalação de fábricas têxteis e do ramo alimentício, muitas famílias abandonaram o campo e migram para os grandes centros urbanos em busca de melhores condições de trabalho. Assim como na Inglaterra, as condições de trabalho dos brasileiros eram insalubres, a jornada de trabalho intensa e os salários muito baixos. Essa situação obrigava todos os membros da família, inclusive mulheres e crianças, a trabalhar para garantir seu sustento (PERROT, 2005). Com isso, as mulheres das camadas mais baixas passam a ocupar outros postos de trabalho, domésticas, operárias, costureiras e telefonistas (RAGO, 1985).

O período escravista deixou profundas consequências na configuração da força de trabalho do povo negro, principalmente das mulheres. Historicamente, beberam da biologia para justificar características socialmente construídas que atribuem à mulher, a responsabilidade pelo trabalho doméstico (PISCITELLI, 2001). Contudo, devido a experiência da escravização, compreende-se que as mulheres negras vivenciam de maneira diferente esse estereótipo de gênero. Enquanto o homem africano escravizado nas américas foi explorado para trabalhar nos campos, a mulher negra foi explorada para trabalhar nos campos, nas tarefas domésticas, cuidar dos animais e ser objeto sexual dos homens brancos (hooks, 1981).

Tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos, as mulheres escravizadas eram uma força de trabalho completa, ou seja, não deixavam de exercer nenhuma atividade considerada árdua, por serem mulheres. Quando designadas para as funções de “reprodutoras<sup>30</sup>” e “amas de leite”, por vezes, eram vistas como mão de obra incompleta, ainda que não estivessem livres da exploração e dos açoites (DAVIS, 2016; CARNEIRO, 1985). Dessa forma, com exceção talvez dos mordomos nos Estados Unidos, os homens negros não foram forçados a trabalhar junto com as mulheres num papel social que os americanos consideravam “feminino”, por outro lado as mulheres negras foram forçadas a assumir o papel “masculino” (hooks, 1981; GONZALEZ, 1984).

Apesar disso, Davis disserta que na vida nas senzalas havia uma igualdade sexual do trabalho. Não existia uma divisão rigorosa das tarefas, e quando existia ela não se manifestava de forma hierárquica. Ambos os trabalhos realizados pelos homens e mulheres eram igualmente necessários e importantes para a vida comunitária. Assim, essa atitude demonstra o incrível feito de transformar uma igualdade negativa resultante das opressões sofridas, “em uma qualidade positiva: o igualitarismo característico de suas relações sociais” (DAVIS, 2016, p.30). Essa conduta torna passível a interpretação de que a divisão sexual do trabalho não é natural do negro africano, e sim uma produção do colonizador.

Assim como discutido no tópico 2.1, enquanto a primeira onda de mulheres feministas brancas lutava por igualdade e para poder entrar no mercado de trabalho, as mulheres negras no interior da comunidade escrava já eram tratadas igualmente aos homens negros, tanto socialmente, quanto nas atividades e nas opressões que sofriam. Ainda, segundo Davis, resistiam à escravidão com o mesmo afinho que eles. “Resistiam ao assédio sexual dos homens brancos, defendem sua família e participavam de paralisações e rebeliões.” (DAVIS, 2016, p.31).

As iniciativas de resistência organizada resultaram em diversas comunidades, quilombos, de negros fugitivos com forte presença de líderes negras. No Brasil, o mais famoso é o Quilombo dos Palmares, localizado na então capitania do

---

<sup>30</sup> A função de reprodutora era muito valorizada pelos latifundiários brasileiros e pelos proprietários de fazendas de algodão no Sul dos Estados Unidos. Obrigavam as mulheres negras a dar à luz tantas vezes quantas fosse biologicamente possível para garantir o aumento da mão de obra. (DAVIS, 2016; HILL, 2000; Nabuco, 2000).

Pernambuco. O quilombo resistiu por mais de um século e teve Ganga Zumba como primeiro rei e posteriormente Zumbi e Dandara como líderes (MOURA, 1958). Zumbi, é até os dias atuais o maior herói e símbolo da resistência negra no país, também homenageado no dia 20 de novembro. Nos Estados Unidos “Entre 1642 e 1864, comunidades formadas por escravos fugitivos e seus descendentes eram encontradas em todas as partes do Sul” (DAVIS, 2016, p.34). Todas essas iniciativas de resistência foram fundamentais para a conquista da liberdade.

Mesmo após o fim da escravidão, a experiência da mulher negra enquanto trabalhadora não mudou muito. As relações de trabalho pouco regulamentadas, inseriram o sujeito negro brasileiro em um contexto onde suas oportunidades de sobrevivência “eram usadas pelos patriarcas como moeda de troca para obter gratidão e obediência.” (VIEIRA, 2018, p.59). Essa situação já tinha sido vista anos antes dos Estados Unidos.

Assim como acontecia na época da escravidão, as mulheres negras que trabalhavam na agricultura - como meeiras, arrendatárias ou assalariadas - não eram menos oprimidas que os homens ao lado de quem labutava o dia todo. Em geral elas eram obrigadas a assinar “contratos” com proprietários de terras que desejavam reproduzir as condições de trabalho do período anterior à Guerra Civil. (DAVIS, 2016, p. 96)

Dessa forma, a população negra recém liberta e sem perspectiva de uma rápida reinserção na sociedade, foi obrigada a ocupar papéis profissionais similares aos que a escravidão havia lhes atribuído (DAVIS, 2016; VIEIRA, 2018). A maioria das mulheres negras que trabalhavam nos campos, estava concentrada no Sul dos Estados Unidos, quando por fim se viram livres, aquelas que tiveram escolha não hesitaram em abandonar o seu trabalho nos campos (hooks, 1981). Por isso, “a maioria das mulheres negras trabalhadoras que não enfrentavam a dureza dos campos era obrigada a executar serviços domésticos” (DAVIS, 2016, p.98).

Ao passo que as mulheres negras realizavam todo trabalho doméstico, desde cuidar das crianças até cozinhar, as mulheres brancas do Sul recusavam totalmente esse tipo de atividade. Nesse contexto, os abusos sexuais sofridos durante o período da escravidão não tiveram fim com a emancipação, e o trabalho doméstico ainda era uma ameaça para a integridade da mulher negra. No Brasil, o fato de estabelecer moradia fora do local de trabalho foi um marco decisivo na construção da autonomia das trabalhadoras negras libertas (VIEIRA, 2018). Deste modo, tanto

no Brasil quanto nos Estados Unidos, o trabalho doméstico está incrustado na trajetória profissional da mulher negra, e de acordo com Angela Davis (2016, p. 98):

A equiparação ocupacional das mulheres negras com o serviço doméstico não era, entretanto, um simples vestígio da escravidão destinado a desaparecer com o tempo. Por quase um século, um número significativo de ex-escravas foi incapaz de escapar às tarefas domésticas.

Existe uma desvalorização da força de trabalho da mulher negra, de forma que o que se cultivou durante muito tempo no imaginário popular é que a “Mulher negra, naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta.” (GONZALEZ, 1984, p. 226). Conforme explica Gonzalez (1979a, p.19):

O que se opera no Brasil não é apenas uma discriminação efetiva; em termos de representações mentais sociais que se reforçam e reproduzem de diferentes maneiras, o que se observa é um racismo cultural que leva, tanto algozes como vítimas, a considerarem natural o fato de a mulher em geral e a negra, em particular, desempenharem papéis sociais desvalorizados em termos de população economicamente ativa.

A desvalorização da força de trabalho da mulher negra é um fato. No Brasil, são elas as que mais sofrem com o desemprego e também as que recebem os piores salários (ANEXO 1). De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD, realizada pelo IBGE e exposta pela Folha de São Paulo, as mulheres negras (pretas e pardas), somam quase 60 milhões de pessoas (28% do todo), sendo o maior grupo da população brasileira. Contudo, ainda são minoria nas maiores empresas. Segundo pesquisa do Instituto Ethos de 2015, as mulheres negras representam 0,4% dos cargos executivos das 500 maiores empresas do país. Incluindo as mulheres de todas as cores, o percentual sobe para 13,06%. Ainda, dentre o total de mulheres negras ativas do mercado de trabalho, 19,1% delas trabalham com serviços domésticos, 7,6% trabalham com limpeza de estabelecimentos e 6,8% são balconistas e vendedoras. Já as mulheres brancas representam 10% das trabalhadoras no serviço doméstico<sup>31</sup>.

---

<sup>31</sup> Dados do PNAD, divulgados pela Folha de São Paulo. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/10/negras-ganham-menos-e-sofrem-mais-com-o-desemprego-do-que-as-brancas.shtml?loggedpaywall>>. Acesso em 15 de out. de 2019.

Embora no ensino superior, a presença de mulheres negras seja maior do que a de homens negros (10% contra 6,7%), no mercado de trabalho elas são a base da pirâmide quanto a renda mensal. Recebem em média R\$1.476, já os homens negros R\$ 1.849. Por fim, os homens brancos recebem em média R\$3.364 mensais e as mulheres brancas R\$2.529. A pedido da Folha, o Instituto Locomotiva realizou uma pesquisa a qual mostra que as mulheres negras movimentam R\$704 bilhões por ano no Brasil, contudo, elas são esquecidas pelo mercado e pouco representadas nas campanhas publicitárias. De acordo com a pesquisa, que entrevistou cerca de 1.001 mulheres negras de 46 cidades do país (com margem de erro de 2,6 pontos percentuais), 83% das consumidoras negras dizem que as mulheres que protagonizam as propagandas são muito diferentes delas<sup>32</sup>.

A partir destes dados, observa-se que a divisão social, racial e de gênero do trabalho, atinge principalmente as mulheres negras no mundo do trabalho. Sabendo que a renda é um dos fatores que corrobora diretamente para o acesso à educação, que por sua vez contribui para ascensão socioeconômica, as mulheres negras por não alcançarem bons salários correm o risco de ficarem presas ao ciclo de desigualdade econômica ao qual são vítimas há anos.

No cenário do audiovisual norte americano, existe uma grande valorização do mundo do trabalho. É possível realizar essa afirmação ao conduzir o olhar para as próprias séries, que muitas vezes narram o cotidiano de médicos, advogados, policiais, publicitários, etc. Segundo Graziela Gomes (1998), o que o telespectador entende é que para esta sociedade o trabalho, ou seja, a carreira profissional, constituem não apenas os personagens e enredos, mas, sobretudo, são cruciais para a existência social de cada membro da sociedade. Nessa conjuntura, a partir do momento em que a mulher negra é representada no mundo do trabalho, longe dos estereótipos e da realidade a qual lhe foi historicamente imposta, cria-se uma identificação de grande impacto social, que contribui com o desenvolvimento de mudanças práticas na realidade desse sujeito.

Conforme investigamos, as representações sociais exprimem valores socialmente construídos e fornecem modelos compartilhados para que seja possível

---

<sup>32</sup> Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/10/negras-movimentam-r-704-bi-por-ano-mas-sao-escanteadas-pela-publicidade.shtml>>. Acesso em 15 de out. de 2019.

uma atribuição coletiva de significados. Assim, ao se ver representada nas narrativas ficcionais longe da esfera do cuidado doméstico, é possível que a mulher negra e os demais membros da sociedade, quebrem padrões estigmatizados do imaginário popular, ao mesmo tempo em que criam novas referências julgadas pela sociedade como positivas e de sucesso. Para além das representações na ficção seriada, dentro do mundo organizacional, o Relações Públicas ocupa um lugar estratégico e que pode auxiliar na construção de uma empresa mais ética, inclusiva e que entende a importância de práticas voltadas para a diversidade social.

#### 4.2 REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NO MUNDO DO TRABALHO E SUA CONEXÃO COM RELAÇÕES PÚBLICAS

A partir da problemática de que o mundo do trabalho é historicamente opressor para as mulheres negras, trazer a discussão a respeito da representação delas neste universo é uma maneira de contribuir para a construção coletiva de um novo sentido de trabalho para o grupo. No campo das organizações, a doutora Claudia Rebechi, estudiosa em comunicação e trabalho, aborda que:

Ao tratarmos de organizações na perspectiva interpretativa, podemos considerá-las como um conjunto de grupos de indivíduos com propósitos e objetivos diversos. Adota-se, portanto, uma visão plural, ou seja, as organizações não são entidades monolíticas. (REBECHI, 2008, p.117-118)

Neste sentido, por serem construídas por grupos de indivíduos diferentes e com visões de mundo distintas, as organizações também possuem potencial de ser entidades representativas da sociedade. O trabalho não é apenas uma atividade, mas também uma experiência social do viver, que molda hábitos, comportamento e possui grande influência na vida das pessoas (DEJOURS, 2007; ARAÚJO e SACHUK, 2007). Nesse sentido, fazer uso da comunicação para discutir temáticas relevantes da sociedade e que respingam no universo do trabalho, é uma forma de compreender melhor as relações que se firmam no ambiente interno das organizações e contribuir para uma sociedade mais justa e igualitária. De tal modo, a comunicação organizacional ocupa o lugar do debate, da promoção das discussões de interesse da organização e das que podem possibilitar melhor entendimento do fator trabalho (REBECHI, 2013).



Destaca-se que todos os processos comunicativos ocorrem dentro de um contexto histórico e sociocultural (MARTÍN-BARBERO, 2003), e no que tange a representação da mulher negra no mundo do trabalho, o contexto de sofrimento deixado pela escravidão somado a condição de opressão causada pelo machismo e sexismo, influíram em processos comunicativos de representação que contribuíram para a manutenção do papel de subalternidade vivenciado por elas. Sabendo que a atividade humana do trabalho é essencial não apenas para as empresas, mas também para o desenvolvimento da sociedade, procura-se por parte das instituições, “mobilizar a subjetividade do trabalhador por meio de diversas estratégias que buscam promover a valorização do empregado como pessoa, a sua individualização e a acessibilidade à informação no ambiente organizacional.” (REBECHI, 2013, p.7).

Mais do que processos de relação entre as pessoas ou meio de compartilhamento de informação, os processos comunicativos “são considerados um instrumento político no confronto de interesses entre os atores que participam do mundo do trabalho, sejam eles indivíduos ou institucionalidades.” (REBECHI, 2013, p.18). Por meio da tomada de consciência da desvalorização do trabalho feminino negro e das desigualdades enfrentadas pelo grupo na sociedade, contribuir para o avanço do debate de gênero e raça, significa fazer uso da comunicação como instrumento político e trabalhar em prol de mudanças práticas que beneficiam não somente as mulheres negras, mas outros grupos marginalizados na sociedade.

Ainda, uma vez que os jovens, especialmente os millennials<sup>33</sup>, estão cada vez mais conscientes e engajados em causas sociais que afetam o desenvolvimento de uma sociedade mais justa, sustentável e igualitária<sup>34</sup>, optam por comprar produtos e aderir serviços de empresas que trabalham ativamente para o desenvolvimento da sociedade, as chamadas “empresas cidadãs”. Ou seja, ter uma postura ativa quanto a necessidade de discutir a importância da representação feminina negra na empresa, para além de uma boa imagem organizacional também pode gerar lucro, segundo Margarida Kunsch:

---

<sup>33</sup> Também chamada de geração Y, são comumente interpretados como os nascidos entre 1981-1999 os quais presenciaram o desenvolvimento da internet no mundo.

<sup>34</sup> Disponível em: <<https://economia.estadao.com.br/blogs/radar-da-propaganda/jovens-valorizam-empresas-que-adotam-causas-sociais-diz-pesquisa/>>. Acesso em 02 de nov. de 2019.

“(...) não podemos deixar de considerar que muitas organizações tem em mente, antes de tudo, o retorno de imagem institucional e financeira e/ou mercadológica. São argumentos convincentes para decisões estratégicas de negócios, sobretudo em empresas cuja filosofia se orienta basicamente pelo lucro”. (KUNSCH, 2003, pg. 140)

Nessa perspectiva, compreende-se que a atividade de Relações Públicas tem papel central ao gerenciar e promover uma boa comunicação nas relações de trabalho no ambiente interno das organizações (REBECHI, 2013).

As relações públicas auxiliariam na transmissão e interpretação de informações de uma organização para a população e, por outro lado, também ajudariam a organização a informar-se sobre as ideias e opiniões dos indivíduos que interagem com ela, sendo que sua compreensão e seu apoio são entendidos como formas de contribuição para o êxito organizacional. (REBECHI, 2008, p. 111)

Visto que é ele o profissional que vai trabalhar a relação entre organização-públicos, cabe ao Relações Públicas fornecer informações e propiciar o diálogo participativo, racional, efetivo e democrático dentro das organizações acerca do que é relevante para a sociedade e para a empresa, abrindo caminho para o debate, o consenso, a emancipação dos indivíduos. Tomando como alicerce de suas atividades os princípios éticos e os valores da profissão, o Relações Públicas tem o poder de trazer debates da esfera pública, suscitar a reflexão sobre causas sociais e relacioná-las com os valores da empresa. Por consequência, pode dar visibilidade e trabalhar para a conscientização sobre questões como racismo institucional e a falta de mulheres negras em cargos de liderança nas empresas.

## 5 PROTOCOLO METODOLÓGICO E ANÁLISES

O trabalho foi elaborado a partir do uso de dois recursos metodológicos, pesquisa bibliográfica e análise de personagem, a partir do método “Relógio das personagens” de Jens Eder (2014). De acordo com a visão de Stumpf (2006), a pesquisa bibliográfica é um conjunto de procedimentos que tem como objetivo selecionar os documentos pertinentes ao tema e identificar informações bibliográficas previamente discutidas por outros autores. Deste modo, o autor defende que:

Para estabelecer as bases em que vão avançar, alunos precisam conhecer o que já existe, revisando a literatura existente sobre o assunto. Com isto, evitam desperdiçar esforços em problemas cuja solução já tenha sido encontrada. (STUMPF, 2006, p. 52)

Com base neste entendimento, a pesquisa bibliográfica foi o primeiro passo para a elaboração deste trabalho. Forneceu as bases para a compreensão do cenário das pesquisas acadêmicas envolvendo a questão de gênero, raça e representações sociais. Dentre os principais temas e conceitos que fizeram parte da pesquisa bibliográfica estão; feminismo, feminismo negro, interseccionalidade, raça, representação social, ficção seriada e mulher negra no mundo do trabalho. A pesquisa possibilitou, além do entendimento dos conceitos e teorias, a formatação das conclusões que se apoiaram nas análises das personagens Annalise Keating e Nola Darling.

Ainda, realizar a pesquisa bibliográfica foi, para além de um procedimento acadêmico, um episódio de realização pessoal. Entrar em contato com os trabalhos de Angela Davis, Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, bell hooks, Patrícia Hill Collins, Kimberlé Crenshaw, Luiza Helena de Bairros, Matilde Ribeiro e tantas outras estudiosas e autoras negras, foi um processo de suma importância e representatividade para a autora desta monografia. A pesquisa bibliográfica, por fim, contribuiu não apenas no processo de entendimento do cenário que se encontra o objeto de estudo. Mas também, forneceu os fundamentos de conscientização e o vigor necessário, para a compreensão da importância que têm a construção deste trabalho para a produção de conhecimento realizada por mulheres negras.

O segundo recurso metodológico, diz respeito ao modelo de análise de personagens proposto por Jens Eder (2014) “Relógio das Personagens”. Neste modelo, o professor de teledramaturgia Jens Eder explora quatro categorias para compreender como diferentes aspectos e características da construção de personagens agem e quais podem ser seus efeitos na audiência. Visto que “personagens são seres representados, identificáveis com uma vida interior, que existem como artefactos comunicacionalmente construídos” (EDER, 2014, p. 73). Dessa forma, as quatro categorias são; personagens como artefatos, como ser representado, como símbolos e, por fim, personagens como sintoma.

Enquanto Artefatos, o autor questiona “como o personagem é representado e construído por dispositivos de texto?” (EDER, 2014, p.76, tradução nossa). Nesta divisão, é levado em consideração principalmente as especificidades do meio em que a personagem é representada, as estruturas textuais da informação e as propriedades artefactuais. Como Artefatos, é observado na construção da personagem, a sua formação por dispositivos midiáticos específicos, a distribuição da informação sobre elas, a sua constelação de propriedades artefactuais e, por fim, seu conceito geral.

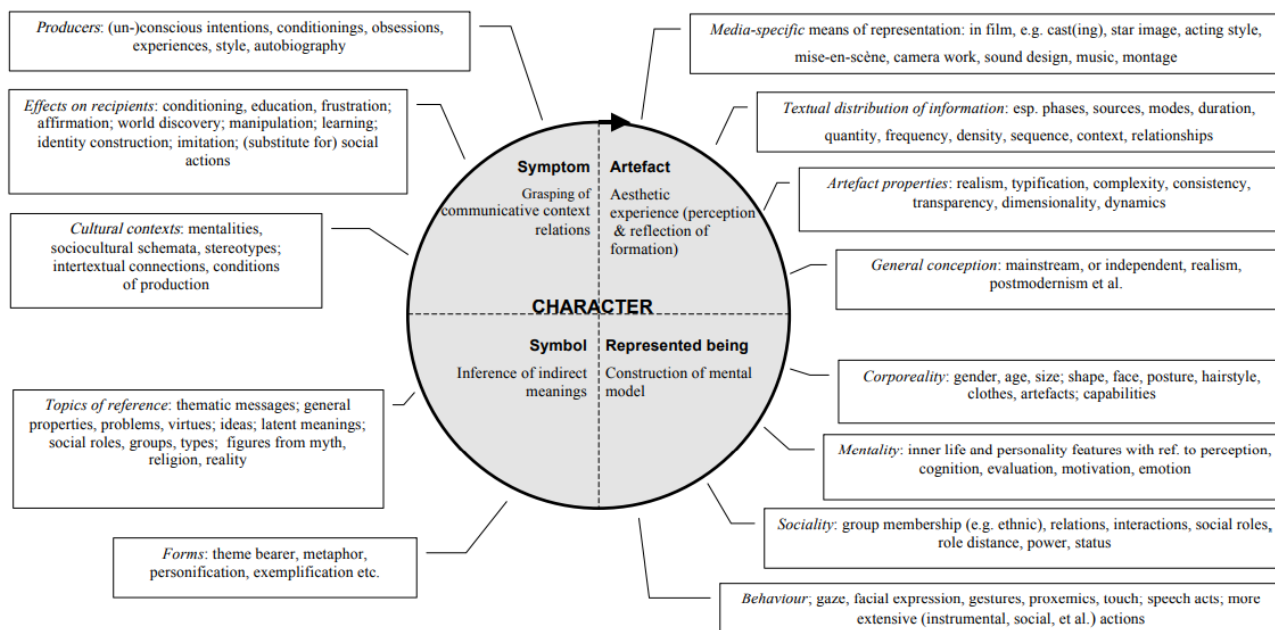
Já ao analisar os personagens como Seres Representados, considera-se a formação de modelos mentais. A questão central apresentada é; “Quais características o personagem mostra como habitante do mundo fictício representado?”. Neste aspecto, os tópicos analisados no personagem têm relação com sua corporalidade, mentalidade e sociabilidade (EDER, 2014, p.79, tradução nossa).

Como Símbolos, os personagens são entendidos tal qual resultado de significados indiretos. A questão aqui é; “O que os personagens representam, que significados indiretos eles transmitem?” (EDER, 2014, p. 76, tradução nossa). Nesta concepção, é levado em consideração para a análise os tópicos de referência, como mensagens temáticas; propriedades gerais, problemas, virtudes, etc. Além das formas “suporte temático, metáfora, personificação, exemplificação, etc.” (EDER, 2014, p. 79, tradução nossa).

Por fim, o modelo de personagens como Sintoma direciona o olhar para as condições de criação do personagem e do seu impacto na audiência. Assim, a pergunta é; “Quais causas na realidade formaram o personagem e que efeitos na realidade ele produz?”. Nesta perspectiva, os personagens são lidos como

consequência de fenômenos reais, ou seja, como modelos para o público ou produtos de seus criadores. Este modelo analisa as condições de criação da personagem, os efeitos nos receptores e os contextos culturais (EDER, 2014, p 79, tradução nossa).

Figura 1 - Modelo de análise “Relógio de personagens”

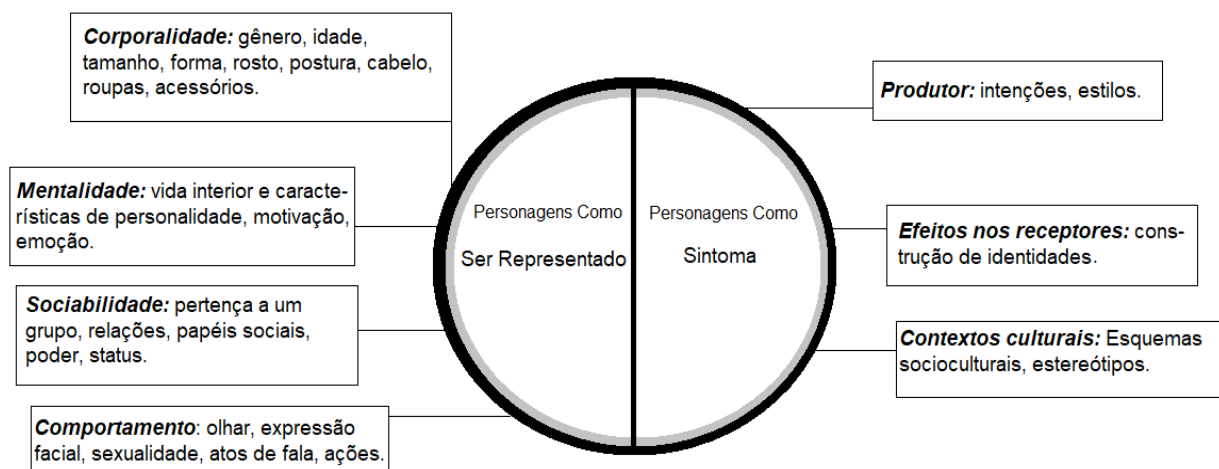


Fonte: Revista de Estudos Literários, n.º 4. Coimbra: Centro de Literatura Portuguesa, 2014, p. 79

De acordo com este modelo, propõe-se para a análise das personagens Annalise Keating e Nola Darling, um cruzamento das categorias de Personagem como Ser Representado e Personagens como Sintoma. Optou-se por adaptar essas duas condições, pois, elas incluem noções mais interessantes para a pesquisa no que se refere a criação das personagens, efeitos de recepção e construção de modelos mentais nos indivíduos. Pretende-se, portanto, analisar as personagens com base nas esferas que contemplem o objetivo do estudo. Consequentemente, objetiva-se alcançar como resultado os dados necessários para identificar se a representação dessas personagens corrobora para a quebra de estereótipos de gênero e raça, nas esferas de sexualidade e mundo do trabalho.

Para auxiliar na compreensão da metodologia de análise, realizamos um exemplo do novo modelo proposto. A partir da contemplação das séries, a discussão foi feita em formato de texto nas análises de cada personagem. Logo, nos subcapítulos 5.1 e 5.2 serão levados em consideração as seguintes impressões:

Figura 2 - Esquema adaptado



Fonte: Elaboração da autora, 2019.

É importante destacar que em nossa adaptação, foi inserido o tópico sexualidade na esfera sobre comportamento, em Personagens como Ser Representado. Esta proposta de análise não pretende ser um modelo rígido, mas sim, fornecer um rumo para o estudo das personagens de acordo com os objetivos deste trabalho. Na série *She's Gotta Have It*, todos os episódios foram levados em consideração para a ligação da personagem com os tópicos das duas macrocategorias Como Ser Representado e Como Sintoma. Já em *How to Get Away With Murder*, a personagem Annalise foi analisada até a 5ª temporada, os episódios da sexta e última temporada não foram considerados, pois, ainda não estão disponíveis na NETFLIX. Também, visto que “os três domínios de propriedade mais gerais dos seres representados são sua corporalidade, mente e socialidade” (EDER, 2014, p. 80, tradução nossa), confere-se à categoria “Personagens Como Ser Representado”, um olhar mais minucioso.

### 5.1 ANÁLISE: ANNALISE KEATING

A série *How to Get Away With Murder*, têm como **produtora** executiva Shonda Rhimes, dona da produtora Shondaland. Rhimes é a primeira mulher afro-americana

a ter um programa (a série *Grey's Anatomy*<sup>35</sup>) no top 10 da audiência americana, desde a década de 80<sup>36</sup>.

Suas produções são famosas por contar histórias marcantes e que geram identificação com o público. No seu arsenal, Rhimes conta com famosos dramas conflituosos e que abordam temáticas importantes para sociedade como empoderamento feminino. Ao olhar para suas produções, percebe-se o compromisso de Shonda Rhimes com a representatividade. Em *Grey's Anatomy* (2005), o elenco protagonista é composto por homens e mulheres, brancos e negros, em uma profissão de maioria branca. Já em *Scandal* (2012), a protagonista Olivia Pope, é uma mulher negra bem-sucedida e ex-assessora de comunicação da Casa Branca. Pope deixa de trabalhar para o presidente e abre sua própria empresa de gerenciamento de crise. Embora Shonda quebre diversos padrões estereotipados ao colocar personagens julgados como “minorias” pela sociedade como protagonistas, em um discurso feito em 2015 no baile promovido por uma campanha de Direitos Humanos em Los Angeles, Rhimes disse que:

Eu odeio demais a palavra “diversidade”. Sugere...alguma coisa além. Como se fosse algo especial. Ou raro. Diverso! Como se tivesse algo incomum sobre contar histórias de mulheres, pessoas de cor e personagens LGBT na televisão. Eu tenho uma palavra diferente: normalizar. Estou normalizando a TV. Estou fazendo a televisão parecer mais com o mundo real. Mulheres, pessoas de cor e LGBT somam mais que 50% da população. Isso significa que eles não são qualquer coisa.<sup>37</sup>

Ao colocar nas telas mulheres negras como médicas, advogadas e assessoras, ela abre espaços para que mulheres reais possam se ver representadas. Para além do âmbito do trabalho, essa identificação também engloba as questões pessoais e complexidades das personagens, que enfrentam dilemas reais e atuais como abuso, alcoolismo, relacionamentos tóxicos, sexualidade, violência policial e uso de drogas. Shonda Rhimes, ao buscar “normalizar a televisão”, faz na prática o que todas

---

<sup>35</sup> O drama médico se passa em Washington e mostra os acontecimentos da vida profissional e pessoal de cada um dos protagonistas. No ar desde 2005, a série foi, em 2019, renovada por mais dois anos, confirmando assim sua 17ª temporada.

<sup>36</sup> Informação disponível em: <<https://www.biography.com/media-figure/shonda-rhimes>> <<https://saiaadolugar.com.br/shonda-rhimes/>>. Acesso em 17 de out. de 2019.

<sup>37</sup> Tradução disponível em: <<https://todosnegrosdomundo.com.br/o-discurso-de-shonda-rhimes-sobre-inclusao-na-tv/>>. Acesso em 17 de out. de 2019.

mulheres negras em sua posição fariam, se colocariam representadas. Idealizaria uma personagem que se parece com você, sua mãe ou com sua irmã. Uma personagem que dialoga com a sua realidade e/ou com os seus sonhos. Visto que, historicamente a indústria audiovisual não se preocupava com a representação de mulheres negras, uma vez que a temática da representação de grupos marginalizados ganhou espaço recentemente.

Em 2017, Rhimes assinou um contrato com a NETFLIX e desde então produz conteúdo com exclusividade para a plataforma. É importante levar em consideração que a representação dessas mulheres nas produções de Rhimes, passa por seu olhar e sua subjetividade enquanto mulher negra, o que pode contribuir para que essas séries não legitimem opressões referentes a essa classe. Nesse sentido, a personagem que destacamos é Annalise Keating, interpretada pela atriz e produtora americana Viola Davis.

Annalise é formada em Direito pela Universidade de Harvard e além de advogar, é professora da disciplina de Direito Penal na Universidade de Middleton. No que tange a **corporalidade**, Annalise é uma mulher negra, de mais de quarenta anos, robusta, de rosto oval com fortes traços que evidenciam sua negritude. Contudo, a personagem permanece com o cabelo liso<sup>38</sup> nas cinco temporadas analisadas. Sua postura sugere uma mulher resiliente, destemida e poderosa. Em seu guarda-roupa encontra-se majoritariamente vestidos e saias que se alinham bem ao corpo de modo elegante. A paleta de cores das roupas é ampla e vai de tons claros e delicados a cores fortes e intensas, sendo essas últimas as mais usadas por ela. Já nos dias frios, Annalise usa sobretudos e *trench-coats*<sup>39</sup>. A personagem faz vasto emprego de acessórios, sempre vista com brincos que se destacam em meio a seus cabelos, colares pequenos e longos, cintos, braceletes, pulseiras e relógios. Quanto a sua caracterização, batons nudes, em tons de vermelho e rosa são os mais usados. Para além disso, a pele está sempre impecável, com blush e contorno bem marcados, ainda, cílios postiços, sombra e delineador também fazem parte da composição da maquiagem da personagem.

---

<sup>38</sup> No decorrer da série, Annalise faz uso de diferentes Lace's Wigs, um tipo de peruca com uma tela interna que simula o couro cabeludo e por isso é mais natural.

<sup>39</sup> Casaco clássico no estilo sobretudo.



Figura 3 - Annalise Keating na 3ª temporada



Fonte: *People's Choice Awards News*, 2018

No âmbito da **mentalidade**, a vida de Annalise é conturbada e sua postura de mulher imbatível esconde profundos problemas que refletem na maneira como ela age de modo geral. Anna Mae Harkness é seu nome de batismo, porém, após ter sofrido com a pobreza, abandono paternal e ter sido vítima de abuso sexual por um tio na infância -fato que foi ignorado pela sua mãe Ophelia-, mudar de nome foi uma estratégia para deixar estes acontecimentos no passado e construir uma nova vida. Aqui é possível perceber que a personagem reproduz o imaginário que relaciona mulheres negras a um cenário de pobreza e famílias desestruturadas. Annalise se envolveu com o próprio terapeuta, Sam Keating, um homem branco que ainda era casado com outra mulher no início da relação. Neste caso, também é possível evidenciar a relação com o estereótipo da mulher negra sexualmente descontrolável, a qual é lida como imoral e se envolve com homens casados. Poucos anos após o casamento com Sam, Annalise engravidou, porém, perdeu o bebê em um acidente

de carro<sup>40</sup>. Este trauma desestabilizou seu casamento, pois, após a morte do filho a personagem tentou adotar o jovem negro Wes Gibbins, cuja mãe que havia sido assassinada, estava envolvida em um processo defendido por Annalise, mas Sam não aprovou a adoção (HTGAWM, T.5, EP.9, 2018). Anos depois, Wes Gibbins vai para a Universidade de Direito e passa a ter aulas com Annalise.

Embora não tenha conseguido convencer o marido naquela época a realizar a adoção, Annalise é extremamente persuasiva. A personagem lida com diversos traumas que a perseguem desde a infância e aumentam com o decorrer das temporadas. Dentre eles destacam-se, o abuso sexual sofrido na infância, e as mortes, do seu bebê, do seu marido Sam<sup>41</sup> e do seu aluno Wes Gibbins<sup>42</sup>. Para além desses traumas, uma forte característica da personagem é a responsabilidade que lhe é atribuída, por si mesma e pelos outros, de resolver e consertar todos os problemas dos seus alunos e amigos próximos. Dessa forma, ela sempre está envolvida em crimes, a maioria envolvendo assassinatos, dos quais não necessariamente fez parte. Como é possível observar pelas seguintes falas, “Porque é o que fazemos aqui, arruinamos a vida de todos para proteger vocês (...) Porque estou tentando protegê-los, como sempre.” (HTGAWM, T.2, EP.5, 28:42-28:58, 2015). Disse Annalise numa discussão com seus alunos. Já na quinta temporada, ela salienta, “Não sou eu quem está matando pessoas aqui. Só limpo a bagunça. Como se eu tivesse trabalhado duro a minha vida inteira... Para ser sua maldita empregada” (HTGWM, T.5, EP.12, 30:50-31:00, 2018). Em uma discussão com Nate, Bonnie e Frank. Dessa forma, percebe-se que embora o mundo do trabalho seja o lugar de realização pessoal da personagem, ela se coloca em segundo plano, como alguém precisa servir aos outros e cuidar da situação. Assim, mesmo que a personagem seja engajada em questões sociais, raciais e de gênero, pois,

---

<sup>40</sup> No 15º episódio da 2ª temporada é revelado que o acidente foi provocado por Frank, que havia sido pago para trabalhar como agente duplo no caso Mahoney, no qual Annalise atuava. O acidente foi a maneira de impedir que Annalise fosse a polícia entregar seu cliente Wallace Mahoney por assassinato.

<sup>41</sup> No 9º episódio da 1ª temporada, os estudantes invadem a casa de Annalise para obter provas do envolvimento de Sam com a morte de Lila Stangard. Sam os encontra, cai da escada após uma briga e é considerado morto. Contudo, após momentos de distração ele retorna e tenta estrangular Rebecca, Wes o acerta na cabeça com o troféu de ouro de Annalise para salvar a estudante.

<sup>42</sup> Wes morre no 15º episódio da 3ª temporada no incêndio na casa de Annalise. Contudo, a verdadeira causa da morte foi asfixia, causada por Dominick em nome do pai de Laurel, Jorge Castillo.

demonstra essa preocupação nos casos em que defende, a principal motivação dela gira em torno de livrar sua equipe da prisão e da culpa pelos crimes cometidos.

No que se refere a emoção, enquanto advogada e professora, Annalise raramente demonstra empatia ou piedade pelos alunos e pelas vítimas dos crimes os quais defende. Destaca-se que a maioria dos momentos em que deixa transparecer uma instabilidade emocional, ela está sozinha, com sua mãe ou com alguém muito próximo. Ou seja, para as outras pessoas ao seu redor, ela mantém a imagem de mulher forte e segura. Na quarta temporada, ela perde sua licença para advogar devido a problemas com a bebida, e como requisito para recuperá-la encontra-se com o terapeuta Isaac Roa. Annalise espera sempre o pior das pessoas, por isso dificilmente fala sobre si mesma, fazendo com que os acontecimentos da sua vida pessoal sejam um mistério. Como é possível observar na sua relação com o terapeuta. A advogada só passou a contar os aspectos da sua vida após Isaac ter ameaçado informar ao Conselho que ela não estava interessada em realizar o tratamento, e por consequência, ter sua licença de volta.

Temida pelos alunos, são poucos os episódios em que Annalise baixa a guarda e deixa suas fraquezas transparecerem. O episódio 04 da 1ª temporada, ilustra bem a fragilidade da personagem, em uma situação onde, antes de questionar o marido a respeito de uma foto dele encontrada no celular de uma garota morta, ela se despe de toda sua caracterização, como se estivesse totalmente vulnerável e sem sua armadura.

Figura 4 - Annalise fragilizada com traição do marido



Fonte: HTGAWM. T.1, EP. 04

Ainda no final deste episódio Annalise se mantém calma ao perguntar ao marido por que têm uma foto dele no celular da garota, mas, no quinto episódio o espectador conhece uma mulher emocionalmente destruída. Arrasada com a confissão do marido, ela chora e se desestabiliza. Quando Sam diz que a garota quem o procurou pois estava perdida, Annalise rebate; “Foi como você me encontrou. É assim que gosta das amantes. Fracas, confusas, desordens que você arruma.” (HTGAWM, T.1, EP.5, 4:38-4:40, 2015). Demonstrando que tem medo de ser trocada, pois, foi o que Sam fez com a ex-mulher quando a conheceu. Nesta discussão, a advogada segura de si, forte e insensível não existe, mas sim, uma mulher e esposa insegura, fragilizada e atormentada pelos acontecimentos do passado. Dentre outros momentos em que Annalise está vulnerável e demonstra uma baixa capacidade em lidar com suas questões emocionais estão, a aparição de sua mãe no décimo terceiro episódio da primeira temporada após a morte de Sam. No qual Ophelia ao pentear os cabelos de Annalise, revela para a filha que foi ela quem ateou fogo na antiga casa com o seu tio dentro, como vingança pelo abuso que ele havia feito a ela. Já no oitavo episódio da terceira temporada, Annalise ao discutir com Frank sobre a morte de seu filho, diz chorando que nunca melhorou, ou seja, nunca superou o que aconteceu (T.4, Ep.8, 38:54, 2017). Os problemas da personagem com o álcool são resultado de todas essas questões internas, ela

procura na bebida refúgio enquanto lida com todos os problemas que se desenrolam na série. Nesse contexto, fica evidente a complexa relação da personagem com o âmbito da sua vida privada.

Os aspectos de **sociabilidade** da personagem são diversificados. Anos antes dos eventos da série, após tirar Frank da prisão e o contratar como seu assistente, ambas ações feitas a pedido de Sam, o casal se aproxima muito do jovem<sup>43</sup>. Pouco tempo depois, Annalise defende um cliente das acusações de Bonnie<sup>44</sup>, e ganha o caso. Contudo, após o ocorrido a advogada se aproxima de Bonnie e se oferece para levá-la a universidade de direito, a garota aceita e tempos depois Annalise a contrata. Nesse período, Bonnie acaba também a ajudando com a gravidez. Mesmo após terminar a faculdade de direito, Bonnie permanece a ajudar Annalise no trabalho e na vida pessoal. Com isso, os diversos acontecimentos que moldam a partir de então o cotidiano de Annalise, Sam, Frank e Bonnie faz com que de alguma maneira eles se configurem uma família, mesmo que não tradicional. Annalise também mantém contato com sua mãe e seu pai, embora não os visite com frequência<sup>45</sup>.

A desconfiança da personagem para com as pessoas, a fazem ter dificuldade em estabelecer relações próximas para além das que já possui, principalmente amorosas. A exemplo disso, na quinta temporada, quando seu chefe Emmett demonstra um interesse romântico por ela, sua reação é se afastar. Ao descobrir que ele pode ser o culpado de um crime, Annalise se aproxima com o interesse em desmascará-lo. Contudo, quando o confronta ele nega e os dois discutem. “Eu sinto pena de você, que não consegue reconhecer um bom homem na sua frente (...) Você instintivamente espera o pior das pessoas. (...) Foi o seu marido? Foi ele quem a magoou?” (HTGAWM, T.5, EP.14, 39:46-29:56, 2018) diz Emmett para Annalise.

Fora do terreno amoroso, a maioria das relações de Annalise refletem seu poder e status social. Dentro de casa, após a morte de Sam, ela passa a ser a única

---

<sup>43</sup> A história sobre o passado de Frank é apresentada no 5º episódio da 3ª temporada.

<sup>44</sup> Ainda criança, Bonnie e sua irmã eram frequentemente abusadas sexualmente pelo pai e por outros homens. Anos depois, um vereador da cidade é julgado por estupro, Annalise atua como advogada de defesa e Bonnie é a principal testemunha contra eles. Pressionada pelos gestores da empresa para qual trabalhava, Annalise pressiona e desacredita de Bonnie no interrogatório e vence o caso. (T.2, EP.5; T.4, EP.5; T.5, EP.3).

<sup>45</sup> No 15º episódio da 2ª temporada, Annalise visita sua família após a morte do marido.

a ditar as ordens para Frank e Bonnie. Após contratar cinco de seus alunos para trabalhar com ela, cria para além da figura de professora, o papel de chefe. Dentre outros papéis sociais vividos pela personagem, destacamos Annalise professora, com a maestria que intimida e ao mesmo tempo cativa os alunos. Annalise filha, sensível, vulnerável e preocupada. Já a Annalise esposa é coadjuvante nas decisões, insegura, amorosa, mas infiel. Por sua vez, a Annalise advogada é talentosa, eloquente, persuasiva e competente. Existem ainda, a Annalise amiga e a funcionária, ambas personalidades que se desenvolvem mais a partir da 4ª temporada<sup>46</sup>, e mostram uma mulher que tem dificuldades em falar da sua vida, separar o pessoal do profissional e receber ordens. Conhecida e respeitada por todos, Annalise é uma referência em sua área, tanto na prática da profissão quanto no meio acadêmico.

Entretanto, após a morte de Wes na terceira temporada, a personagem passa por diversas situações que fazem com que ela perca a majestade e caia na desgraça. Ela perde o aluno e a casa em um incêndio, é presa acusada de assassinato, afastada do cargo de professora e perde sua licença para advogar. Annalise perdeu todo seu status, como é possível perceber pela fala da advogada Tegan Price, “Dizem que ela era um animal no tribunal. Os encerramentos dela eram famosos. Agora, ela é igual a minha avó tentando aprender a usar o celular.” (HTGAWM, T.4, EP.4, 22:06-22:15 2017). Totalmente desmoralizada, ela precisa reconstruir tudo novamente, o respeito de seu nome, seu lar, suas relações. Com isso, elabora uma ação coletiva contra a Comunidade da Pensilvânia e leva o caso à Suprema Corte dos Estados Unidos<sup>47</sup>. Annalise vence a causa após crises de ansiedade, recaída com a bebida e a ajuda de Olivia Pope<sup>48</sup>. A esperança de recuperar seu poder e status no meio judicial e em suas relações pessoais, passou a ser maior depois deste acontecimento. Já na quinta temporada, Annalise passa a

---

<sup>46</sup> Ainda na 4ª temporada, Annalise passa a ter uma amizade com seu terapeuta Isaac. Na 5ª temporada, ao começar a trabalhar em uma nova empresa, constrói uma amizade com seus dois colegas de trabalho, a advogada Tejan Price e seu chefe Emmett Crawford.

<sup>47</sup> A ação coletiva é idealizada no 3º episódio da 4ª temporada. Sendo pensada com maior planejamento por Annalise no 4º episódio. Por fim, o caso vai para a Suprema Corte dos Estados Unidos no 13º episódio da 4ª temporada.

<sup>48</sup> No 13º episódio, a protagonista de Scandal aparece para apoiar Annalise no caso. Aqui, as duas séries se cruzam e sugerem que as personagens coexistem no mesmo universo espacial e temporal.

trabalhar junto com Tegan, no escritório *Caplan & Gold*, onde desenvolve seus papéis sociais de amiga e funcionária.

No âmbito do **comportamento**, Annalise na maioria das vezes age de forma estratégica, pensando nas implicações que suas ações têm para a realização dos seus objetivos. Contudo, devido as atitudes das outras pessoas, nem sempre ela consegue articular ações planejadas, precisando lidar com os problemas de maneira sempre urgente, à medida que eles aparecem. Seu olhar expressivo, é quase sempre intimidador e reflete segurança. Contudo, mesmo quando sua postura permanece inabalável, é no olhar que se percebe o desespero, desestabilização e solidão da personagem (Figura 5). Devido aos problemas que enfrenta, Annalise raramente sorri sem estar alcoolizada, e quando sorri, logo seus pensamentos mudam de direção e sua expressão volta a ficar séria e pensativa. É através do conjunto comportamental, olhar, atos de fala e expressões faciais que a personagem é bem-sucedida em transparecer ao público aquilo que sente e o que deseja que pensem que ela sente. A voz e oratória sólidas e eloquentes da personagem, em conjunto com seu pensamento bem articulado facilitam seu poder de comunicação e persuasão.

Figura 5 - Annalise com olhar desestabilizado após ser confrontada pelos alunos



Fonte: HTGAWM, T.2, EP.11

Outro fator extremamente importante para este trabalho, é a questão da sexualidade. No episódio piloto, Annalise é flagrada por Wes em um momento íntimo com Nate, um homem negro forte que trabalha para a polícia local, expondo um

relacionamento extraconjugal da personagem. Nesse sentido, a moral sexual imposta a mulher é quebrada, pois, ao trair seu marido que também é infiel, Annalise corrompe a lógica de representação da boa esposa na mídia onde, “o marido vive suas aventuras e fantasias sexuais fora do casamento e a boa esposa é retratada como fiel ao seu marido, sem desejos ou outros interesses sexuais” (ALMEIDA; ALVES, p.157, 2015). Contudo, ainda neste episódio, constrangida com a situação ela tenta explicar para Wes que devido a tentativas frustradas de terem um filho, ela e Sam ficaram distantes. Annalise chora e mesmo bem resolvida e aparentemente segura de si, tenta explicar-se para o aluno, explicitando a necessidade que a mulher tem de justificar seus atos.

Embora tivesse um casamento heterossexual, o aparecimento de Eve<sup>49</sup>, sua antiga colega de quarto da faculdade, revela que as duas tiveram um relacionamento amoroso. Expõe-se por fim que Annalise é bissexual. Dessa maneira, novamente Annalise rompe com alguns dos padrões de representação imposto pela mídia. Nesse sentido, o pensamento de Moreno (2008, p. 45) descreve alguns dos padrões dos quais nos referimos:

A mulher retratada na mídia tem de ser casada ou aspirar ao casamento, ter filhos ou aspirar a maternidade, ser ou parecer jovem, ser vaidosa, cuidada. Ser branca, heterossexual, monogâmica, fiel, comportada, decidir mais com a emoção do que com a razão, ser sensível e delicada, preocupar-se mais em cuidar dos outros do que com qualquer outra questão, mesmo que trabalhe e tenha grandes responsabilidades profissionais ou políticas. Como se fosse um produto para consumo certo e seguro, garantindo uma sensação de adequação/inadequado e de desgosto/gozo passageiro. Certo porque inescapável, cercados que estamos de imagens e mensagens que promovem esses valores. Passageiro porque a ilusão se desfaz e a felicidade e beleza almejadas não vêm com o produto que parecia.

Uma personagem tão complexa como Annalise nos faz refletir quais os **efeitos** que sua representação pode ter sobre o espectador e na sociedade. A partir dessa quebra de padrões estabelecidos pela indústria, a personagem é capaz de levar o espectador a contestar concepções pré-estabelecidas de representação e questionar seu senso de justiça. Também é importante observar o **contexto cultural** e social no qual a personagem se encontra, visto que a cultura está fortemente relacionada à construção das identidades pelos indivíduos. Conforme apresentamos

---

<sup>49</sup> Especificamente no 7º episódio da segunda temporada.



nos capítulos anteriores, as mulheres em geral e as negras, em particular, existem e resistem em uma sociedade marcada pelo patriarcado e constituída a partir da escravidão. Nesse sentido, a cultura ocidental televisiva produziu uma forma homogênea de representar certos grupos e principalmente os marginalizados. A partir dos estereótipos, criam-se modelos mentais de referência sobre como ser, como agir e como viver em sociedade. De acordo com o que abordamos no segundo e terceiro capítulo, os estereótipos que perseguimos na representação de Annalise, dizem respeito as noções de mulata, doméstica, mãe preta e mulher negra raivosa. Enquanto mulata, as personagens negras aparecem com forte apelo sexual, como selvagens sexuais (hooks, 1995; GONZALEZ, 1983). Ao ser representada como uma mulher séria de mais de 40 anos, Annalise foge do padrão da mulata “quente”, mestiça ou objeto de desejo sexual. Embora por um lado se afaste deste modelo, existem duas características essenciais que entram em discussão quando se trata da sexualidade da personagem. O fato de ter um caso extraconjugal e ser bissexual.

Nos momentos em que estabelece uma relação íntima com Nate, é perceptível que é ela quem conduz e dita o sexo. Essa atitude demonstra uma libertação feminina que vai contra os padrões midiáticos onde prazer sexual para as mulheres só existia dentro do casamento (BEAUVOIR, 1980). Entretanto, essa liberdade sexual para a mulher, tendo em vista o machismo e sexismo, é reprovado pela sociedade. Ainda, quanto a sua bissexualidade, na quinta temporada sua ex namorada Eve a questiona sobre o por que ela não tentou ter nenhum outro relacionamento com uma mulher. Annalise responde que “Seu privilégio deixa você ser gay. Sou negra e do Cinturão Bíblico. Então pare de tentar descobrir o que me fará feliz. Você não sabe o que é, eu não sei o que é, mas não é encontrar uma pessoa, homem ou mulher. (HTGAWM, T.5, EP.10, 24:57-25:20, 2019). A justificativa dada por Annalise vai ao encontro do conceito de interseccionalidade que abordamos neste trabalho. Ser mulher, negra e pertencente à comunidade LGBTQ<sup>50</sup> é fazer parte de um espaço onde atuam diferentes modos de discriminação. Eve é uma mulher lésbica, por isso, também faz parte de um grupo subjugado, mas, ser branca faz com que esse fato seja mais “aceitável” para a sociedade.

---

<sup>50</sup> Sigla para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgênero e Queer.

Quanto a noção de doméstica e mãe preta, Annalise é representada distante do universo doméstico. Raramente aparece cozinhando e a única vez em que foi associada a posição de empregada, foi quando ela confrontou Frank, Bonnie e Nate por ter sempre que “limpar a bagunça” deles, ou seja, resolver os problemas<sup>51</sup>. No tocante a posição de mãe preta, Annalise não performa a dama simpática, amorosa e inofensiva, ao contrário, passa a ideia de ser uma mulher intimidadora. Contudo, ao se colocar na posição de alguém que precisa cuidar de todos e resolver tudo, a personagem dedica-se mais aos outros do que a si mesma, manifestando de forma implícita o estereótipo da mãe preta.

Por fim, chamamos atenção para o estereótipo da mulher negra raivosa. Considera-se como principais características deste estereótipo a agressividade, violência, instabilidade emocional e incapacidade de agir de forma racional. Em todas as 5 temporadas, Annalise não pratica os atos de violência que se desencadeiam na série, embora colabore para que os culpados não sejam punidos. Contudo, a personagem por vezes é violenta em suas palavras, argumenta com dureza e causa desconforto alheio apenas com seu discurso. Conforme apresentamos, sua capacidade de pensar estrategicamente e de forma lógica é visível em toda a trama, e os momentos de instabilidade emocional da personagem possuem como estopim acontecimentos trágicos e/ou traumáticos que justificam seu comportamento oscilante. Apoiados nesta conceituação, é possível observar que Annalise apresenta algumas características que a relacionam com a imagem da *angry black woman*, ao se comunicar de maneira violenta e ríspida. Contudo, é importante ressaltar que o estereótipo da mulher negra raivosa aparece na maioria das vezes como uma forma de oprimir e deslegitimar esse grupo, e não reconhece que a raiva da mulher negra é uma reação legítima diante de situações adversas.

## 5.2 ANÁLISE: NOLA DARLING

A série *She's Gotta Have It* é uma produção original NETFLIX baseada no filme homônimo de 1986, também criado pelo cineasta, **produtor**, ator e escritor norte-americano Spike Lee. Renomado no cinema estadunidense e mundial, Lee é ativista

---

<sup>51</sup> HTGWM, T.5, EP.12, 30:50-31:00, 2018.

do movimento negro nos Estados Unidos e levanta a bandeira racial nas suas produções. Movido pela problemática da representação estereotipada dos negros no cinema durante a década de 1980, sempre em papéis secundários como escravos e empregados, ele traz para seus filmes um olhar diferente sobre o negro. Conforme apresenta o teórico crítico Douglas Kellner:

Nesse contexto, os filmes de Spike Lee constituem uma intervenção significativa no sistema cinematográfico de Hollywood. Tratando de questões raciais, sexuais e de classe, de uma perspectiva resolutamente negra, esses filmes levam a perceber bem essa problemática explosiva, ausentes no cinema branco predominante. (2001, p.204)

A importância de suas produções está no pioneirismo em representar o negro como protagonistas em seus dilemas cotidianos, que envolvem questões políticas e culturais (BRANDÃO, 2017). Um dos seus primeiros filmes com financiamento hollywoodiano, *Do the right thing* (Faça a Coisa Certa) (1989), resultou em uma indicação ao Oscar na categoria de melhor roteiro original. No filme, que explicita as especificidades da experiência negra, Lee “propõe a questão da moralidade política e social nos nossos dias: o que é “a coisa certa”, do ponto de vista político e moral, para os grupos oprimidos, como os negros urbanos?” (KELLNER, 2001, p. 207). Nesta mesma linearidade, ele criou em 1990 *Mo’ Better Blues* (Mais e melhores blues), *Jungle Fever* (Febre na Selva) em 1991 e *Malcolm X* em 1992. Estas e outras produções com protagonismo negro têm importância não só porque são os alicerces da grande carreira de Lee como cineasta, mas também por terem projetado um novo espaço para filmes e produções feitas por e para negros nos Estados Unidos e no mundo (KELLNER, 2001).

O cineasta recebeu no início de 2016 um Oscar honorário, e em seu discurso criticou a Academia de Artes e Ciência Cinematográfica pela ausência de negros no prêmio.

Como é possível pelo segundo ano consecutivo todos os 20 candidatos na categoria de ator serem brancos? E não vamos nem entrar em outros ramos. Quarenta atores brancos em dois anos e nenhuma personalidade. Não podemos atuar?! (...) nós devemos ter uma conversa séria sobre diversidade e tirar algo disso. É mais fácil para um afro-americano ser

presidente dos Estados Unidos do que presidente de um estúdio de Hollywood. (LEE, 2015)<sup>52</sup>

Na atualidade, Spike Lee recebeu em 2019 o seu primeiro Oscar “oficial” pelo roteiro adaptado do filme *Infiltrado na Klan*<sup>53</sup>. Ao receber o prêmio, Lee saudou seus ancestrais e fez um alerta sobre as eleições estadunidenses de 2020, “Vamos nos mobilizar, estar do lado certo da história. É uma escolha moral. Do amor sobre ódio. Vamos fazer a coisa certa”<sup>54</sup>. Assim, é a partir desta trajetória que Spike Lee cria a personagem a qual analisaremos, Nola Darling.

O filme *She’s Gotta Have It* conta a história de uma jovem mulher negra sexualmente ativa, que se relaciona com três homens diferentes e precisa lidar com os sentimentos que essas relações lhe causam. Quando lançado em 1986, a comédia causou choque na sociedade pelo protagonismo negro e por retratar a sexualidade feminina negra com tanta liberdade e naturalidade<sup>55</sup>. A produção ganhou em 2017 uma adaptação para o formato seriado feita pelo próprio Lee, para a NETFLIX. Cabe salientar que a série tem o olhar feminino da produtora executiva negra Tonya Lewis Lee, esposa de Spike. No ar pela primeira vez em 2017, a produção conta com duas temporadas e teve o último episódio exibido em maio de 2019.

Assim como o filme, a série retrata principalmente as relações amorosas e sexuais de Nola Darling (DeWanda Wise) com seus três parceiros. Nola é uma jovem artista que mora em um apartamento no Brooklyn, trabalha como pintora, leciona artes em uma escola infantil e tem uma ideologia bem definida a respeito da sua sexualidade. A personagem se autodenomina poliamorosa, pansexual e pró-sexo. Em minha perspectiva, o grande desafio do diretor aqui é representar uma

---

<sup>52</sup> Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2016/01/18/entertainment/oscar-boycott-spike-lee-jada-pinkett-smith-feat/>>. Tradução nossa. Acesso em 23 de out. de 2019.

<sup>53</sup> Com estreia em maio de 2018 no Festival de Cannes, o filme *BlacKkKlansman* (título original), chegou aos cinemas estadunidenses em agosto, e nas telas brasileiras em novembro de 2018.

<sup>54</sup> Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/cinema/oscar/2019/noticia/2019/02/25/spike-lee-ganha-primeiro-oscar-oficial-apos-levar-premio-honorario-em-2016.ghtml>>. Acesso em 23 de out. de 2019.

<sup>55</sup> Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/colunistas/direito-ao-desejo-em-ela-quer-tudo-de-spike-lee/>>. Acesso em 24 de out. de 2019.

mulher negra com essa liberdade sem a objetificar e recair no estereótipo da “mulata de exportação”<sup>56</sup>.

A respeito da sua **corporalidade**, Nola tem 27 anos, olhos claros, é magra, de rosto oval e cabelos crespos. Seu estilo possui referências do movimento afropunk<sup>57</sup> e transparece uma personalidade jovial, livre e positiva. A personagem usa blusas e *cropped*s<sup>58</sup> coloridos, saias e vestidos, longos e curtos, soltos e rentes ao corpo. Com um guarda-roupa bem variado, Nola usa calças, macacão, shorts, jaquetas e peças jeans, as quais aparecem com mais frequência. Os acessórios também fazem parte da caracterização da personagem, dentre suas joias mais usadas estão um piercing no septo e um colar com o nome “Brooklyn”. Para além deles, ela usa turbantes, brincos e colares longos e curtos. A maquiagem é usada de forma circunstancial, quando aparece com batons fortes e olhos bem marcados com delineador, geralmente está em um evento, encontro ou outro compromisso. Contudo, é comum aparecer ao natural, principalmente quando está em casa com algum dos seus parceiros.

A postura de Nola demonstra uma mulher segura, que apesar da pouca idade tem plenas convicções sobre o que quer e como quer. No fim do primeiro episódio, ela diz que não permitirá que nenhum de seus amantes pinte como será a sua vida e que é ela quem irá descobrir o que a faz feliz. Ainda, sobre sua sexualidade, a personagem elucida ao público dizendo, “Não sou louca, não sou viciada em sexo e, com certeza, não pertenço a ninguém” (SGHI, T.1, EP.1, 35:03-35:07, 2017). A narrativa se passa nos dias atuais, e observa-se que o contexto cultural da personagem abarca pautas contemporâneas como a liberdade e empoderamento feminino. Também vítima de uma sociedade racista e patriarcal, as questões levantadas por Nola no decorrer da série; machismo, assédio, agressão, etc. acabam representando uma projeção do que se passa na atualidade. Assim, é no

---

<sup>56</sup> Denominação estereotipada que reforça o imaginário da mulher negra quente, a “mulata boa de cama”. Gonzalez, Lélia. O Papel da Mulher Negra na Sociedade Brasileira- uma abordagem política-econômica, Los Angeles, 1979b, pp. 1-25.

<sup>57</sup> Movimento cultural que faz uso da estética como forma de combate ao racismo. Afropunk também é nome do festival de música e cultura negra estadunidense, que chega ao Brasil em 2019.

<sup>58</sup> Camisetas curtas que mostram a barriga.

mesmo **contexto** de racismo, machismo e sexismo da sociedade real que a narrativa se desenrola.

Figura 6 - Nola Darling se apresenta



Fonte: SGHI, T.1, EP.1

No âmbito da **mentalidade**, a personagem vem de uma família de artistas que sempre a apoiaram, por ser filha de um músico e de uma atriz, subentende-se que sua relação com a arte vem de muito cedo. Talentosa, inteligente, divertida e consciente de si mesma, ela encanta a todos com seu jeito carismático e deixa os pretendentes cativados e incomodados, ao mesmo tempo, com a honestidade que fala dos seus sentimentos. O que mais chama atenção na personagem é a construção da sua sexualidade, contudo, no decorrer da série novas temáticas atribuem a Nola uma personalidade multidimensional que vai muito além da sua agitada vida sexual. De tal modo que na segunda temporada é revelado um lado da personagem desconhecido pelo público até então, mais madura e independente e espiritualizada. Ciente da dificuldade que é conciliar três relacionamentos amorosos distintos com sua arte, problemas financeiros, amizades e vida familiar, Nola tenta lidar com seus conflitos internos nas sessões de terapia durante a primeira temporada. Dentre as principais características da personagem destacam-se sua

segurança sobre quem é e a tranquilidade em lidar com sua vida amorosa. Embora ter três namorados possa parecer algo difícil para o espectador, a partir da sua honestidade, Nola torna essa experiência algo simples.

No fim do primeiro episódio da primeira temporada, Nola está voltando para casa depois de visitar sua amiga Clorinda quando é assediada por um homem. “Gostosa! Qual é o seu nome, garota?” (SGHI, T.1, EP.1, 32:07), o homem diz momentos antes de a abordar com violência, machucando seus punhos. Após se defender com gritos e socos, ela consegue fugir correndo, ouvindo os xingamentos dele. Tal acontecimento mexe com o emocional da personagem durante toda a trajetória da primeira temporada e muda sua relação com os parceiros.

Figura 7 - Nola é assediada



Fonte: SGHI, T.1, EP.1

O acontecimento funciona como um gatilho e a motiva a tomar uma atitude prática que ajude a prevenir esse tipo de violência contra a mulher. Ela tem a ideia de criar *posters* do estilo lambe-lambe anti-assédio verbal<sup>59</sup> nas ruas do Brooklyn. Intitulada *My name isn't*, a expressão artística de Nola faz uma crítica aos

---

<sup>59</sup> Os posters foram inspirados no trabalho *Stop Telling Women to Smile* (Pare de dizer às mulheres para sorrir), da artista Tatyana Fazlalizadeh, que trabalhou na série. Disponível em: <<https://afropunk.com/festival/brooklyn/line-up/tatyana-fazlalizadeh/>>. Acesso em 24 de out. de 2019.

agressores que abordam as mulheres com nomes diversos, desconfortáveis e intimidadores. Dessa forma, a série traz à tona um assunto que está na agenda da sociedade, visto que em 2017 muitos nomes poderosos da indústria cinematográfica hollywoodiana estavam sendo acusados de abuso sexual<sup>60</sup>. Esse trabalho passa a ser a principal motivação da personagem e a acompanha durante as duas temporadas.

Nola possui uma inteligência emocional muito forte, consegue identificar seus sentimentos e falar deles com franqueza e sinceridade. Essa habilidade a permite canalizar aquilo que não a faz bem em prol de algo que lhe traga satisfação, como aconteceu com o caso de assédio. A personagem está confortável com suas emoções, raramente dramatiza e sente-se bem deixando os sentimentos pelos seus três parceiros se desenvolverem, cada um à sua maneira. O desejo, prazer, preocupação e alegria são emoções que se destacam na personagem. Desejo pelos seus amantes, de liberdade e desejo de transformação. Preocupação, em conseguir pagar as contas, em vender sua arte, em apoiar seus amigos e seus parceiros. Alegria pelas suas conquistas, pelo seu círculo social, alegria pela vida que têm no seu amado apartamento no Brooklyn. De modo geral, ela reconhece a necessidade do cuidado com o emocional, visto que recorre a terapia em busca de ajuda para lidar ainda melhor com suas emoções e sentimentos

Na segunda temporada, a personagem não mantém um relacionamento com nenhum dos três pretendentes. Sua nova parceira, Opal Gilstrap, é uma mulher madura que nutre uma velha paixão por Nola e tem uma filha pré-adolescente chamada Skylar. Embora sempre transmita segurança sobre seus sentimentos, no segundo episódio da segunda temporada, a esposa de um de seus ex-namorados a confronta e a chama de puta destruidora de lares. Identifica-se nesse episódio um certo grau de culpa e passividade da parte de Nola, que mal consegue se defender dos ataques da mulher. Percebe-se que o acontecimento mexe com seu emocional e ela cede a um pedido de Skylar. Depois disso, sua relação com Opal fica conturbada e elas rompem. “Você é confusa. Você é confusa, e é impossível para você não meter minha filha na sua confusão” (SGHI, T.2, EP.2, 31:06-31:12, 2019).

---

<sup>60</sup> Disponível em: <<http://www.r7.com/retrospectiva-2017/como-fica-hollywood-apos-ano-de-escandalos-e-acusacoes-de-assedio-04102019>>. Acesso em 24 de out de 2019.



Diz Opal em uma discussão com Nola. Vulnerável, triste e emocionalmente abalada com estes acontecimentos, Nola volta a fazer terapia, chora e diz que quer superar o término.

Dona de uma bondade enorme, no que se refere ao seu **comportamento** percebe-se que as atitudes de Nola são bem-intencionadas e altruístas, como quando ajuda seu ex amante Mars que perde o emprego e precisa de um lugar pra ficar (primeiro episódio da segunda temporada). Os conflitos vivenciados por ela, para além daqueles referentes a sua individualidade como pagar o aluguel, abarcam questões referentes à comunidade, amigos ou amantes. Consciente de suas ações, Nola não costuma agir sem pensar e leva sempre em consideração suas próprias vontades e anseios antes de tomar decisões. Como não se prende em seus sentimentos, seu olhar e expressões faciais refletem bastante o que ela pensa e o que deseja. A personagem tem uma relação muito forte com a câmera, olha, conversa e interage com o espectador durante as duas temporadas. Esse estilo particular de Spike Lee, torna a relação do público com a personagem mais íntima, como se fossem amigos.

Ela Quer Tudo tem como mote as relações de Nola, de forma que o comportamento sexual dela é o diferencial da história. Assim como apresentamos neste trabalho, no campo da sexualidade a mulher negra é representada a partir de um olhar de objetificação, como apenas um corpo que deve ser usado ao bel-prazer dos homens. Nesse contexto surge Nola, confiante e dona de si, poliamorosa e desejada por três homens. Em um cenário onde a mulher negra é preterida, ela tem o poder da escolha, ou seja, Nola irá escolher, e não ser escolhida por eles. No último episódio da primeira temporada, ela repete a fala do primeiro episódio sobre precisar encontrar o que a faz feliz, e se os seus parceiros quiserem lidar com ela “precisa ser, tem que ser, nas minhas condições, ou não vai acontecer” (SGHI, T.1, EP.10, 28:23, 2017).

Com a intenção de manter o autodomínio sobre seu corpo e seu tempo, a personagem estabelece algumas regras como; apenas praticar sexo seguro, não ter relações com dois deles no mesmo dia e exige uma notificação antes de recebê-los em sua casa. Os companheiros de Nola sabem da existência uns dos outros, e embora nenhum seja adepto ao poliamor, são obrigados a concordar em manter a relação nos moldes dela. A série possui muitas cenas de sexo, no primeiro episódio os parceiros são apresentados ao público e falam sobre sua relação com Nola. Nele

a personagem partilha de momentos íntimos com os três. Seguindo a cronologia do primeiro episódio, o primeiro que aparece em sua cama é Jamie, Greer é o segundo, em outro momento Jamie retorna com material artístico para o trabalho de Nola e os dois ficam juntos novamente e, por último, ela recebe em sua cama Mars. É importante ressaltar que dos três, apenas Mars e Greer são solteiros, ou seja, novamente é possível levantar a problemática da representação de mulheres negras que se envolvem com homens casados. Outro aspecto que chama atenção na relação de Nola com seus parceiros é a inversão de papéis, sabendo que as figuras masculinas são representadas sobre a ótica de dominação e as femininas como dominadas. Na série acontece o contrário, os homens ocupam um lugar submisso que beira a objetificação, enquanto ela é a autoridade que deve ser satisfeita.

Figura 8 - Da esquerda para a direita; Jamie Overstreet, Mars Blackmon e Greer Childs



Fonte: Site Variety, 2018.<sup>61</sup>

Durante o sexo com Jamie, o corpo dele aparece de forma mais explícita que o dela, da mesma forma com Greer, o qual realiza um *striptease* enquanto ela apenas

---

<sup>61</sup> Disponível em: <<https://variety.com/2018/tv/features/anthony-ramos-hamilton-shes-gotta-have-it-scene-stealer-interview-1202844534/>>. Acesso em 10 de nov. de 2019.

observa, quando ele tenta a provocar com um discurso sedutor, ela responde: “Greer, você está viajando. Não fale, está bem?” (SGHI, T.1, EP.1, 13:04, 2017), e o silencia com um beijo. A atitude da protagonista evidencia seu desapego e posição de superioridade, deixa a entender que ele não está ali para conversar, mas sim para lhe dar prazer. A sexualidade de Nola continua acesa durante toda a trama, mesmo quando ela tenta realizar um detox e não se relacionar com homens, divide sua intimidade com Opal. As cenas eróticas com Opal apresentam algumas diferenças em relação as com os rapazes. Possuem um ritmo mais lento, são mais demoradas e amorosas, e o mais importante, livres de hierarquia. Destaca-se que com a parceira, Nola perde a segurança e autoridade que tem sobre os outros personagens. Verifica-se isso ainda mais na segunda temporada, quando ela experimenta um relacionamento monogâmico e sofre depois com o término.

A representação da sexualidade da personagem aborda uma discussão fundamentalmente contemporânea, panssexualidade e liberdade sexual feminina. Contudo, tendo em vista a lógica dos estereótipos, Nola Darling pode produzir um efeito contrário ao reafirmar velhos padrões atribuídos à mulher negra. Uma vez que se relaciona com um homem casado, tem um apelo sexual excessivo e não se permite ter uma conexão emocional com seus parceiros, como se apenas sexo pudesse a contemplar. Este conjunto de características a deixa perto das representações das mulheres negras como selvagens sexuais desqualificadas e/ou prostitutas (hooks, 1995). Nesse cenário, Nola Darling é uma faca de dois gumes. De um lado, reforça o imaginário da mulher negra com uma sexualidade exacerbada, do outro, abre novas perspectivas para a representação da sexualidade feminina negra.

No que se refere a **sociabilidade**, a pertença a um grupo é muito perceptível na personagem. Consciente de sua negritude, Nola atua de forma ativa na comunidade onde mora e tenta ajudar da melhor maneira possível, participa dos atos, realiza intervenções, oferece apoio aos seus amigos e se posiciona de maneira aberta e assertiva. No tocante aos relacionamentos, Jamie é um bancário com ar de poeta de 40 e poucos anos, casado e pai de um pré-adolescente. Mars é um jovem porto-riquenho que trabalha com entregas de bicicleta e sonha em ser um cantor famoso. Dos três parceiros de Nola, Mars é o único com problemas financeiros. Por fim, Greer é um francês que trabalha como fotógrafo e modelo, obcecado por si mesmo, ele é tão narcisista que grita o próprio nome na hora do sexo (SGHI, T.1,

EP.1, 2017). Na segunda temporada Nola namora com a horticultora Opal e após o término, conhece o escultor nigeriano Olu, em um retiro para artistas negros, e passa a se relacionar com ele.

Com uma personalidade carismática, Nola lida bem com as pessoas, porém, cultiva poucos amigos próximos. A principal delas é a jamaicana Shemekka, espontânea e divertida, ela é mãe e trabalha como garçonne em um clube noturno. A relação das duas na primeira temporada fala principalmente sobre autoestima e pressão estética. Shemekka anseia injetar silicone para aumentar o bumbum e poder dançar na boate. Nola é contra a atitude, “Meu Deus. Não precisa fazer essa merda no seu corpo” (SGHI, T.1, EP.2, 6:00, 2017), e diz que a amiga já é bonita. Nola é pouco empática com relação ao assunto e faz falas que desconsideram os sentimentos de Shemekka. No campo das amizades existe também Clorinda, antiga colega de quarto de Nola que trabalha como curadora de arte. Raqueletta Moss, diretora da escola onde Nola trabalha. Papo Da Mayor, vizinho de Nola preso injustamente na primeira temporada, quando reaparece na segunda temporada passa a ser chamado de Divine. Mostrar outras relações da personagem que não envolvem sexo, é de suma importância pois além de fornecer a personagem mais autenticidade, a aproxima da realidade concreta.

Os papéis sociais vividos por Nola incluem a amante, pró-sexo, desapegada e poliamorosa. A filha, carinhosa, independente e compreensível. A amiga, prestativa, carismática e companheira e a artista, dedicada, talentosa e com princípios claros e bem determinados. As relações de poder envolvendo a personagem são mais perceptíveis no âmbito amoroso e em seus ambientes de trabalho. Com os parceiros masculinos, existe uma hierarquia onde ela é o indivíduo com maior poder das relações. Junto a sua parceira feminina essa relação de poder não é perceptível num primeiro momento, mas na segunda temporada identifica-se que Opal está em uma posição de maior autoridade, principalmente porque termina com Nola por a considerar uma mulher confusa e infantil que pode prejudicar sua filha. Na escola em que leciona, Nola chega atrasada no primeiro dia de aula e causa estranhamento nos estudantes. Devido a sua personalidade livre, ela demora para construir uma figura de autoridade perante os alunos, e não leciona de acordo com os moldes tradicionais. Essas características da personagem vão contra as exigências da rigorosa diretora Raqueletta Moss, a quem Nola responde no ambiente de trabalho.

Como artista, ainda que Nola não seja famosa, ela detém um status social dentro da profissão. Tem seu trabalho exposto em uma galeria na primeira temporada, é elogiada pela família e amigos e esse status cresce após a intervenção *My Name Isen't*. Na segunda temporada, a empresa *EarWave* se interessa pela ideia da personagem e deseja usá-la em uma campanha publicitária. Nola fica receosa em aceitar pois sente que isso seria como “se vender”. “Tipo, remixar minha arte de rua para alguma campanha comercial? É. estou de boa com a ideia de me vender agora” (SGHI, T.2, EP.3, 11:17, 2019) diz Nola para sua terapeuta. Após pensar muito a respeito, ela resolve dar uma chance e se encontrar com a representante da empresa. Nola se permite quebrar seu preconceito e entende que pode ser algo de grande impacto e fecha acordo com a empresa. Após isso, ela consegue mais prestígio e visibilidade para seu trabalho.

Existe por parte dos produtores dos materiais audiovisuais a intenção de que seus personagens causem determinados **efeitos** nos receptores, considerando as características do público alvo da obra (EDER, 2014). Tendo em vista a personalidade e questões abordadas pela personagem, verifica-se o forte potencial de reconhecimento do público, visto que os valores sociais e anseios da geração a qual ela pertence são representados na trama. Dessa forma, ao mesmo tempo em que seu comportamento pode causar incômodo e confusão nos telespectadores, ela também representa um símbolo de emancipação, liberdade sexual e representatividade enquanto mulher negra artista e pansexual.

Com base nessa ponderação, busca-se identificar quais, dentro dos estereótipos estudados na representação da mulher negra, são reproduzidos na construção da personagem. Ao olhar para as características relacionadas a concepções de doméstica e mãe preta, afirma-se que Nola não performa nenhuma delas. Ela não cozinha, é sua própria chefe, não é submissa de nenhum indivíduo branco e se coloca em primeiro lugar na sua vida. Mesmo em suas relações amorosas, ela não está em lugar de inferiorização. Emocionalmente estável na maior parte do tempo, poucas são as vezes em que Nola se descontrola e age de forma mais agressiva. Ela não representa nenhum perigo e não tem uma personalidade violenta, dessa forma, não esboça traços do estereótipo da mulher negra raivosa.

Na concepção da mulata encontra-se o estereótipo mais próximo da personagem. A personificação de Nola exhibe uma mulher irresistível, insaciável, que

se relaciona com um homem casado e está distante da conjugalidade. Desse modo, ela pouco rompe com o imaginário construído pela branquitude sobre a sexualidade das mulheres negras. Ainda que Nola não seja objetificada e reafirme que não pertence a ninguém, suas atitudes reproduzem muitas das noções que constroem o estereótipo da mulata. Contudo, ela também causa a reflexão de que apenas a partir de novas representações da sexualidade de mulheres negras, será possível superar tal estereótipo e tratar a temática com mais naturalidade e realismo.

### 5.3 O MUNDO DO TRABALHO COMO LUGAR DAS REPRESENTAÇÕES

A partir das análises buscou-se destacar algumas das principais singularidades de Annalise Keating e Nola Darling, com vista a compreender em que medida a representação delas altera velhos modelos que ditavam a forma de retratar a mulher negra. Nesse sentido, salienta-se que não é interesse deste trabalho discutir questões referentes à construção das séries de modo geral, enquanto narrativas audiovisuais. Tampouco problematizar nas personagens aspectos que não dizem respeito aos tópicos pré-estabelecidos. Foram definidas essas duas categorias para análise, dado que, é no âmbito delas onde a mulher negra mais sofre com a estereotipação (GONZALEZ, 1983; ARAÚJO, 2000; DAVIS, 2016).

O alicerce da construção da personagem Annalise Keating é o mundo do trabalho e é nele que ela rompe com a maioria dos estereótipos relacionados a mulher negra. Mesmo quando se depara com situações aparentemente sem solução, a personagem sempre consegue uma reviravolta positiva que a coloca novamente em posição de liderança. Quando tudo parece dar errado, ou realmente dá, ela se recupera e mostra que é uma mulher poderosa e capaz. No fim das contas, todos os acontecimentos de sua vida, por mais impactantes que sejam, não conseguem tirar dela o status de mulher bem-sucedida, prestígio esse que conquistou sozinha. Dessa forma, Annalise representa um fio de esperança e carrega enorme significação ao mostrar que as mulheres negras podem ter sucesso em suas carreiras, liderar pessoas e liderar sua própria vida. Isso é de suma importância pois além de causar identificação, contribui positivamente para construção da auto-imagem das mulheres negras na sociedade real. Contudo, é importante ressaltar que essa representação positiva entra em choque com uma

vida privada caótica e cheia de estereótipos clássicos desses sujeitos. Ou seja, em um olhar ampliado da personagem ela repete as representações clássicas de mulheres que quando bem-sucedidas no trabalho tem uma vida privada decadente e cheia de problemas. Vale ainda reafirmar que mesmo autoconfiante, poderosa e bem-sucedida no mundo do trabalho, a personagem apresenta uma importante limitação ao recair ao estereótipo clássico que confere as mulheres negras a função de cuidar e não de ser cuidada.

A relação de Nola Darling com o trabalho é bastante relevante pois ocupa um papel pouco conferido as mulheres negras no campo ficcional, ela é uma artista. Ter essa profissão diz muito a respeito da categoria principal de sua construção que é a liberdade sexual. Ou seja, como se para ter uma sexualidade livre fosse necessário ter uma profissão no campo das artes. Por outro lado, observa-se que para a personagem o mundo do trabalho também funciona como o eixo organizador de uma vida privada fora do padrão. Essa característica torna possível uma reflexão a respeito da capacidade do mundo do trabalho de incorporar as diversidades e produzir diferentes significados na vida das pessoas.

Outro fato importante é que mesmo sendo a sexualidade a principal discussão da narrativa pode-se constatar que é a partir do trabalho que a personagem encontra as soluções para suas questões internas, o trabalho é na verdade o grande amor da personagem, Nola é apaixonada por sua arte. Atuando como professora, ela propõe-se a passar para seus alunos todo esse amor e sentimento de liberdade que a arte lhe proporciona. Outro fator que chama atenção nesse aspecto, é a despreensão da personagem em obter lucro. É através da arte que ela aborda questões importantes para si e para comunidade na qual está inserida. Assim, mesmo que precise e queira dinheiro para viver e pagar as contas, sua primeira necessidade é sentir-se realizada com o seu trabalho. O nono episódio da segunda temporada ilustra bem esse fato, nele a personagem investe todo dinheiro recebido pela campanha publicitária da *EarWave*, e realiza sua primeira exposição individual com um forte conteúdo político, gratuita e aberta a todos.

Durante o oitavo episódio da segunda temporada, Nola e sua amiga Clorinda discutem, pois, essa última deseja assessorar a carreira de Nola. Acredita ser a única capaz de torná-la uma artista de sucesso, poderosa, reconhecida e que obtém lucro. Nola recusa a ajuda e no episódio seguinte mostra que é capaz de realizar sozinha uma grande exposição autoral da qual se orgulha. A personagem é

reconhecida dentro da sua comunidade e a exposição que realiza produz resultados positivos, pois, a famosa curadora Preeta se interessa pelo trabalho da artista e um músico deseja comprar uma das obras.

Dessa forma, ao ser finalizada referenciando a carreira da personagem, a série evidencia que mais do que alguém que possui uma vida amorosa agitada, Nola têm como propósito impactar as pessoas e representar seu povo com a sua arte. De forma que é a partir do trabalho de Nola que todas as demais categorias da série se inter-relacionam, ou seja, o mundo do trabalho se mostra como principal eixo norteador da personagem. Além disso, ela abre espaço para a compreensão de que o trabalho também pode ser uma forma de resistência da mulher negra, uma vez que entende a arte não apenas como ofício, mas como estilo de vida, aquilo que acredita e luta todos os dias para ser melhor. Assim, a personagem tem o potencial de representar um símbolo de liberdade para a mulher negra, tanto sexual e emocional quanto profissional.



## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão de curso teve como objetivo compreender de que forma a representação das personagens Annalise Keating (*How To Get Away With Murder*) e Nola Darling (*She's Gotta Have It*), contribuem para a desconstrução de estereótipos relacionados a mulher negra, principalmente, no âmbito do mundo do trabalho e sexualidade. Para isso, o trabalho iniciou-se com a discussão a respeito do feminismo tradicional, feminismo negro e interseccionalidade. Abordar o feminismo em sua historicidade e a luta das mulheres negras, teve como finalidade debater a condição da mulher, expor as desigualdades de gênero e raça na sociedade e visibilizar o movimento e suas conquistas, tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos. Para entender o contexto brasileiro foram utilizadas autoras como Lélia Gonzalez, Luiza Bairros, Sueli Carneiro e Matilde Ribeiro. Já no cenário americano, Angela Davis e bell hooks foram os principais nomes empregados. Por fim, trabalhar com o conceito de interseccionalidade, proposto por Kimberlé Crenshaw, possibilitou entender que a condição de ser mulher, somada a especificidades como; raça, etnia, classe, sexualidade, religião, etc. podem gerar diferentes formas de opressões.

Na sequência, o terceiro capítulo fez uso de autores como Stuart Hall, Joel Zito Araújo, Alvanita Almeida e Ivira Iracema para discorrer acerca dos conceitos de representação social, estereótipos, ficção seriada e a condição da mulher negra nesse cenário. Com a intenção de fornecer exemplos práticos do panorama geral das produções seriadas com protagonismo feminino negro na NETFLIX, foram citadas algumas séries como *Scandal*, *Grown-ish* e *Seven Seconds*, que na perspectiva da autora, também possuem o potencial de romper com estereótipos relacionados ao mundo do trabalho e a sexualidade das mulheres negras.

Assim, no quarto e último capítulo teórico, buscou-se realizar uma conexão entre a categoria trabalho e as noções de gênero e raça. Com isso, a partir da trajetória da mulher negra nesse universo, foi possível ilustrar a situação de opressão e desigualdade vivenciada por elas ao longo das décadas até os dias atuais. Tendo em vista a importância de discutir a representação da mulher negra no mundo do trabalho, buscou-se relacionar a problemática com o papel essencial do

profissional de Relações Públicas nas organizações, visto que, ele pode fomentar debates e suscitar a reflexão sobre a falta de mulheres negras em cargos de liderança nas empresas.

Para realizar a análise das personagens utilizou-se o modelo do professor de teledramaturgia Jens Eder “relógio das personagens” (2014), considerando os tópicos Personagens Como Ser Representado e Personagens Como Sintoma. Ao destacar em Annalise e Nola aspectos referentes à sua corporalidade, mentalidade, sociabilidade, comportamento e contextos culturais, foi possível reunir as informações necessárias para a identificação dos pontos que desenvolvem as personagens na sua relação com o mundo do trabalho e sexualidade. Assim, observou-se que toda a idealização das mesmas encaminhou-se para a perspectiva do mundo do trabalho.

O conjunto de características que formam a personagem Annalise Keating, desde suas roupas elegantes que transmitem a ideia de profissionalismo, até sua postura e relações pessoais e cotidianas, tem como desfecho sua ligação com mundo do trabalho, neste caso em particular, seu vínculo com a advocacia. A personagem não reproduz os estereótipos que tiram da mulher negra sua individualidade e as reduzem a poucas características degradantes e exageradas. Cabe destacar que por ser uma criação da cineasta e produtora negra Shonda Rhimes, a personagem passa por sua individualidade e concepções de mundo e, por isso, possui a capacidade de não contribuir com a lógica de estereotipação das mulheres negras. Dessa forma, Annalise é um importante símbolo no processo de produção de sentido sobre a mulher negra, uma vez que é representada sob a perspectiva de poder, independência e sucesso profissional.

Nola Darling por sua vez, ressignifica a noção do estereótipo da mulata e reafirma que a mulher negra deve ser a única a ter autoridade sobre seu próprio corpo, seus sentimentos e suas vontades. Mesmo que a série tenha sido criada por uma figura masculina, houve a preocupação por parte de Spike Lee em ter aporte feminino nos bastidores, por isso, na produção executiva trabalhou junto a ele sua esposa Tonya Lewis Lee. A presença de Tonya enquanto mulher negra e produtora é essencial nesse contexto, pois, como pertencente ao grupo o qual a personagem representa, pode a partir de suas vivências e avaliações frear exageros e contribuir com um olhar mais realista a respeito da construção da personagem. Desse modo, ainda que a associação da personagem com o estereótipo da mulata seja cabível

em certa proporção, consideramos a importância da obra em empenhar-se para tratar de um tema invisibilizado positivamente nas narrativas ficcionais, a sexualidade da mulher negra.

Na esfera da vida profissional, Nola personifica uma mulher determinada, esforçada e que acredita naquilo que faz. Sua conexão com arte é para ela o relacionamento mais importante que possui. A personagem retrata a mulher negra em uma categoria pouco explorada pelas narrativas ficcionais, longe do comum e pragmático mundo do trabalho. É na maior parte do tempo sua própria chefe, faz seus próprios horários e estabelece suas próprias prioridades. Para além disso, Nola subverte a lógica do sucesso, para ela, pagar as contas e conseguir atingir as pessoas produzindo aquilo que acredita, é sinônimo de realização pessoal.

Nas duas personagens, identifica-se que o trabalho não é apenas uma atividade, mas sim uma forma de se colocar no mundo, causar impacto social e buscar mudanças práticas. Annalise no meio da advocacia, quando na quarta temporada idealiza e leva adiante uma ação coletiva contra o sistema judiciário, e defende pessoas que não conseguem pagar por advogados, a maioria delas negras. E Nola através da sua arte que denuncia o assédio sofrido pelas mulheres, o sofrimento dos grupos marginalizados como porto-riquenhos e a violência do Estado americano sobre os corpos negros, especialmente das mulheres negras.

Essas narrativas seriadas, além de possuírem forte capacidade de representação e reconhecimento, abordam questões sociais relevantes na atualidade. Porém, é importante evidenciar que os produtos que levantam a temática dos direitos civis, feminismo, racismo e conquistas sociais chamam a atenção da sociedade e geram lucratividade para seus idealizadores. Ou seja, tanto as organizações quanto os produtos audiovisuais passaram a adotar essa prática não apenas pela preocupação em contribuir para uma sociedade mais justa e igualitária, mas também como demanda de mercado (KUNSCH, 2003; ALMEIDA e ALVES, 2015).

Embora no mundo ficcional, a mulher negra esteja próxima de um novo espaço de representação no campo do trabalho, onde ocupa lugar de destaque e poder, conforme as personagens demonstram. Na vida real não se observa o mesmo,

tendo em vista que além de sofrer com o desemprego, 33.5% delas se encontram em trabalhos de baixa remuneração<sup>62</sup> (na área da limpeza ou atendimento varejista e comercial). Desta forma, por meio da discussão teórica e análise das personagens, o trabalho buscou expor a importância e impacto positivo da representação de mulheres negras em cargos de poder e liderança para a quebra de estereótipos, influência na autoestima e reconhecimento das mulheres negras enquanto indivíduos capazes, poderosos e de fato pertencentes a esse lugar na hierarquia social. Dessa forma, após a realização do debate teórico e análises das personagens, compreende-se que o objetivo geral e demais objetivos específicos deste trabalho foram alcançados.

Tendo em vista o não protagonismo do povo preto no processo de construção da sua historicidade, este trabalho considera que a produção acadêmica feita por e para negros deve ser incentivada e apoiada. Pretende, portanto, ser uma contribuição para o constante desenvolvimento de pesquisas com a temática gênero, raça, interseccionalidade e representações sociais. Dessa forma, para futuras pesquisas torna-se fundamental não só estudar a desconstrução dos estereótipos e questionar as representações da mulher negra, como também investir em análises de recepção sobre como a representatividade, ou seja, o crescimento de mulheres e mulheres negras nas produções audiovisuais, podem modificar o cenário ainda insatisfatório do protagonismo das mulheres negras nas organizações e conseqüentemente na sociedade.

---

<sup>62</sup> A soma considera os seguintes números, 19,1% das mulheres negras trabalham com serviços domésticos, 7,6% trabalham com limpeza de estabelecimentos e 6,8% são balconistas e vendedoras. De acordo com Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD, realizada pelo IBGE.

## REFERÊNCIAS

- ALVAREZ, Sonia E. A “globalização” dos feminismos latino-americanos – tendências dos anos 90 e desafios para o novo milênio. In: *Cultura e Políticas nos Movimentos Sociais Latino-Americanos* – Novas leituras. Editora UFMG, Belo Horizonte, p. 383 – 426, 2000.
- ANDRADE, Cândido T. Para entender relações públicas. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2001.
- ANGRISANO, Rafael M.; SILVA, Giani D. As identidades culturais e os media: A representação do jovem na série “Descolados”. *Vozes e Diálogo*, v. 13, n. 01, 2014. Disponível em: <<https://www6.univali.br/seer/index.php/vd/article/view/5196/3255>>. Acesso em 24 de set. de 2019.
- ARAUJO, J. Z. A negação do Brasil: O negro na telenovela brasileira. São Paulo: Senac, 2000.
- AZEREDO, Sandra. “Teorizando sobre gênero e relações raciais”. *Revista Estudos Feministas*, número especial, p. 203-216, 2. sem. 1994.
- BAIRROS, Luiza. *Nossos feminismos revisitados*. *Estudos Feministas*, vol. 3, nº2, Santa Catarina, 1995, p. 458-463.
- \_\_\_\_\_. Orfeu e Poder: *Uma Perspectiva Afro-Americana sobre a Política Racial no Brasil*. In: *Afro-Ásia*, n. 17, Rio de Janeiro: UCAM, 1996.
- BARBERO, Jesus M. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003
- BARRETO, Raquel A.; Pamplona, Marco A. V. *Enegrecendo o Feminismo ou Feminizando a Raça: Narrativas de Libertação em Angela Davis e Lélia Gonzalez*. Dissertação de Mestrado – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2005, 128 p.
- BEAUVOIR, Simone B. *O segundo sexo: a experiência vivida*. São Paulo: Difusão Europeia de Livros, 1967.
- BESTER, Gisela M. *Aspectos históricos da luta sufrágica no Brasil*. *Revista de Ciências Humanas*, v.15, n. 21, Florianópolis p.11-22. 1997.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v.20, n.2, p.133-184, jul./dez. 1995.
- BRANDÃO, João L. F. F. *80’S SO WHITE: O CINEMA INCENDIÁRIO DE SPIKE LEE EM FAÇA A COISA CERTA (1989)*. Disponível em: <[https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/18586/1/CinemaIncendi% c3% a1 rioS pike.pdf](https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/18586/1/CinemaIncendi%c3%a1rioSpike.pdf)>. Acesso em 23 de out. de 2019.

BUENO, Fernanda. *A Mulher Negra na Telenovela: Hipersexualização, Invisibilidade ou Subalternidade?* Disponível em: <[https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/43446/fernanda\\_revisado\\_tcc.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/43446/fernanda_revisado_tcc.pdf?sequence=1&isAllowed=y)> Acesso em 29 de mai. de 2019.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARNEIRO, Sueli. *Mulheres em movimento*. Estudos Avançados, v. 17, n. 49, p. 117-133, 2003.

CIAMPA, Antonio. C. Identidade. In: LANE, T. M. S.; CODO, W. (Org.). *Psicologia Social: O Homem em Movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 58-75.

\_\_\_\_\_. *A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

COLLINS, Patricia H. *Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment*. 2ª ed. Nova York: Routledge, 2000.

CORREA, Sônia. *Direitos reprodutivos como direitos humanos*. Os direitos reprodutivos e a condição feminina. SOS Corpo — Grupo de saúde da mulher. Recife: SOS, 1989.

COSTA, Ana A. A. *Gênero, poder e empoderamento das mulheres*. Salvador: Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher / UFBA, 2000.

\_\_\_\_\_. *O Movimento Feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política*. Gênero, Niterói, v.5, n.2, p.9-35, 2005. Disponível em: <<http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/01112009-115122costa.pdf>> . Acesso em: 24 mai. 2019.

COSTA, Ana Alice Alcantara; SARDENBERG, Cecilia Maria. *O feminismo no Brasil: uma (breve) retrospectiva*. In: COSTA, Ana Alice Alcantara; SARDENBERG, Cecilia Maria (orgs.). *O feminismo no Brasil: reflexões teóricas e perspectivas*. Salvador: UFBA / Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 2008.

CRENSHAW, Kimberle. *Demarginalizing the intersection of race and sex: A black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics*. Chile: U. Chi. Legal F., 1989.

\_\_\_\_\_. *Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero*. Revista Estudos Feministas, v.10, n.1, p. 171- 188, Florianópolis, jan. 2002.

\_\_\_\_\_. *Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color*. Stanford Law Review, Stanford, vol. 43, n. 6, p. 1241-1299, jul. 1991.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução Heci Regina Candiani. - São Paulo: Boitempo, 2016.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006. xxiv, 380 p.

EDER, Jens. *ANALYZING CHARACTERS: CREATION, INTERPRETATION AND CULTURAL CRITIQUE*, Revista de Estudos Literários, vol. 4, 69-96, 2014.

ESTADAO. Tradução de '*How to Get Away with Murder*' na Globo vira piada, 2017. Disponível em: <<https://emails.estadao.com.br/noticias/tv,traducao-de-how-to-get-away-with-murder-na-globo-vira-piada,70001882281>> Acesso em 27 de mai. de 2019.

FREIRE FILHO, João. *Força de expressão: construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias*. Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, n. 28, 2005. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3333/2590>>. Acesso em 24 de set. de 2019.

GOMES, Flávio S. *Mocambos e quilombos : uma história do campesinato negro no Brasil* / Flávio dos Santos Gomes. — 1a ed.— São Paulo : Claro Enigma, 2015.

GONZALEZ, Lélia.; HASENBALG, Carlos. *Lugar de negro*. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1982.

GONZALEZ, Lélia. *A importância da organização da mulher negra no processo de transformação social*. *Raça e Classe*. a. 2, n.5, Brasília: MNU, nov./dez. 1988.

\_\_\_\_\_. *Cultura, etnicidade e trabalho*: efeitos lingüísticos e políticos da exploração da mulher. Comunicação apresentada no VIII Encontro Nacional da Latin American Studies Association, realizado de 05 a 07 de abril em Pittsburgh (USA), 1979a (mimeo).

\_\_\_\_\_. *Mulher negra*. In *Afrodíaspóra*: Revista estudos do mundo negro, ano 3 n 6 e 7, Ipeafro, abril/dezembro de 1985.

\_\_\_\_\_. *O papel da mulher negra na sociedade brasileira*: Uma abordagem político econômica. In: Spring Symposium the Political Economy of the Black World, Center for Afro American Studies. Los Angeles: UCLA, 10-12 de maio de 1979b (mimeo).

GRAZIELA, Laura F. G. *Novela e sociedade no Brasil*. Niterói, Editora da Universidade Federal Fluminense, 1998. 137 p.

GROSSI, Miriam. *Identidade de gênero e sexualidade*. Estudos de Gênero: Cadernos de área n. 9. Goiânia: Editora da UCG, 2000. Disponível em:<[http://bibliobase.sermais.pt:8008/BiblioNET/upload/PDF3/01935\\_identidade\\_gnero\\_revisado.pdf](http://bibliobase.sermais.pt:8008/BiblioNET/upload/PDF3/01935_identidade_gnero_revisado.pdf)>. Acesso em: 10 mai. 2019.

GUIMARÃES, Antonio. *Racismo e Anti-Racismo no Brasil*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. TupyKurumin, 2006.

\_\_\_\_\_. *Raça, O Significante Flutuante*. Liv Sovik (tradução) em colaboração com Katia Santos. Z Cultural, Revista do Programa Avançado de Cultura Contemporânea. Ano VIII, 2, 2015.

\_\_\_\_\_. *Cultura e representação* / Stuart Hall; Organização e Revisão Técnica: Arthur Ituassu; Tradução Daniel Miranda e William Oliveira. - Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016. 260 p. : il. ; 21 cm

\_\_\_\_\_. Codificação/decodificação. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. p. 387-404.

\_\_\_\_\_. *Raça, cor e outros conceitos analíticos*. In O. Pinho & L. Sansone (Orgs.), *Raça – novas perspectivas antropológicas* (pp. 63-82). Salvador: EDUFBA, 2008.

HAMBURGER, Esther. *Brasil antenado: a sociedade da novela*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

HOOKS, bell. 1ª edição 1981, Não sou eu uma mulher. Mulheres negras e feminismo. Disponível em: <[https://plataformagueto.files.wordpress.com/2014/12/nc3a3o-sou-eu-uma-mulher\\_traduzido.pdf](https://plataformagueto.files.wordpress.com/2014/12/nc3a3o-sou-eu-uma-mulher_traduzido.pdf)>. Acesso em 26 de ago. de 2019.

HORKEIMER, Max.; ADORNO, Theodor. *Dialética do esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. Disponível em: <[https://nupese.fe.ufg.br/up/208/o/fil\\_dialetica\\_esclarec.pdf?1349572420](https://nupese.fe.ufg.br/up/208/o/fil_dialetica_esclarec.pdf?1349572420)>. Acesso em 13 de set. de 2019.

JOST, François. *Do que as séries americanas são sintoma?*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

KELLNER, Douglas. *A cultura da Mídia*. Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

KERGOAT, Danièle. *Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais*. Novos Estudos 86 II março 2010. Tradução de Antonia Malta Campos.

KUNSCH, Margarida M. K. *Planejamento de Relações Públicas na Comunicação Integrada*. São Paulo: Summus, 2003.

LUGONES, Maria. (Julio/diciembre). *Colonialidad y género*. Tabula Rasa, 9, 2008, 73-101.

MALCHER, Maria. A. *Teledramaturgia: agente estratégico na construção da TV aberta brasileira*. São Paulo: INTERCOM, 2009.



MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2013. Versão pdf.

McCALL, Leslie. *The complexity of intersectionality*. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*. Vol. 30, n.3, 2005, p. 1771-1800.

MILLER, Toby. *A Televisão Acabou, a Televisão Virou Coisa do Passado, a Televisão Já Era*. In: FREIRE FILHO, J. (org.). *A TV em Transição: Tendências de Programação no Brasil e no Mundo*. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 09-25.

MOREIRA, Núbia R. *O feminismo negro brasileiro: um estudo do Movimento de Mulheres Negras no Rio de Janeiro e São Paulo*. Dissertação de Mestrado, IFCH/UNICAMP, 2007.

MORENO, Rachel. *A beleza impossível: mulher, mídia e consumo*. São Paulo: Ágora, 2008.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

NABUCO, Joaquim. *O abolicionismo*. São Paulo : Publifolha, 2000.

NASCIMENTO, Giovanna. X. C. *Os perigos dos Negros Brancos: cultura mulata, classe e beleza eugênica no pós-emancipação (EUA, 1900-1920)*. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 35, nº 69, p.155-176, 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1806-93472015v35n69008>>. Acesso em 19 de set. de 2019.

NÖTH, Winfried. *A semiótica no século XX*. São Paulo: Annablume, 1996.

\_\_\_\_\_. *Panorama da semiótica – de Platão a Peirce*. São Paulo: Annablume 1995.

OLIVEIRA, Rosália L. *Feminismo negro em construção: a organização do movimento de mulheres negras no Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ/Departamento de Psicologia, 1997.

Pacheco, Ana C. L. *Mulher negra: afetividade e solidão* / Ana Cláudia Lemos Pacheco ; [posfácio], Isabel Cristina Ferreira dos Reis. - Salvador : EDUFBA, 2013. 382 p. - (Coleção Temas Afro)

PEIRCE, Charles. S. *Semiótica*. Trad. José Teixeira Coelho. São Paulo: Perspectiva, 2008.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou silêncios da história*. Tradução Viviane Ribeiro -- Bauru - SP: EDUSC, 2005.

PERUZZO, Cicília. *Relações Públicas, movimentos populares e transformação social*. In: *Revista Brasileira de Comunicação*, v. XVI, n.2, p.125-133. São Paulo: Intercom, 1993.

PINHEIRO, Paulo Sérgio e HALL, Michael. *A Classe Operária no Brasil 1889-1930*. Vol.2, Editora Brasiliense, 1981.

PINTO, Céli. *Feminismo, História e Poder*. Revista de Sociologia e Política, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010.

PISCITELLI, Adriana. “*Recriando a (categoria) mulher?*”. In: ALGRANTI, L. (org.). *A prática feminista e o conceito de gênero*. Textos Didáticos, no 48. Campinas, IFCH-Unicamp, 2002, p. 7-42

RAGO, Luzia M. *Do Cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RAGO, M. *Trabalho Feminino e sexualidade*. In: PRIORI, M. Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997. p. 578 a 606.

RIBEIRO, Djamila. *O que é: lugar de fala?*. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017. Disponível em: <<http://www.uel.br/neab/pages/arquivos/Livros/RIBEIRO%20Djamila.%20O%20que%20e%20lugar%20de%20fala.pdf>>. Acesso em 15 de set. de 2019.

RIBEIRO, Julia Chagas. *O poder das mulheres na representação midiática: percepções da audiência sobre personagens das séries de Shonda Rhimes*. 2017. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/178483>>. Acesso em 20 de mai. de 2019.

RIBEIRO, Matilde. *Mulheres negras brasileiras: de Bertioga a Beiging*. Estudos Feministas, ano 03, n. 2 –Dossiê Mulheres Negras. Florianópolis, p. 446-457, jun/dez 1995.

\_\_\_\_\_. *O enlace entre direitos humanos, superação do racismo e da discriminação racial*. In: VENTURI, G. (Org.). *Direitos humanos: percepções da opinião pública: análises de pesquisa nacional*. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos, 2010. p.143-154.

\_\_\_\_\_. *O feminismo em novas rotas e visão*. Estudos Feministas, Florianópolis, 14(3): p. set./dez. 2006. Reflexões sobre as políticas voltadas às mulheres. [S.l], set. 2008.

REBECHI, Claudia. *A comunicação no mundo do trabalho e a comunicação da organização: duas dimensões distintas*. Revista Interamericana de Comunicação Midiática. v.12, n.23, 2013.

\_\_\_\_\_. *Comunicação nas relações de trabalho*. Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional, Ano 12 n.12, p. 107-121, jan/dez. 2008.

RODRIGUES, Cristiano. S. & Prado, Marco. A. M. (2010). *Movimento de mulheres negras: trajetória política, práticas mobilizatórias e articulações com o Estado brasileiro*. Psicologia & Sociedade, 22(3), 445-456.

SANTAELLA, Lúcia e NÖTH, Winfried. *Imagem – cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras, 1999.

SANTANA, Joelma Ramos; WAISSE, Silva. *Revista Brasileira de História da Ciência*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 203-218, jul | dez 2016.

SANTOS, Alvanita. A. ; ALVES, Ivia. I. D. (Org.) . *Mulheres em seriados: configurações*. Salvador: EDUFBA, 2015. v. 1. 216p.

SARTI, Cynthia A. *O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória*. Revista Estudos Feministas, v.12, n.2, Florianópolis, maio/ago. 2004.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Realidade. Vol. 20(2), 1995.

SILVA, Carmen; CAMURÇA, Silvia. *Feminismo e movimento de mulheres*. Recife: SOS Corpo – Instituto Feminista para a Democracia, 2010.

SILVA, Marcel. V. B. *Cultura das séries: forma, contexto e consumo de ficção seriada na contemporaneidade*. Galaxia (São Paulo, Online), n. 27, p. 241-252, jun. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542014115810>.

SILVA, Tainan Maria Guimarães Silva e Silva. *O Colorismo e suas bases históricas discriminatórias*. 2017.

SILVEIRA, R. S. & Nardi, H. C. (2014). *Interseccionalidade gênero, raça e etnia e a lei Maria da Penha*. *Psicologia & Sociedade*, 26(n. spe.), 14-24.

TOLEDO, Edilene. *Um ano extraordinário: greves, revoltas e circulação de ideias no Brasil em 1917*. Estudos Históricos Rio de Janeiro, vol. 30, nº 61. p. 497-518, maio-agosto 2017.

VERÓN, Eliseo. *Teoria da mediatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências*. Matrizes, v. 8, n. 1, 2014. Disponível em: <[http://portal.pucminas.br/imagdb/documento/DOC\\_DSC\\_NOME\\_ARQUI20180205111629.pdf](http://portal.pucminas.br/imagdb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20180205111629.pdf)>. Acesso em: 24 set. 2019.

VIANA, Elizabeth. *Lélia Gonzalez e outras mulheres: Pensamento feminista negro, antirracismo e antissexismo*. Revista da ABPN, v.. 1, n. 1 - mar-jun de 2010.

VIEIRA, Bianca. *Mulheres negras no Brasil: trabalho, família e lugares sociais*. Campinas, SP: [s.n], 2018.

WADE, Peter. *Raza e Etnicidade em Latinoamérica*. Quito: Abya Yala, 2001.

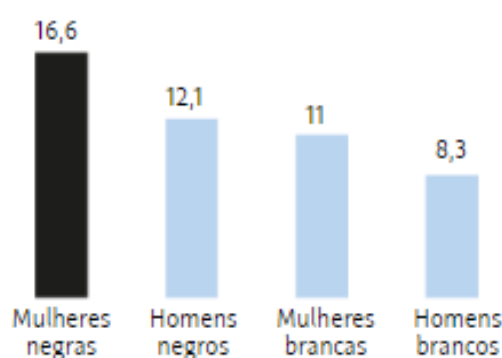
WALTERS, Wendy. *At home in Diaspora: Black international writing*. The University of Minnesota Press, 2005. 179 p. ISBN 0-8166-4492-6.

## ANEXO 1 – MULHERES NEGRAS NO MERCADO DE TRABALHO

**Mulheres negras são as que mais sofrem com o desemprego e as que têm renda mais baixa**

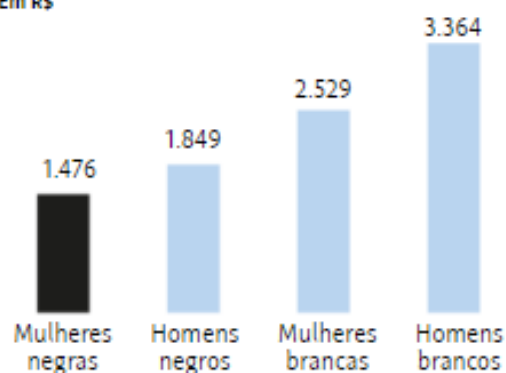
**Desemprego** entre mulheres pretas ou pardas é o dobro da taxa dos homens brancos\*

Em %



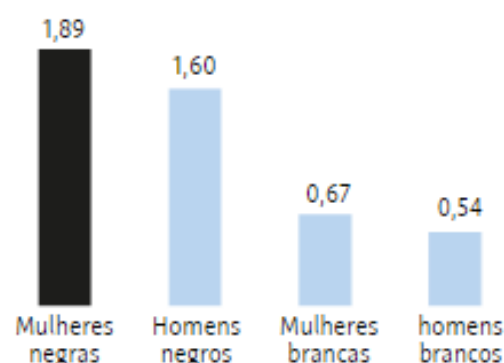
Mulheres pretas ou pardas ganham menos da metade da **renda** do homem branco\*

Em R\$



Número de mulheres pretas ou pardas **desalentadas** é mais do que o triplo da quantidade de homens brancos\*

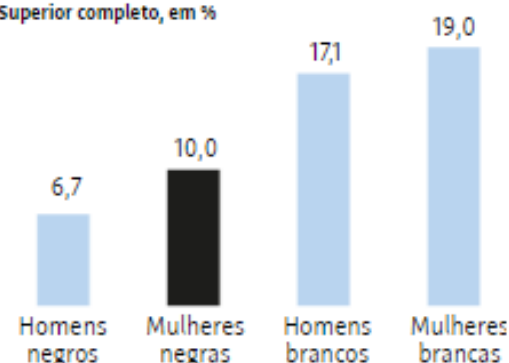
Em milhões



\*Estimativas com base na média dos últimos quatro trimestres da PNAD contínua

Porcentagem de mulheres pretas ou pardas com **ensino superior** é maior do que entre homens negros, mas pouco mais da metade da taxa das brancas\*\*

Superior completo, em %

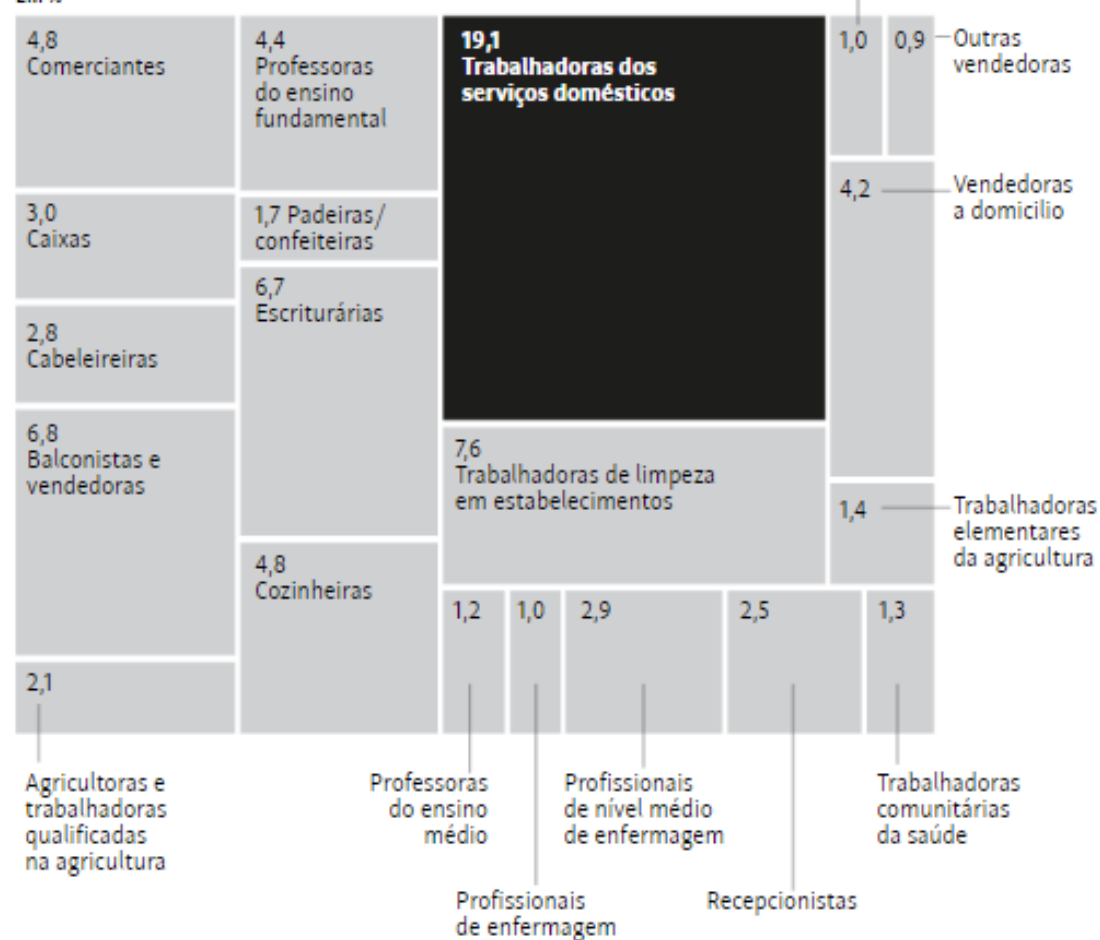


\*\*Em idade ativa (15 a 64 anos)

Fonte: Folha de São Paulo, 2019.

Quase 20% das mulheres negras ocupadas trabalham com serviços domésticos

Em %



Fonte: Levantamento feito com base nos microdados da PNAD pelo economista Cosmo Donato, da LCA consultores

Fonte: Folha de São Paulo, 2019.